



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
“CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO”
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

LORENE FERNÁNDEZ DALL NEGRO FERRARI



A POTÊNCIA DOS AFETOS NAS EXPERIÊNCIAS
(TRANS)FORMATIVAS NO INSTITUTO MOINHO CULTURAL SUL-
AMERICANO NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA:
EMERGÊNCIAS, PERFORMANCES E VIVÊNCIAS

Cáceres
2025



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
“CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO”
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

LORENE FERNÁNDEZ DALL NEGRO FERRARI



**A POTÊNCIA DOS AFETOS NAS EXPERIÊNCIAS
(TRANS)FORMATIVAS NO INSTITUTO MOINHO CULTURAL SUL-
AMERICANO NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA:
EMERGÊNCIAS, PERFORMANCES E VIVÊNCIAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade do Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado” - UNEMAT, Campus Universitário de Cáceres como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel
Co-Orientadora: Profª Dra. Suzana Vinicia Mancilla Barreda

Cáceres
2025

F375p Ferrari, Lorene Fernández Dall Negro.

A potência dos afetos nas experiências (trans)formativas no Instituto Moinho Cultural Sul-Americano na fronteira Brasil-Bolívia: emergências, performances e vivências / Lorene Fernández Dall Negro Ferrari. - Cáceres, 2025.

131f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Linguística/CAC-PPGL - Cáceres - Doutorado Acadêmico, Campus Universitário De Cáceres "Jane Vanini".

Orientador: Dr. Ruberval Franco Maciel.

Co-Orientadora: Dra. Suzana Vinícia Mancilla Barreda.

1. Construção de Sentidos. 2. Afeto. 3. Espaço Translúgüe. 4. Trajetórias de Vida. I. Barreda, Ruberval Franco Maciel, Dr. II. Mancilla, Suzana Vinícia, Dra. III. Título.

UNEMAT / MT- SCB

CDU 159.942:81/82

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMAT
Catalogação de Publicação na Fonte. UNEMAT - Unidade padrão

TERMO DE APROVAÇÃO

LORENE FERNÁNDEZ DALL NEGRO FERRARI

A POTÊNCIA DOS AFETOS NAS EXPERIÊNCIAS (TRANS)FORMATIVAS NO INSTITUTO MOINHO CULTURAL SUL- AMERICANO NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA: EMERGÊNCIAS, PERFORMANCES E VIVÊNCIAS

Tese como requisito para obtenção do grau de Doutor no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado” - UNEMAT, Campus Universitário de Cáceres, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel - Orientador

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

Profa Dra. Suzana Vinicia Mancilla Barreda - Co-Orientadora

Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

Profa Dra. Bárbara Cristina Gallardo - Membro Interno

Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

Profa Dra. Cláudia Hilsdorf Rocha - Membro Externo

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Profa Dra. Marcella dos Santos Abreu- Membro Externo

Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’ - UNESP

Profa Dra. Roseli Peixoto Grubert- Membro Externo

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

Profa. Dra. Erika Regina Souza Campos - Suplente

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Profa. Dra. Prof. Dra. Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira - Suplente

Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

Cáceres (MT), 01 de julho de 2025.

AGRADECIMENTOS

A concretização deste Doutorado só foi possível graças ao apoio de diversas pessoas e instituições, a quem agradeço de coração:

Ao Instituto Moinho Cultural Sul-Americano, que abriu suas portas para que eu pudesse transitar livremente para buscar as emergências desta pesquisa. Em especial a Márcia Raquel Rolon, agradeço pela acolhida e pelo carinho com que me recebeu. A todos os colaboradores, professores e aos alunos que também me receberam com os olhos brilhantes e amor no coração;

Aos meus orientadores, Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel e Profa Dra. Suzana Vinicia Mancilla Barreda, dedico meu mais sincero agradecimento. Agradeço por terem aceitado somar junto nesta pesquisa e por me orientar com liberdade neste percurso desafiador.

Ao Alan Silus e Renan Dallago, meu especial reconhecimento pelo suporte indispensável na reta final deste trabalho. A contribuição de vocês foi essencial para que o resultado se tornasse tão especial;

Aos membros das bancas de qualificação e de defesa, Profa Dra. Cláudia Hilsdorf Rocha, Profa Dra. Marcella dos Santos Abreu, Profa Dra. Bárbara Cristina Gallardo, Profa Dra. Roseli Peixoto Grubert, Profa. Dra. Erika Regina Souza Campos, Profa. Dra. Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira, agradeço pelas contribuições valiosas e pelos olhares generosos que tanto enriqueceram minha pesquisa;

À minha família: meus filhos, minhas noras e meus netos, Clara e Caio. O apoio incondicional foi muito importante para que eu conseguisse chegar ao final deste trabalho;

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNEMAT, Campus Cáceres, minha gratidão pelos conhecimentos compartilhados, que me forneceram a base necessária para o desenvolvimento deste estudo.

E para encerrar, uso das palavras do poeta Manoel de Barros para agradecer a todos os demais envolvidos nesse processo:

Não tenho a anatomia de uma garça pra receber
em mim os perfumes do azul.

Mas eu recebo.

É uma bênção.

[...]

Logo dou aos caracóis ornamentos de ouro
para que se tornem peregrinos do chão.

Eles se tornam.

É uma bênção.

Até alguém já chegou de me ver passar
a mão nos cabelos de Deus!

Eu só queria agradecer.

RESUMO

Esta pesquisa, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística – PPGL da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, está inscrita na área de concentração “Estudo de Processos Linguísticos” e na linha de pesquisa “Estudo de Processos de Práticas Sociais da Linguagem”, na perspectiva da Linguística Aplicada. Como objetivo desta pesquisa, busco analisar, em um espaço translíngue, a construção de sentidos na produção de afecções, a partir de trajetórias de vida de participantes do Instituto Moinho Cultural Sul-Americano. Para tanto, como arcabouço teórico, pautei-me nos estudos da translanguagem (Canagarajah, 2020; Garcia, 2020; Rocha e Maciel, 2015; Wei, 2011) e das teorias de afeto Morgan, Rocha e Maciel (2021) e Spinoza (2009). O viés metodológico, pelo qual me orientei, consiste na abordagem qualitativa, com base na metodologia emergente pós-moderna, dos estudos de Somerville (2007, 2012) e Maciel (2016). Optei por esta metodologia por ser uma abordagem mais dinâmica para a análise de dados, levando em conta três aspectos para a qualidade da emergência: os processos de *wondering*, *becoming* e *generating*. Neste cenário, a emergência possibilita a fluidez, o desenvolvimento, o imprevisto, na procura por novos saberes. Nessa perspectiva, os dados foram gerados durante as minhas visitas ao Instituto Moinho Cultural Sul-Americano em Corumbá-MS. Considerei, para análise, os dados gerados a partir de múltiplos instrumentos: anotações no diário de campo onde observei tudo o que via e sentia, gravação de áudio e vídeo feitas a partir de meu celular, gravações recebidas dos participantes através de meu WhatsApp. A partir desta pesquisa busquei promover uma reflexão acerca de como os sentidos são construídos e podem emergir, considerando uma dimensão corporificada e afetiva tanto na teoria como na prática. Procurei olhar para os encontros de corpos, para as trajetórias de vida de integrantes do Moinho. Busquei, a partir das emergências, as percepções translíngues e afetivas das trajetórias de vida. Essa profusão de vivências provocou a geração de novos conhecimentos e sentimentos antes não pensados por mim ou para esta pesquisa.

Palavras-chave: Construção de Sentidos. Afeto. Espaço translíngue. Trajetórias de vida.

ABSTRACT

This research, linked to the *Stricto Sensu* Postgraduate Program in Linguistics - PPGL of the State University of Mato Grosso - UNEMAT, is enrolled in the area of concentration “Study of Linguistic Processes” and in the research line “Study of Processes of Social Practices of Language”, from the perspective of Applied Linguistics. As the objective of this research, I seek to analyze, in a translingual space, the construction of meanings in the production of affections, based on the life trajectories of participants of the Instituto Moinho Cultural Sul-Americano. To this end, as a theoretical framework, I was guided by the studies of translanguaging (Canagarajah, 2020; Garcia, 2020; Rocha and Maciel, 2015; Wei, 2011) and the theories of affect Morgan, Rocha and Maciel (2021) and Spinoza (2009). The methodological bias that guided me consists of a qualitative approach, based on the emerging postmodern methodology of the studies by Somerville (2007, 2012) and Maciel (2016). I chose this methodology because it is a more dynamic approach to data analysis, taking into account three aspects for the quality of emergence: the processes of wondering, becoming, and generating. In this scenario, emergence enables fluidity, development, and the unexpected in the search for new knowledge. From this perspective, the data were generated during my visits to the Instituto Moinho Cultural Sul-Americano in Corumbá-MS. For analysis, I considered the data generated from multiple instruments: notes in the field diary where I observed everything I saw and felt, audio and video recordings made on my cell phone, and recordings received from participants via my WhatsApp. Based on this research, I sought to promote a reflection on how meanings are constructed and can emerge, considering an embodied and affective dimension in both theory and practice. I sought to look at the encounters of bodies, at the life trajectories of the members of Moinho. I sought, based on the emergencies, the translingual and affective perceptions of life trajectories. This profusion of experiences led to the generation of new knowledge and feelings not previously considered by me or for this research.

Keywords: Construction of Meanings. Affection. Translingual space. Life trajectories.

RESUMEN

Esta investigación, vinculada al Programa de Posgrado Stricto Sensu en Lingüística (PPGL) de la Universidad Estatal de Mato Grosso (UNEMAT), se inscribe en el área de concentración «Estudio de Procesos Lingüísticos» y en la línea de investigación «Estudio de Procesos de Prácticas Sociales del Lenguaje», desde la perspectiva de la Lingüística Aplicada. Como objetivo de esta investigación, busco analizar, en un espacio translingüístico, la construcción de significados en la producción de afectos, a partir de las trayectorias de vida de los participantes del Instituto Moinho Cultural Sul-Americano. Para ello, como marco teórico, me guié por los estudios sobre translenguaje (Canagarajah, 2020; Garcia, 2020; Rocha y Maciel, 2015; Wei, 2011) y las teorías del afecto de Morgan, Rocha y Maciel (2021) y Spinoza (2009). El enfoque metodológico que me guió consiste en un enfoque cualitativo, basado en la metodología posmoderna emergente de los estudios de Somerville (2007, 2012) y Maciel (2016). Elegí esta metodología por ser un enfoque más dinámico para el análisis de datos, considerando tres aspectos de la calidad de la emergencia: los procesos de *wondering*, *becoming* y *generating*. En este escenario, la emergencia permite la fluidez, el desarrollo y lo inesperado en la búsqueda de nuevos conocimientos. Desde esta perspectiva, los datos se generaron durante mis visitas al Instituto Moinho Cultural Sul-Americano en Corumbá-MS. Para el análisis, consideré los datos generados a partir de múltiples instrumentos: notas en el diario de campo donde observé todo lo que vi y sentí, grabaciones de audio y video realizadas en mi celular y grabaciones recibidas de los participantes por WhatsApp. Con base en esta investigación, busqué promover una reflexión sobre cómo se construyen y pueden surgir los significados, considerando una dimensión corpórea y afectiva tanto en la teoría como en la práctica. Busqué observar los encuentros entre cuerpos, las trayectorias de vida de los miembros del Moinho Cultural. A partir de las emergencias, busqué las percepciones translingüísticas y afectivas de las trayectorias de vida. Esta profusión de experiencias condujo a la generación de nuevos conocimientos y sentimientos que no había considerado previamente ni yo ni para esta investigación.

Palabras clave: Construcción de significados. Afecto. Espacio translingüístico. Trayectorias de vida.

LISTA DE FIGURAS

Imagem aérea do Instituto Cultural Moinho Sul-Americano	Figura 1: 22
Foto de Márcia	Figura 2: 23
Vista aérea da região de fronteira Brasil-Bolívia	Figura 03: 25
Moinho Cultural: antes e agora	Figura 04: 27
Moinho em ação: atividades	Figura 05: 28
As práticas linguísticas	Figura 06: 29
O momento do acolhimento	Figura 07: 30
Momentos no refeitório	Figura 08: 31
As salas de aula	Figura 09: 32
Sala de dança	Figura 10: 33
Os colaboradores do Moinho em 2024	Figura 11: 35
Vamos buscar nossos filhos	Figura 12: 37
Na parede da Administração do Moinho Cultural	Figura 13: 39
As sapatilhas do tempo	Figura 14: 40
O Reconhecimento	Figura 15: 41
Representação dos aspectos representados por Somerville (2007)	Figura 16: 48
O repertório espacial do Moinho Cultural	Figura 17: 63
O Moinho Cultural: um texto transsemiótico	Figura 18: 85
Carta de Manoel de Barros	Figura 19: 87

Figura 20:	89
Foto da enchente em 1974	
Figura 21:	94
A conversa com os bailarinos	
Figura 22:	96
Núbia Santos dançando	
Figura 23:	97
Kelven dançando	
Figura 24:	100
Foto do pátio do Moinho	
Figura 25:	102
O Coral no Palco	
Figura 26:	104
Sr. Caramujo e Bernardo-Árvore	
Figura 27:	104
As Crianças no Colo	
Figura 28:	106
Linguagem em movimento	
Figura 29:	107
A melodia do acordeon e o compasso dos tambores	
Figura 30:	108
Apontam para um horizonte de esperança	
Figura 31:	108
A dependência no caos	
Figura 32:	109
Elementos recontextualizados	
Figura 33:	110
Os corpos e o movimento dos barcos	
Figura 34:	110
Um caminhar exaustivo: o peso do barco	
Figura 35:	111
Cada um em seu tempo e espaço	
Figura 36:	111
A dor da perda	
Figura 37:	112
A dor da alma	
Figura 38:	113
Sr. Caramujo ressurgue melancólico	
Figura 39:	114
A alegre volta dos bailarinos	

LISTA DE INFOGRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

Infográfico 1:

Quatro dimensões para o prefixo “trans”	54
---	----

Quadro 1:

Temas do Moinho in Concert.....	34
---------------------------------	----

Tabela 1:

Mudanças da orientação estruturalista para a espacial.....	64
--	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAIC	Centro de Atenção Integral à Criança
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LA	Linguística Aplicada
MINC	Ministério da Cultura
MS	Mato Grosso do Sul
MT	Mato Grosso
ONG	Organização não Governamental
PL	Paisagem Linguística
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SUMÁRIO

ACHADOUROS.....	14
INTRODUÇÃO	
DO ESPETÁCULO ÀS POSSIBILIDADES DE PESQUISA.....	17
CAPÍTULO 1	
APROXIMAÇÕES AO CONTEXTO: O INSTITUTO MOINHO CULTURAL SUL-AMERICANO.....	22
CAPÍTULO 2	
CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA.....	43
2.1. RELEVÂNCIA/JUSTIFICATIVA DA PESQUISA.....	43
2.2. OBJETIVOS E PERGUNTAS DA PESQUISA.....	44
2.3. METODOLOGIA.....	45
2.3.1. Abordagem Qualitativa.....	46
2.3.2. A Epistemologia da Emergência Pós-Moderna.....	47
2.4. INSTRUMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS.....	49
CAPÍTULO 3	
A TRANSLINGUAGEM A PARTIR DOS REPERTÓRIOS ESPACIAIS, PRÁTICAS CORPORIFICADAS E AFETIVAS.....	52
3.1. A TRANSLINGUAGEM E SEUS MOVIMENTOS TRANSCENDENTES.....	53
3.2. O AFETO E SEUS MOVIMENTOS TRANSCENDENTES.....	71
3.3. O AFETO E SEUS ASPECTOS TRANSCENDENTES RESSIGNIFICADOS NO PPGL.....	81
CAPÍTULO 4	
EMERGÊNCIAS ENTREMEADAS POR VIVÊNCIAS, PERFORMANCES E AFETOS.....	84
4.1. O AFETO COMO POTÊNCIA DE AGIR: A FORÇA DE EXISTIR DE MÁRCIA.....	86
4.2. ONDE EU POSSO SER QUEM EU QUISER. EU SÓ QUERIA BALÉ.....	93
4.3. ANDARILHOU. ANDARILHOU. ELE MIGRA. É UM ANDARILHO CAMINHANTE. UM MIGRANTE.....	101
4.4. NO BARCO DOS SILÊNCIOS O CORPO CONTA HISTÓRIAS.....	105
CONSIDERAÇÕES EM MOVIMENTO.....	117
REFERÊNCIAS	
BIBLIOGRÁFICAS E DIGITAIS.....	124

ACHADOUROS



Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor.

Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. Mas o que eu queria dizer sobre o nosso quintal é outra coisa. Aquilo que a negra Pombada, remanescente de escravos do Recife, nos contava.

Pombada contava aos meninos de Corumbá sobre achadouros. Que eram buracos que os holandeses, na fuga apressada do Brasil, faziam nos seus quintais para esconder suas moedas de ouro, dentro de grandes baús de couro. Os baús ficavam cheios de moedas dentro daqueles buracos.

Mas eu estava a pensar em achadouros de infâncias. Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa.

Sou hoje um caçador de achadouros de infância. Vou meio dementado e enxada às costas a cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos. Hoje encontrei um baú cheio de punhetas.

Manoel de Barros

In: *Memórias Inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

Inspirada pelo poema “Achadouro” de Manoel de Barros, este estudo me fez perceber que o quintal da minha infância era muito maior que a própria cidade. Cresci em um ambiente onde, o português de minha família paterna e o espanhol da materna, argentinos e espanhóis, convivem livremente.

A comunicação fluía de forma natural, e se dava pela prática de vários recursos, como por exemplo, a apropriação mútua de vocabulário. Foi mais tarde, por meio dos estudos da teoria da translinguagem que pude compreender a riqueza de meu quintal. Nessa jornada acadêmica, percebi que havia recebido ferramentas para descobrir que esse quintal era, na verdade, um laboratório de práticas translingues.

Ao evocar a imagem dos “achadouros” de infância, o autor me conduz à minha própria jornada de pesquisadora. Nesse sentido, o Mestrado se tornou minha “enxada”, ferramenta com a qual pude “cavar” meu tema de pesquisa na cidade de Corumbá. O objetivo era investigar aspectos de translinguagem que poderiam emergir na interação professor-aluno em uma sala de

aula. Ocorreu no 1º ano da Escola Municipal CAIC (Centro de Atenção Integral à Criança e Adolescente), em que a professora Mariza Benta recebeu 17 alunos: 14 tinham como idioma materno o espanhol e 3 o português. No entanto, essa escavação me levou a um “achadouro” inesperado: minha própria história. Os estudos sobre a translanguagem me levaram a me reconectar ao quintal de minha infância, e perceber que éramos uma família translíngue sem nem nos darmos conta.

Entendo que meu grande “achadouro” foi encontrar o conceito de translanguagem. Essa teoria desenterrou um baú de memórias e significados, explicando toda uma vida: a minha criação bilíngue e também a forma de ensinar idiomas. As experiências vivenciadas durante minha pesquisa de Mestrado, me levaram a refletir sobre a forma com que sempre ensinei línguas estrangeiras.

O embasamento teórico me fez constatar que minha abordagem de ensino, de forma instintiva, desafiava o restrito modelo monolíngue de línguas separadas. Foi um momento de validação da minha maneira “diferente” de ensinar. Encontrei, enfim, respostas para meus questionamentos e para minha constante insatisfação com os materiais para o ensino de inglês e espanhol. Em vez disso, buscava outros caminhos que valorizassem o repertório do aluno como alicerce para se comunicar de maneira efetiva.

Minha trajetória profissional me permitiu seguir no universo dos idiomas. Porém, dialogando entre duas vertentes opostas da prática linguística. Ao ser nomeada como Tradutora Pública, me deparei com uma prática tradutória de documentos em que tinha que renunciar à liberdade construída a partir de práticas mais livres. De um lado, o meu tesouro, a translanguagem e do outro, a exigência de uma prática que se alinha à ideia de línguas nomeadas separadas.

No entanto, esse cargo contempla o trabalho de intérprete, o qual exige a necessidade de práticas que se alinham ao conceito de translanguagem. Nesse papel, meu desafio é garantir a compreensão ao lidar com pessoas que dominam muito bem o espanhol ou português, aquelas cujo nível de cognição dificulta a clareza da expressão, com falantes de línguas originárias com proficiência limitada em espanhol, ou mesmo com aqueles que, por diversas razões, optam por não se fazer entender.

A imersão em uma realidade multilíngue, que demanda navegar constantemente pela fluidez de práticas comunicativas, impulsionou a construção desta tese. A partir dessa vivência, constatei que estratégias translíngues transcendem a linguagem verbal e se tornam ferramentas para viabilizar outros recursos semióticos. Nesse sentido, proponho uma expansão do

entendimento da comunicação em cenários complexos e desafiadores, incorporando a dança, a performatividade e a música como práticas.

Na introdução que segue, farei as apresentações formais deste estudo, definindo o movimento linguístico que emerge quando a translanguagem se torna a ferramenta central para a interação humana e afetiva.



INTRODUÇÃO

DO ESPETÁCULO ÀS POSSIBILIDADES DE PESQUISA

Tem que dialogar com a música, escuta a música, a música está falando o tempo inteiro pra vocês, né? A música tá falando o que, gente? Tem que escutar. Tem que responder. (Aline Silva Espírito Santo, bailarina da Cia de Dança do Pantanal)

Início esta Tese com a fala de Aline, professora do Instituto Moinho Cultural Sul-Americano em Corumbá (MS), quando ensaiava os alunos de balé para uma apresentação muito importante. O ensaio teve lugar em uma sala no espaço Moinho Cultural onde ocorre esta pesquisa. Com esse recorte, convido o leitor desta tese a iniciar a reflexão a respeito de conceitos que investigam um texto como a epígrafe onde se pode dialogar com a música, onde a música fala e você tem que responder.

À medida em que me aprofundei nos estudos da translanguagem, horizontes foram ampliados, as lentes se tornaram mais plurais buscando outras perspectivas. A partir de autores como Rocha e Megale (2021), passo a reconhecer a importância de perceber a translanguagem em sua amplitude, como uma prática social situada e ideologicamente marcada. As autoras ressaltam que o translanguar é, na verdade, algo que sempre fizemos, uma ação cotidiana e se manifesta de diversas formas e propósitos nos diferentes campos sociais, onde nossas relações se estabelecem.

Com base nas autoras, entendo que a translanguagem nos acompanha em nossos relacionamentos e vivências em diversos contextos, buscando os efeitos das relações de poder estabelecidas nesses espaços. Essa reflexão, nos convida a pensar de forma criativa e crítica na reconstrução desses espaços, buscando “um horizonte mais libertário e emancipatório” (Rocha e Megale, 2021, p. 17). Sendo assim, na busca por um futuro emancipatório, cabe a nós o compromisso com uma ação consciente e transformadora que promova a efetivação de práticas mais democráticas e inclusivas.

A chamada virada multilíngue, expõe a persistência de um paradigma estruturante, linear, redutor e homogeneizante na abordagem da pluralidade linguística. Nesse contexto, May

(2014) propõe desafiar todo esse pensamento, entendendo que a ideia de língua pode ser ressignificada e repensada.

A noção de língua é entendida como um fenômeno que ocorre em um determinado contexto, com uma determinada história, entre determinados interlocutores. Nesse sentido, a língua é pensada em sua heterogeneidade, variabilidade e dinamismo na concepção de Souza e Hashiguti (2022), ideia essa que já era apontada por Mikhail Bakhtin (1979) e consolidada por Volóchinov (2017). Relaciono esse entendimento de língua como uma reação contra a normatividade imposta por regras instituídas a partir da colonização de nossos territórios.

Nesse contexto, um novo projeto de extensão sobre translinguagem me proporcionou a volta à região fronteira onde realizei minha pesquisa de Mestrado. O convite para participar deste projeto que seria desenvolvido no Instituto Moinho Cultural e as conversas com meus orientadores, me levou a definir minha pesquisa de Doutorado. Assim, esta tese se desenvolve em uma zona de contato, um espaço que, mesmo não sendo de ensino regular, se caracteriza pelo aprendizado e pela interação de participantes que trazem diversas línguas e culturas.

Retorno a esta fronteira com um olhar translíngue, caracterizando os habitantes dessa região como indivíduos que têm uma formação familiar muito parecida com a minha, falantes de duas línguas: espanhol e português. Essa situação se potencializa pela localização fronteira em que os trânsitos cotidianos permitem que as pessoas morem em Puerto Quijarro na Bolívia e trabalhem ou estudem em Corumbá no Brasil, ou vice-versa, formando o que se denomina imigração pendular.

Nesse contexto de identidades e culturas fluidas na fronteira, está o Instituto Moinho Cultural Sul-Americano que tem o objetivo de realizar projetos para a democratização cultural e para o desenvolvimento humano e social da região, diminuindo a vulnerabilidade de crianças e adolescentes na fronteira (Rolon, 2010). A autora define como um projeto que busca apresentar a arte como forma de negociação com as diferenças, criando um diálogo social que constrói saberes e respeito mútuo.

Em visita ao Moinho, me foi relatado que são atendidas crianças da Bolívia e do Brasil. Elas têm a oportunidade de permanecer por até 8 anos na instituição, com aulas semanais de dança, música, tecnologia, apoio escolar, educação ambiental, educação patrimonial, tecnologias e práticas linguísticas, funcionando no contraturno da escola regular. Ao observar o espaço, percebi que existe uma rotina como o momento do acolhimento e o intervalo para a merenda entre o horário das atividades.

Tive a oportunidade de estar naquele espaço e assistir a algumas das aulas de música e,

também de dança. Nessa minha visita, participar como observadora das aulas me levou a reflexões que envolviam a linguagem relacionada ao corpo, à dança e ao processo de construção de sentidos, levando em conta a linguagem verbal e não verbal. Como aponta Santaella (2012), ser um indivíduo social e estar no mundo, é estar mediado por uma teia plural de linguagens que se constituem em formas sociais de comunicação.

A partir do pós-estruturalismo, caminhos foram abertos a pesquisadores da Linguística Aplicada (LA) que passaram a entender a língua não mais como um sistema isolado. Em resposta, teorias como a multimodalidade, a translanguagem, o afeto, entre outras, buscam contribuir para o estudo da linguagem como uma prática social de construção de sentidos, mais fluida, heterogênea e dinâmica.

Ao realizar esta pesquisa, busco trazer conceitos de translanguagem em um espaço não escolarizado, com um olhar para além das línguas nomeadas, resgatando questões afetivas, do corpo, da mente, do repertório linguístico e artístico daqueles que ocupam esse espaço. Entender os conceitos de translanguagem tendo como pano de fundo o Moinho Cultural, buscando descontaminar meu olhar com a noção de escola regular.

No campo da Linguística Aplicada, a virada multilíngue (*multilingual turn*) significa uma mudança de paradigma, buscando olhares para se investigar a fluidez das práticas de linguagens em contextos dinâmicos e situados. Nesse cenário, destaca-se a sociolinguística da globalização (Blommaert e Rampton, 2011), que introduz o conceito de sociolinguística dos recursos móveis, rompendo com a noção de texto e contexto. Igualmente, as pesquisas em translanguagem de autores como Garcia (2019), Canagarajah (2020) e Garcia e Wei (2014) que abrem espaço para o estudo da língua a partir de uma dimensão mais diversificada ao transcender as fronteiras linguísticas e conceber repertórios mais amplos ao se considerar os processos de construção de sentidos.

No Brasil, são estudos relativamente recentes. Levantamentos de Rocha e Maciel (2020), indicam que as pesquisas nesta temática têm abordado o ensino de línguas em contextos bilíngues, residenciais, escolares, da saúde, fronteiriços e no contexto de surdez. Alinhada ao movimento do *multilingual turn*, esta tese busca evidenciar uma noção translíngue que concebe as práticas de linguagens como hibridizadas e emergentes, apresentando tensões criativas entre as línguas, expressões artísticas e repertórios afetivos dos participantes.

O Moinho é um espaço que transforma e afeta todos os seus integrantes, gerando um sentimento de pertencimento que nasce de atitudes de respeito mútuo durante todo o seu funcionamento. Para mim, como pesquisadora, é um espaço de encantamentos que cativa,

embruja, como se percorresse um labirinto mágico. Subir escadas, descer escadas, entrar em um pequeno corredor, e encontrar um outro maior, onde as portas têm nomes de notas musicais e nomes de artistas. Ao caminhar pelo Moinho, é possível deparar-se com um piano, um aluno tocando seu instrumento, uma viola de coxo, fotos nas paredes que recuperam memórias.

Um lugar com um imenso potencial que surge por fugir do currículo, pois oferece a possibilidade de vivenciar a arte sem nenhuma pretensão de educação formal, vivendo experiências educativas autênticas. O canto, a música e a dança se conectam com todas as partes desse espaço, tornando-se elementos que dialogam com a expressão corporal e a manifestação de sentimentos... e isso é arte e vida.

Ao trazer à tona elementos como a corporeidade, o sentimento e a arte, entendo necessário recorrer à filosofia em busca de respostas para compreender o ser humano e a natureza de seu conhecimento. Por um longo período, a ciência privilegiou a racionalidade que separava corpo e mente. No século XVII, René Descartes (1596-1650) considerou uma filosofia dualista, estabelecendo a separação entre mente e corpo. Para ele, a mente era racional, exercia um poder absoluto sobre as ações do corpo e dominava os afetos e as paixões, relegando ao corpo a condição de fonte de erro, irracionalismo e pecado e tinha que ser controlado pela razão.

O filósofo holandês Baruch Spinoza (1623-1677) revolucionou a maneira de compreender os afetos, ao propor que a razão não é superior ao corpo e nem o corpo é superior à razão. Em uma perspectiva monista, defende que a mente e corpo compõem uma mesma instância, inseparáveis e equivalentes em conhecimento e poder. Essa perspectiva spinozista valoriza a experiência artística que potencializa sentimentos e gera encontros que modulam nossa potência de existir. Assim, a teoria do afeto de Spinoza (2009) e o poder transformador da translinguagem conferem ao Instituto Moinho Cultural se tornar um poderoso agente de justiça social, promovendo a equidade e a diversidade em uma zona de fronteira.

Ao considerar o espaço do Moinho Cultural como cenário desta pesquisa, reconheço o seu valor crucial para articular as teorias da translinguagem e do afeto. Busco assim, compreender como uma experiência formativa potente, qualquer que seja, necessita envolver o corpo em toda sua capacidade de sentir e ser afetado pelo mundo. É um espaço privilegiado para colher relatos sobre como a arte potencializa emoções, solidariedade, justiça social e a transformação desse contexto.

Para percorrer comigo este caminho translíngue de potência afetiva, convido você leitor, para seguir com a leitura. Organizei esta tese em quatro capítulos. Início o Capítulo 1 **“Aproximações ao contexto: o Instituto Moinho Cultural Sul-Americano”** convidando

você, a uma jornada pelo lócus desta pesquisa. Estrategicamente, sua posição no primeiro capítulo, é proposital: busco transmitir a essência desse local, onde a cultura emerge como forma de superação e encantamento. Assim, proponho uma imersão em um ambiente de profundo significado e impacto, preparando o terreno para uma análise sensível e prazerosa que virá.

No Capítulo 2 **“Considerações metodológicas da pesquisa”** dedico ao percurso metodológico que fundamenta esta tese. Apresento a articulação entre as perguntas norteadoras e os objetivos propostos, que orientam os procedimentos para a geração e análise dos dados. Assim, busco oferecer uma compreensão do rigor empregado e da confiabilidade das conclusões desta pesquisa

O Capítulo 3, intitulado **“A translinguagem a partir dos repertórios espaciais, de práticas corporificadas e afetivas”** está organizado em duas partes que se complementam. Na primeira, abordo o conceito de translinguagem em toda sua transcendência. A noção de translinguagem como assemblagem será abordada reconhecendo a complexidade da comunicação real. Na segunda parte, o foco será nas contribuições da filosofia de Spinoza e outros, especificamente o conceito de afeto. Assim, se consolida um diálogo teórico entre a translinguagem como assemblagem que potencializa um modo de existência que envolve o corpo e a construção de sentidos.

No quarto capítulo, **“Emergências entremeadas por vivências, performances e afetos”**, uma imersão translíngue, multissensorial e afetiva, que celebra a diversidade linguística e cultural por meio dos sentidos. Prepare-se não só para uma leitura informativa, mas um trajeto transformativo. Você será envolvido em uma conexão profunda com as trajetórias de vida, envolvendo-se nas vivências e os sentimentos dos participantes desta pesquisa. Ao encontrar os ícones do Moinho ao longo do texto, clique e deixe-se surpreender.

Por fim, as **“Considerações em movimento”** onde poderá sentir e entender os movimentos que resultaram desta pesquisa.



CAPÍTULO 1

APROXIMAÇÕES AO CONTEXTO: O INSTITUTO MOINHO CULTURAL SUL-AMERICANO

E o Moinho voltou à sua essência!

(Márcia Raquel Rolon, diretora executiva do Moinho Cultural)

Abro este capítulo com a epígrafe de Márcia Rolon, que me causou um grande impacto ao ouvir toda a história do Moinho Cultural. O depoimento reflete a jornada de 20 anos da instituição que, devido a obstáculos que surgiram, volta à essência de quando tudo começou.

A título de contextualização, leitor, o **Instituto Moinho Cultural Sul-Americano** é uma instituição não governamental, sem fins lucrativos. Tem como missão a diminuição da vulnerabilidade de crianças e adolescentes na região de fronteira, através do acesso a bens culturais e conhecimento tecnológico.

Figura 01: Imagem aérea do Instituto Cultural Moinho Sul-Americano



Fonte: Instagram Moinho Cultural - Reprodução

O Moinho Cultural, como todos se referem à instituição, está localizado em Corumbá (MS) fronteira com Puerto Quijarro (Bolívia). Rolon (2010) o define como uma inovadora ferramenta de política pública para viabilizar a convivência fronteiriça. Busca transformar positivamente a realidade nos territórios fronteiriços, dar voz e vez às crianças, adolescentes e jovens através do acesso à dança, música, artes, conhecimento tecnológico, noções de empreendedorismo e cidadania plena.

A trajetória de Marcia Rolon culminou no que é hoje o Instituto Moinho Cultural Sul-Americano. Não é possível dissociar Márcia do Moinho. A convivência que esta pesquisa me proporcionou, permitiu entender que o Moinho reflete a Márcia e a Márcia é a alma do Moinho. Apresento a vocês Márcia, a partir de uma imagem que está em seu Instagram, a qual entendo capturar a essência dessa mulher.

Figura 02: Foto de Márcia



Fonte: Instagram Moinho Cultural - Reprodução

Início esta narrativa, com uma pergunta de Martin Luther King Jr. que sempre tenho em

mente: “A pergunta mais urgente e persistente da vida é: O que você tem feito pelos outros?”

¹Convido você, leitor, talvez a encontrar uma resposta para esta pergunta ao conhecer a trajetória de Márcia Rolon e do Moinho Cultural. Para começar, clique no ícone ao lado e veja o vídeo sobre o Moinho Cultural, situado em uma rua de paralelepípedos, tendo ao outro lado o imponente rio Paraguai.



O Moinho Cultural surgiu do sentimento de Márcia Rolon de criar um projeto que trouxesse o mundo para o coração do Pantanal, Corumbá, para a fronteira. Desde o início já tinha em mente um viés de projeto social, comentou em uma de nossas conversas. Esse sentimento não aconteceu de forma mágica, mas sim teve origem em sua experiência de vida, de sobrevivência, de sua trajetória com a arte. Viveu a cheia do Rio Taquari, quando a família teve que abandonar a casa e recomeçar em outro lugar, em Corumbá. Influenciada pela mãe bailarina, Sonia Maria Ruas Rolon, mergulhou na vida das artes.

Conheceu o mundo através de suas experiências artísticas. Começou com viagens a São Paulo nas férias. Frequentou cursos em diversas áreas das artes, como o curso de dança na Universidade do Rio de Janeiro. Dançou no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, aprendeu a tocar instrumentos musicais, vivendo e respirando arte na cidade maravilhosa. No entanto, houve um momento em que se viu diante da necessidade de escolher entre o piano e o balé. E nesse momento, o destino a trouxe de volta a Corumbá.

Na vida de Márcia, a arte e a natureza sempre estiveram presentes, desde sua infância, tendo como influenciadora sua mãe. Em uma de suas entrevistas, relata que se encantava com as peças artesanais criadas por ela, utilizando elementos que a natureza do Pantanal lhe oferecia. Como sua mãe também era bailarina, prossegue contando que não só a arte, mas também a dança, deram a sua família “comida, roupa, educação e a possibilidade de sonhar”. Percebo nessas palavras, um dos objetivos do Moinho que é proporcionar às crianças e jovens que frequentam aquele espaço, a possibilidade de sonhar, sobreviver, e existir como pessoa, através da arte e da educação.

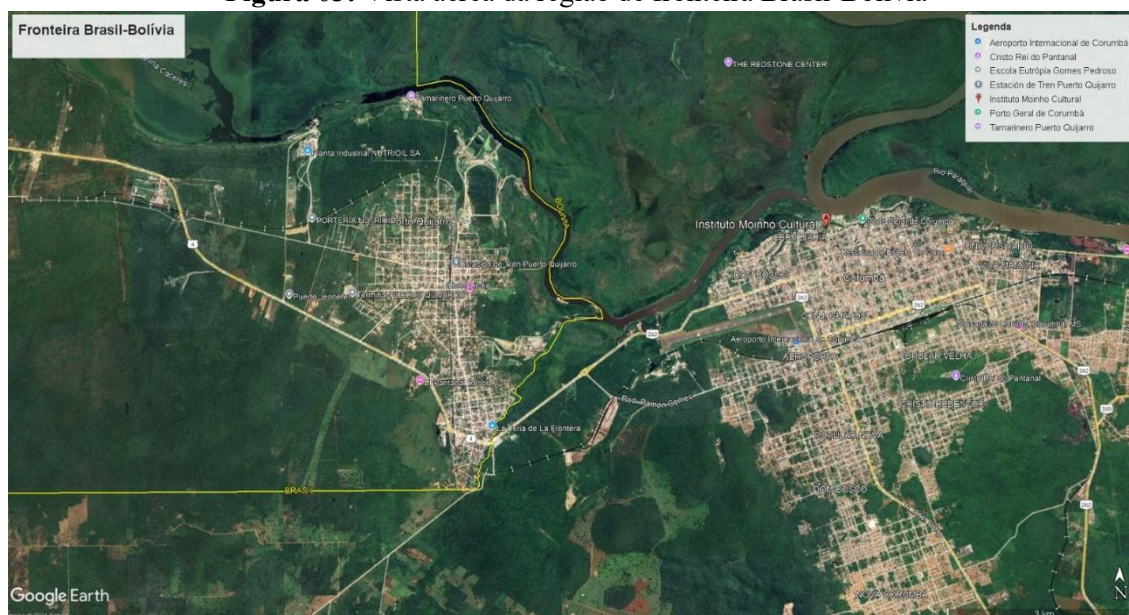
Márcia retornou a Corumbá com a ideia de trazer sua vivência de mundo das artes para a cidade. Em seu primeiro projeto, tinha como objetivo trazer o mundo para dentro do Pantanal. Motivo pelo qual criou a “Mostra Corumbá-Santuário Ecológico da Dança”, que buscava unir a música e a dança, onde não houvesse a eterna competição entre músicos e bailarinos. Foi a partir desse evento que Márcia chegou à conclusão que precisava criar algo com mais impacto:

¹ <https://youtu.be/TgB6RQw4HfM>

“Pensei! Eu quero fazer um projeto social, com música, dança e família e fronteira”. As experiências de Márcia e os encontros proporcionados por essa Mostra, a levaram a dar início ao projeto do Instituto Moinho Cultural Sul-Americano.

Antes de detalhar os objetivos e conceitos desse instituto, é fundamental que o leitor conheça a região em que o Moinho está inserido, para assim compreender o motivo de ele existir. Está localizado na cidade de Corumbá, no Brasil, que faz fronteira com Puerto Quijarro na Bolívia. Ao se referir à fronteira, Márcia explicou, durante uma entrevista comigo “Ela não é fronteira, ela não é muro. Ela não tem rompimento. Ela só soma. Ela não divide nada. A fronteira não divide. A fronteira soma. Então, de 2007 para cá essa fronteira se transformou em uma soma, não mais uma divisão”.

Figura 03: Vista aérea da região de fronteira Brasil-Bolívia



Fonte: Google Earth

Márcia expressa que o embrião desse projeto chamado Moinho Cultural, visava fortalecer a área de fronteira, utilizando como ferramenta um processo de intercâmbio cultural inovador. Tal atitude ganha relevância ao considerar que o território brasileiro é detentor de proporções continentais, possuindo 15.700 Km de divisas geopolíticas.

A região fronteiriça que abrange Corumbá (MS)/Brasil e Puerto Quijarro/ Bolívia, apresenta-se como um cenário multilíngue e multicultural. Nessa região, o português e o espanhol se relacionam no dia a dia, assim como a cultura dos dois países. Caracteriza-se em um espaço de encontros onde estão contidas relações de trocas comerciais, de serviços, de compartilhamento de estruturas, de projetos culturais que buscam o interesse comum entre essas

regiões vizinhas (Mancilla-Barreda, 2017). Trata-se, portanto, de uma interação sociocultural e econômica desta singular zona fronteiriça.

Acredito que tais elementos podem contribuir de forma positiva para o avanço da região e o bem-estar de seus habitantes. Contudo, Macedo (2017) alerta que a ausência de políticas públicas para o controle e a segurança nas fronteiras brasileiras, compromete a economia e mobilidade local. Consequentemente, abre espaço para o crime organizado, incluindo o tráfico de drogas, pessoas, armas, além do contrabando e lavagem de dinheiro. Isso evidencia os perigos e a vulnerabilidade dessa região. Nesse contexto, o Moinho intervém para que crianças e jovens tenham atividades em períodos nos quais estariam vulneráveis a todos esses desafios impostos pela dinâmica fronteiriça.

No final do ano de 2003, ganhava forma o projeto social que viria a ser o Instituto Moinho Cultural Sul-Americano, iniciando suas atividades em 18 de dezembro de 2004. A necessidade de subsídios e de um espaço físico era fundamental. A Fundação Vale abraçou essa causa através de uma parceria. Curiosamente, no dia em que a demolição de um prédio histórico estava por ser decidida, Márcia teve um encontro casual com advogados da empresa J. Macedo proprietária da edificação. Apresentou o projeto e assim recebeu um prédio com estrutura muito comprometida, em um bairro que não tinha nada, tendo como cenário o Rio Paraguai passando na frente.

Nas palavras de Márcia Rolon:

Quando eu resolvi conhecer o moinho, a estrutura que estava ali, fui a pé. Ninguém andava por aqui, era horrível e nada ao redor existia. Tudo isso veio com o Moinho. Fui catar criança onde hoje é a Universidade Federal, não tinha água nem luz, crianças que viviam nesse lugar horrível.

²O Moinho Cultural é um ponto de convergência onde o tempo da história industrial, as manifestações artísticas e o ritmo do cotidiano se entrelaçam. A identidade singular do Moinho se edifica a partir de memórias afetivas daqueles que ali passaram, transformando-se incessantemente e consolidando-se como um lugar único e relevante no cenário cultural de Corumbá. Em suma, o Moinho pulsa com as marcas do tempo, ressoando com as experiências de sua comunidade e localidade. Clique no ícone ao lado, passeie na cronologia do Moinho e se surpreenda.



² <https://youtu.be/EydnXtvheak>

Figura 04: Moinho Cultural: antes e agora

Fonte: Instagram Moinho Cultural - Reprodução

Atualmente, o Moinho tem como vizinhos a Unidade 3 da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Sebrae, Iphan, entre outros. Na inauguração em dezembro de 2004 contava com 180 crianças que, segundo a fala de Márcia Rolon, “180 crianças que tirei da rua. Eu botei um carro de som em Corumbá, Puerto Suarez, Ladário e ia fazendo as visitas”. Dessa forma, as aulas começaram e as crianças estavam acolhidas.

A vida de Márcia com o Moinho Cultural se cruza. Tenho a impressão de estar vendo sua trajetória em um espelho que agora reflete todo o ciclo que a Instituição oferece às crianças que também são sobreviventes. Fica claro que os encontros que teve durante sua trajetória de vida, influenciaram na construção do processo pedagógico do Moinho. Sua vivência com a dança e a música, incluindo o momento em que precisou optar por um ou outro, bem como a necessidade de fazer suas tarefas de escola junto com as apresentações, transitando entre essas atividades. Isso reflete nos objetivos do Moinho que é oferecer a possibilidade de transformar a vida dessas crianças e jovens através da arte, da educação e da cultura. Essa jornada é compartilhada com os colaboradores, muitos deles voluntários, com os parceiros e com a comunidade.

A realidade do Moinho é relatada aqui em números e objetivos. O Instituto tem como meta ser reconhecido pela excelência das metodologias de promoção de desenvolvimento de crianças e jovens em região de fronteira, através do acesso a bens culturais e do fortalecimento da qualidade da educação formal. O projeto inclui e interage socialmente, no ano de 2024, com 473 crianças e jovens de Corumbá, Ladário e das cidades fronteiriças de Puerto Suarez e Puerto Quijarro, sendo que 39 participantes são bolivianos. Eles têm entre 06 e 18 anos, muitos em

situação de vulnerabilidade socioeconômica, que fazem parte do Sistema Moinho que tem por meta usar as ferramentas da arte para chegar a uma grande transformação. Buscando nos arquivos do Moinho, foi possível verificar que, ao longo desses 20 anos de existência, mais de 25.000 crianças e adolescentes foram impactados por esse projeto.

Em breves palavras, descrevo a seguir, como está desenhado o atual projeto pedagógico do Moinho Cultural. As atividades acontecem no contraturno da escola, pois dessa forma as crianças terão atribuições no período em que não estão em atividade escolar. Assim que passam pela seleção, as crianças têm o direito de completar o ciclo pedagógico de 8 anos. Nos dois primeiros anos, elas experimentam todas as atividades: os instrumentos, musicalização, a dança, período que Márcia chama de “arte criativa”.

Figura 05: Moinho em ação: atividades



Fonte: A autora

No primeiro ano, é obrigatório seguir o horário de aulas que abrange todas as atividades propostas e a partir do segundo, a experiência pode ser optativa. Os pais são instruídos a “segurar” as crianças por 3 anos pelo menos, pois nesse tempo já tiveram a experiência da “disciplina, do respeito, da responsabilidade e a experiência artística”, como relata Márcia Rolon. Já subiram ao palco pelo menos duas vezes. No terceiro ano, eles têm que optar entre a música e a dança. Em um total de 8 anos, a jovem completa o ciclo como profissional na área

que escolheu. Além da música e da dança, participam de aulas de tecnologia, de práticas linguísticas e de reforço escolar.

No ano de 2023, fui convidada para fazer parte de um projeto dentro do Moinho com o objetivo de observar a disciplina de língua espanhola que era ofertada, considerando que alguns participantes falam espanhol e outros, português. O projeto propôs, a partir dos estudos da translanguagem, que essa disciplina adotasse uma abordagem que fosse além do estudo de línguas nomeadas e separadas: o espanhol e o português. A disciplina foi completamente reestruturada e passou a chamar-se *Práticas Linguísticas*, com uma nova forma de abordar as linguagens. Veja na foto abaixo e, também no ícone, a sala onde essas práticas acontecem.

Figura 06: As práticas linguísticas



Fonte: A autora

³Clique no logo do moinho ao lado e veja onde essas práticas são desenvolvidas.

O Moinho é uma estrutura grandiosa com espaços que contam suas memórias. Convido você a compartilhar a minha perspectiva sobre este lugar singular. Ao entrar nesse prédio, percebo um espaço amplo, que inspira grandeza com simplicidade, ambiente alegre e acolhedor que demonstra respeito, organização, ordem e



³ <https://youtube.com/shorts/itMVfkLlILI>

alegria. A forma educada com que todos me cumprimentam, com brilho nos olhos e no coração é impactante.

Devo ressaltar que a arte perpassa por todos os ambientes, seja pelo canto, pela dança, os instrumentos que são tocados, nos momentos em que as práticas linguísticas são aplicadas e todas as outras atividades oferecidas. Com o meu olhar de linguista aplicada, percebo que, além do espanhol e português, a linguagem não verbal da arte ecoa por todo o espaço, em uma assemblagem melodiosa e singularmente agradável.

Na parte térrea do prédio, em um espaço aberto e muito grande, acontece o chamado acolhimento.

Figura 07: O momento do acolhimento



Fonte: A autora

Esse evento marca o início de cada período do dia. Retornavam das férias e pairava no ar aquele alvoroço do novo e do renovo. As crianças, os jovens, professores, colaboradores andando para cá e para lá, gerando aquele burburinho de reencontros. Gradualmente começam a encontrar seu lugar, dando início ao momento do acolhimento. As crianças se sentam em filas

sob a coordenação de uma pessoa, transcorrendo com muita calma, muita alegria e tranquilidade, sem nenhuma exaltação.

Os alunos antigos já sabem como proceder. Os novos, pequenos, pequeninhos, meio perdidinhos, são orientados de forma carinhosa. Recebem algumas instruções, principalmente para orientar os novos alunos. Na sequência, iniciam uma sessão de relaxamento, com movimentos leves, soltos e todos se acalmam. Eles se levantam e cada um acompanha seu professor até a sala que lhe é destinada naquele horário.

No intervalo de cada período, seja manhã ou tarde, todos se dirigem ao refeitório para uma refeição. Foi um desses momentos agradáveis, em que a professora Suzana e eu presenciamos as crianças comendo e se deliciando. Uma delas até lambeu o prato, dizendo que iria repetir.

Figura 08: Momentos no refeitório



Fonte: A autora

Para satisfazer sua curiosidade, leitor, o prato era macarrão com frango. Depois de comer, todos juntam seus pratos e tem um tempinho para brincar ou conversar, com a participação de professores e alguns colaboradores. Antes de voltar para a sala, um novo

acolhimento. Observo que essa dinâmica contribui para que os alunos relaxem e se sintam tranquilos para as próximas atividades.

Quando percorria as instalações do Moinho, subindo e descendo as escadas, andando para todos os lados, me descobri em um labirinto. Cada olhar mais detalhado descobria uma sala onde estava acontecendo a magia da música e da dança. Eram salas pequenas ou grandes, onde os alunos tocavam os mais variados instrumentos, ou dançavam, acompanhados de seus professores/maestros.

Figura 09: As salas



Fonte: A autora

⁴Eu entrava quietinha, me sentava e ficava ouvindo, observando... Em outra sala a teoria, as notas, as claves, eram apresentadas aos alunos. Salas pequenas com um ou dois alunos. E de repente ouço música no corredor. Alunos sozinhos, estudando o seu instrumento e tocando. Ao longo de minha caminhada, me deparo com



⁴ <https://youtube.com/shorts/m-9Z1ihtiWc>

salas grandes, sem móveis, com um piso macio, espelhos e barras. Ali a magia da dança acontece. Clique no ícone do Moinho aqui do lado para assistir ao pequeno artista.

Figura 10: Sala de dança



Fonte: A autora

Em algumas salas os pequeninos, outras, os maiores e em outra a Cia. de Dança do Pantanal fazia o seu trabalho: dançar e encantar. Foi em uma dessas salas que fui afetada a ponto de definir que minha tese envolveria a companhia que faz parte do Instituto Moinho Cultural Sul-Americano.

Além das aulas regulares propostas, desde 2007, no fim do ano, o Moinho apresenta o **Moinho in Concert**. Uma mostra de dança e música em que os protagonistas são as crianças e jovens que ali estão matriculados. É um evento muito grande que envolve a Orquestra de Câmara do Pantanal, a Companhia de Dança do Pantanal, produtos das atividades e formações do Moinho, os estudantes e todos os colaboradores.

Como disse Márcia Rolon:

Quero um palco para uma mostra onde coloca quem sabe com quem não sabe. É uma apresentação onde todos os integrantes do moinho participam, não importando idade, habilidade ou destreza. Não importando se é iniciante ou veterano nessa instituição.

E desde então, a comunidade de Corumbá e adjacências, tem um evento digno de grandes capitais, apresentado por seus filhos. Conforme demonstramos no quadro abaixo, eis os temas do Moinho *in Concert*:

Quadro 1: Temas do Moinho *in Concert*

ANO	TEMA	ATIVIDADE
2007	Faz de Conta	Baseado nos poemas do Manoel de Barros, uma homenagem ao autor
2008	Quebra-cabeça	O desafio de colocar em uma única foto diferentes cabeças e culturas. Um louvor às diferenças!
2009	Rainha Nuvem	O tema foi inspirado na nuvem do mundo digital, onde tudo se pode armazenar.
2010	Na Cabeceira dos Rios	Uma homenagem ao Pantanal, abordando o tema natureza.
2011	Luna	As fases da lua representadas pelo astrônomo Galileu, cada uma com sua virtude e diferença.
2012	O Lado de Dentro	Homenagem ao compositor e músico Geraldo Espíndola, tendo suas canções traduzidas em dança, música e arte
2013	O Segredo da Brincadeira	A proposta é reviver as brincadeiras do passado que foram esquecidas.
2014	Moinho de Artes e Sonhos	Espetáculo em homenagem aos 10 anos do Moinho, com remontagem das coreografias inesquecíveis.
2015	Sinfonia em Música e Dança	A saga de uma nota musical.
2016	Conto Natalino e Canto Sul-americano	Esse espetáculo apresenta fragmentos de um tradicional conto de Hoffmann e também homenageia três dos principais expoentes da música de Mato Grosso do Sul e latino-americana, Márcio de Camillo, Jerry Espíndola e Rodrigo Teixeira, que formam o trio Hermanos Irmãos.
2017	Nossa Gênese	O tema fala de divisão do Estado, originando a criação de Mato Grosso do Sul há 40 anos.
2018	Memória de um Imigrante – Martino Santaluce	O espetáculo representa em cena a vida deste imigrante que trouxe em sua bagagem apenas o ofício de construtor e o sonho de fazer fortuna longe da Itália, arrasada pela guerra.
2019	Um País Inexistente... Los Xarayes	A peça conta a história do mundo paradisíaco da Laguna de Los Xarayes, uma região geográfica de extrema biodiversidade que, em meados do século XVIII, passou a ser chamada pelos colonizadores portugueses de Pantanal.
2020	O Saber Pantaneiro	Permeando a história dos 101 anos de Agripino Soares, o espetáculo aborda as dores e alegrias do povo pantaneiro.

2021	O Outro Quebra Nozes	O espetáculo retratou uma menina que nasceu no Pantanal. Clara, uma menina muito inquieta, curiosa com tudo o que a rodeava: o rio, a planície, a natureza, os pequenos bichinhos, a lua, as estrelas do universo, a vida.
2022	Guadakan	Concebido a partir de um mito guató, o espetáculo une dança contemporânea e orquestra.
2023	A Menina Passarinha	O espetáculo, que reúne música e dança, é uma homenagem à cantora Tetê Espíndola e foi inspirado no livro homônimo, escrito por Diane Valdez.
2024	O Fazedor de Amanhecer	Baseado no livro O Fazedor de Amanhecer de Manoel de Barros e ilustrações de Ziraldo.

Fonte: A autora

⁵Você pode clicar no ícone do Moinho Cultural ver fotos dos cartazes das apresentações anuais.



Porém, momentos de crise assolaram a Instituição no ano de 2023, com a perda de grande parte dos subsídios, provocando uma reestruturação do Moinho Cultural e um corte de colaboradores muito significativo. Agora, 90% dos colaboradores são pessoas que se formaram no Moinho, principalmente os professores de dança. E, neste momento, volto ao parágrafo inicial onde Márcia diz que o Moinho voltou à essência: uma estrutura que forma profissionais e emprega esses profissionais.

Figura 11: Os colaboradores do Moinho em 2024



Fonte: A autora

⁵ <https://youtu.be/caQgplYfWX8>

Assim como a Fênix sempre renasce das cinzas, o Moinho Cultural renasce a partir das mãos de Márcia. Foi o que constatei, quando retornei a Corumbá para assistir o Moinho *in Concert* de 2024 - um espetáculo marcante em todos os sentidos. A emoção tomou conta de nós diante da performance dos mais de 400 bailarinos e músicos. O tema escolhido foi “O Fazedor de Amanhecer”, baseado no livro do escritor Manoel de Barros, reforçando a ideia do retorno ao início do Moinho.

Poemas de Manoel de Barros também foram a inspiração do primeiro Moinho *in Concert*. A apresentação que pudemos vivenciar, trouxe, nas palavras do poeta, o Pantanal em toda sua beleza, através das histórias que apresentavam personagens característicos. Mas também trouxeram ao palco tragédias que assolaram o mundo. Imigrantes esquecidos, enchentes, o fogo. Foi um momento impactante onde a dança e as imagens em telões, colocados ao lado do palco, se entrelaçaram. Foi tão impactante que será retratado e analisado no capítulo 4.

⁶Anteriormente, comparei o Moinho à Fênix. Para corroborar com essa analogia, cito a seguir manifestações extraídas de um vídeo no Instagram do Moinho. Nelas, algumas pessoas expressam o que admiram em Márcia: “A audácia de Márcia e como ela consegue propor alguma coisa às vezes quase impossível, e ela consegue fazer. A Márcia tem um amor que ilumina as pessoas. A Márcia tem resiliência e compaixão. Ela leva a magia da arte nas



pessoas”. Caso você queira ver e ouvir o vídeo completo, clique no desenho aqui do lado, vale a pena. Assim, você poderá entender e vivenciar esses momentos gravados por pessoas que estão ligadas a todo esse projeto, o quanto estão sendo afetadas e assim, entendendo a grandiosidade do momento.

O Moinho Cultural desperta sentimentos diversos em todos que o vivenciam, seja trabalhando, participando ou visitando. Depoimentos colhidos a partir de conversas com integrantes da Instituição, fazem emergir a diversidade desses sentimentos. Destaco a fala de José Roberto dos Santos Júnior, para todos o Beto, administrador do Moinho há 13 anos. Ele relata que, em um dado momento, fez um retrocesso de sua vida e chegou à conclusão “E aí sim eu tive a real dimensão do tamanho do Moinho. Que vai muito além do tamanho do prédio, né, que é impactante, assim, para quem chega e vê à primeira vista. É realmente algo que impressiona”.

⁶ <https://youtu.be/g2XeEy2GDko>

O sentimento expresso por Beto, me transporta às anotações de meu diário de bordo, onde registrei os sentimentos que emergiram em minhas visitas ao Moinho, já na condição de pesquisadora. A cada ida, estacionava meu carro do outro lado da rua e ficava admirando a construção imponente, que um dia foi uma edificação importante para o comércio da região. O prédio ficou abandonado e, justamente quando estava para ser demolido, voltou à sua potência de impactar a região. Lembro-me das palavras de Beto: ‘É um lugar que realiza sonhos, e desperta sonhos também’. Márcia conseguiu interromper o destino dessa antiga edificação, transformando-a em uma “fábrica de sonhos”, como ouvi de uma das crianças.

Quando termina o período da manhã ou da tarde, vejo pais esperando as crianças na porta do Moinho. Observo a ansiedade de receberem seus filhos, dos semblantes alegres e orgulhosos. Anoto essas sensações em meu diário de bordo. Aproveito para conversar com alguns deles.

Figura 12: Vamos buscar nossos filhos



Fonte: A autora

Em uma das entrevistas, conheci uma mãe venezuelana que esperava sua filha. Senti sua felicidade ao perceber que poderia falar em espanhol comigo. Nesse momento, relata que, desde que sua filha começou a frequentar o Moinho, observou mudanças importantes em seu

comportamento. Ela se tornou mais alegre e as dificuldades que tinha com a comunicação, por não falar o português, estavam sendo superadas. Diz essa mãe: “*Ella llega contenta, llega con más estímulos para hacer las actividades*⁷”. Suas palavras expressam também um sentimento de insegurança, de quem chegou a um país em que não falam seu idioma materno. Ao mesmo tempo, demonstra que o Moinho é um lugar seguro para deixar sua filha.

Em outra ocasião, entrevistei mães bolivianas que relataram ter conhecido o Moinho por meio de uma filial no território boliviano. Contudo, por motivos de troca de dirigentes na cidade, foi desativada, recebendo então, um convite para trazer seus filhos ao Moinho de Corumbá. Apesar de ter que cruzar a fronteira duas vezes todos os dias, afirmaram que vale a pena. Uma delas disse: “*No solamente por que vayan a ser bailarines, sino un cambio total en el aprendizaje, en el comportamiento, en la persona como ciudadano, les ha cambiado la vida*⁸”. Demonstrando assim toda a alegria por ter seu filho matriculado no Moinho.

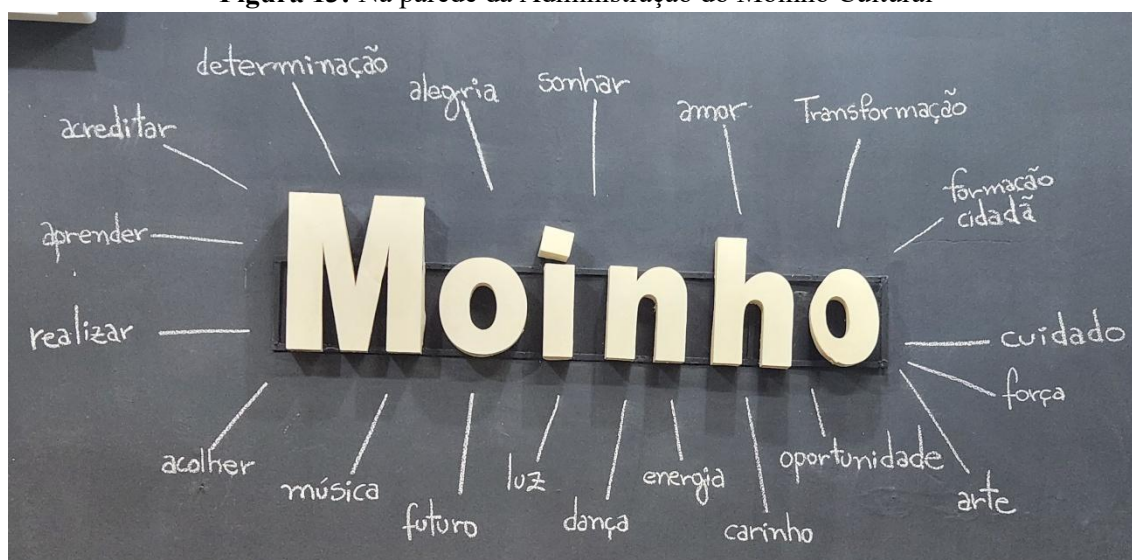
No mesmo grupo, uma mãe boliviana que falava português, fez questão de dizer que seus filhos são corumbaenses. Relatou que, inicialmente, tinha a intenção de matricular somente sua filha no Moinho. No entanto, foi encorajada a levar também seu filho que tem perda auditiva. Fez a prova e foi aprovado. Neste momento, percebi a voz dela trêmula de emoção, quando disse: “e aprovou!!!” Ela continuou relatando que a vivência no Moinho melhorou muito a vida da criança, acrescentando que: “o Moinho é outra perspectiva. É outra forma de ver, de sentir como criança, de trabalhar como criança. Não é somente música e balé”. Esses testemunhos de mães me emocionaram profundamente, revelando através de suas palavras a diferença que o Moinho faz na vida dessas famílias e o quanto são afetados positivamente pelo projeto.

Neste momento, retomo a concepção de que o Moinho não é só aprender a dançar ou tocar um instrumento. Constitui-se como um modo de vida, de subsistência, de formação cidadã, de educação. Trata-se de uma forma de entregar ao mundo cidadãos de bem. Apresento uma fotografia que registrei de um quadro exposto na parede de uma das salas da administração. Observe, leitor, cada palavra com atenção e tente imaginar como esses valores são transmitidos a essas crianças e jovens por meio da arte, da educação e do amor daqueles que participam desse projeto.

⁷ Ela chega contente, chega mais estimulada para fazer suas atividades. (Tradução nossa)

⁸ Não é somente porque vão ser bailarinos, mas uma mudança total na aprendizagem, no comportamento, na pessoa como cidadão, mudou a vida deles. (Tradução nossa)

Figura 13: Na parede da Administração do Moinho Cultural



Fonte: A autora

Ao final de um dia de observações, direciono meu olhar para o outro lado da rua e vejo o Rio Paraguai em toda sua magnitude, imponente, como se buscasse um diálogo com seu também imponente vizinho: o Moinho Cultural. Sou tomada por uma sensação de empoderamento, de magnitude e com a convicção de que sonhos são possíveis. Encontro-me entre dois grandes projetos: um da natureza e outro da vontade e trabalho de pessoas que lutam, que não desistem, de onde emerge a empatia na busca pelo bem a todos.

⁹No âmbito desta investigação, considero pertinente apresentar a Cia de Dança do Pantanal que foi criada em 2017 em Corumbá-MS. Seu propósito é dar acesso e oportunidade a bailarinos oriundos de projetos sociais sul-americanos, oportunizando sua profissionalização. Busca representar o território pantaneiro e ao mesmo tempo dar sustentabilidade ao Instituto Moinho Cultural Sul-Americano que foi proponente e fundador da Companhia. Clique na logo e seja bem-vindo.



A página web da Cia de Dança, apresenta a história dessa instituição que “é um espaço onde artistas locais, nacionais e internacionais, formados com um alto grau de conhecimento técnico, artístico e profissional nos padrões internacionais, estarão preparados para se apresentar e representar Corumbá (MS) e o Brasil”. A equipe da Companhia inclui coreógrafos, diversos integrantes, oito bailarinos egressos do Moinho Cultural e artistas convidados de outras regiões do Brasil e América do Sul. Com uma forte identidade pantaneira, dedica-se à formação

⁹ <https://www.youtube.com/shorts/c1sX1NoM5Tc>

de futuros bailarinos do Moinho Cultural, priorizando a qualidade profissional. Clique no ícone¹⁰ e acesse a página da Companhia de Dança do Pantanal.

Enquanto escrevo, me vem à lembrança um pequeno vídeo que recebi e está nas redes sociais da instituição e que me emocionou muito. Já no ícone abaixo você verá como um pequeno bailarino descreve o que significa entrar na sala de dança.



¹¹Outros sentimentos afloram ao subir e descer as escadas, quando observo o painel que exibe todos os cartazes dos Moinho *in Concert*. Olho para cima e vejo uma escultura feita com sapatilhas de bailarinas que imagino terem sido usadas ao longo do tempo. Imagens que despertam uma forte emoção em mim.

Figura 14: As sapatilhas do tempo



Fonte: A autora

¹⁰ <https://ciadedancadopantanal.com.br/>

¹¹ <https://youtube.com/shorts/VpKYkB538fU>

Retomando a imagem da Fênix, que ressurgiu das cinzas e pelos 20 anos do Moinho, culmina em uma conquista extraordinária: o Moinho Cultural foi reconhecido como a Melhor ONG de Cultura do Brasil. Uma conquista que reafirma a dedicação de quem está lá todos os dias e o impacto que esse trabalho representa. Foi a terceira vez que o Moinho Cultural está entre as 100 melhores ONG's do país e desta vez, foi escolhida como a melhor da causa cultural.

Figura 15: O reconhecimento



Fonte: Instagram/ Reprodução

Ao receber o título, Márcia Rolon diz que se sente orgulhosa dessa premiação e reafirma a relevância do trabalho realizado na instituição. Acrescenta: “Este reconhecimento reflete o esforço conjunto de uma equipe dedicada, parceiros comprometidos e, principalmente, das crianças e jovens que diariamente nos inspiram a transformar vidas por meio da arte e da cultura”. A diretora-executiva do Moinho, em suas palavras, entende o prêmio como um incentivo para que esse projeto continue caminhando, promovendo a inclusão, criatividade e oportunidade.

Ainda na comemoração desses 20 anos de jornada, o Moinho, que desde 2024 era um Ponto de Cultura, foi certificado também como um Pontão de Cultura que é uma iniciativa importante para o fomento da cultura no Brasil. É um reconhecimento concedido pelo Ministério da Cultura (MinC) a organizações que desempenham um papel estratégico na articulação e no desenvolvimento de Redes de Pontos de Cultura.

Esse reconhecimento consolida a trajetória e o impacto do trabalho desenvolvido pelo Instituto, na promoção da cultura e da educação, constituindo um reconhecimento público da sua contribuição para a sociedade. Fortalece a Instituição como um todo, aumentando a

visibilidade, atraindo novas parcerias, apoiadores e oportunidades de colaboração. Consequentemente amplia o alcance de suas ações, beneficiando um número maior de pessoas.

Desde o ano passado, houve a perda de incentivos, como pontuado no início deste capítulo. Esse cenário pode ser revertido com essa premiação, pois o Pontão geralmente envolve recursos financeiros para o investimento em projetos, infraestrutura, equipamentos, formação de pessoas, vindo preencher a lacuna deixada pela perda de investimentos.

¹²São muitos projetos e participações em programas, missões, plataformas e tudo o que possa levar o Moinho a seguir com sua missão de dar voz às crianças e jovens, por meio do acesso a bens culturais, conhecimento tecnológico, noções de empreendedorismo e cidadania plena. Clique no ícone e acesse a página do Moinho. Você vai se surpreender.



Minha imersão na estrutura e no cotidiano do Moinho, convivendo com os colaboradores, alunos e mães, foi me envolvendo em experiências que geraram emoções que me afetaram de forma positiva. Essa conexão afetiva, me fez descobrir que tinha uma relação de equivalência com os participantes de minha pesquisa. Com o objetivo de aprofundar os estudos sobre a teoria da translinguagem e do afeto, fui sendo envolvida por experiências emocionais que ressignificaram meu trabalho. O Moinho já não era mais somente o lócus de minha pesquisa, mas sim, algo que potencializava minha forma de vivenciar essa região. Desse modo, percebi uma intrínseca relação entre a perspectiva afetiva e minha pesquisa, em um espaço onde transitam as artes, as vivências e os sentimentos.

No próximo capítulo abordo os construtos metodológicos que constituem esta pesquisa.

¹² <https://moinhocultural.org.br/>



CAPÍTULO 2

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA

Neste capítulo abordo os argumentos metodológicos que fundamentam a pesquisa, destacando sua importância para o campo da Linguística Aplicada. Posteriormente, são estabelecidos os objetivos e perguntas da pesquisa, seguidos pela descrição da metodologia qualitativa, baseada na epistemologia da emergência pós-moderna dos estudos de Somerville (2007) e Maciel (2016). Nesse sentido, entendo que a imersão no processo investigatório quando se pesquisa emoções e afetos, oportuniza métodos de investigação e ações que levem em conta o surgimento de emergências, afastando ideias preconcebidas que possam levar a definições em meu corpo. Finalmente, os processos de geração de dados são detalhados.

2.1. RELEVÂNCIA/JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

O Instituto Moinho Cultural Sul-Americano foi selecionado como local de pesquisa devido à sua complexidade e abrangência transdisciplinar. O Instituto, enquanto local de encontro e interação entre diversas culturas, idiomas e formas de expressão, proporciona um campo propício para a pesquisa da translanguagem em prática. Trata-se de um local que não é uma escola, porém a dança e a música como atividades culturais, oferecem um ambiente rico para observar a criação de significados e a formação de identidades. Assim possibilita a avaliação de como a linguagem, em suas várias formas, influencia na geração de afetos e na mudança social de toda uma população.

Nesta tese, me proponho a investigar a construção de sentidos e a produção de afecções no Instituto Moinho Cultural Sul-Americano, um local que fomenta a inclusão social e o crescimento humano através da arte e da cultura. Sob uma perspectiva afetiva, o objetivo é analisar sobre a formação de agenciamentos e encontros fortuitos que mobilizam os afetos como potências de transformação, a partir de uma assemblagem de recursos semióticos possibilitam a interação com textos e pessoas, alterando suas experiências vivenciais. As performances artísticas e o encontro de corpos podem contribuir no desenvolvimento de depoimentos acerca das mudanças nas trajetórias de vida dos integrantes do Moinho.

O conceito "espaço translíngue", alude a um ambiente que se desprende das estruturas rígidas e hierarquizadas, incentivando a diversidade, a heterogeneidade e a interligação entre diversos componentes. No contexto do Instituto Moinho Cultural Sul-Americano, esse princípio se evidencia na maneira como o espaço físico e as interações interpessoais se estruturam, estabelecendo um ambiente favorável à experimentação, à criação e à mudança.

Por outro lado, a perspectiva afetiva ressalta a importância das emoções, sensações e percepções na formação do conhecimento e na produção de subjetividade. Nesse contexto, as afecções são vistas como forças que atravessam os corpos e geram variados estados de ser. Sob essa ótica, procuro entender como as apresentações artísticas no Instituto Moinho Cultural Sul-Americano podem gerar afecções que mobilizam os participantes e auxiliam na criação de novos modos de ser e estar no mundo.

2.2. OBJETIVOS E PERGUNTAS DA PESQUISA

Ancorada nas perspectivas pós-estruturalistas e nos estudos da afetividade, esta tese se debruça sobre os processos de agenciamento e as potências que emergem no Instituto Moinho Cultural Sul-Americano. O foco recai sobre como as experiências (trans)formativas e afetivas são construídas e vivenciadas pelos sujeitos nesse contexto.

Deste modo, o objetivo geral desta tese é investigar *os processos pelos quais o contexto do Instituto Moinho Cultural Sul-Americano se constitui como um campo fértil para a emergência de experiências transformadoras. A análise se debruça sobre a formação de agenciamentos e encontros fortuitos que mobilizam os afetos como potências de transformação, ampliando as possibilidades de ser, estar, dizer e sentir no mundo.*

Os focos específicos desta análise são: *Analisar a formação de agenciamentos e encontros fortuitos que mobilizam os afetos como potências de transformação e Ampliar as possibilidades de ser, estar, dizer e sentir no mundo a partir dessas experiências.*

Essa busca se orienta pela seguinte pergunta de pesquisa: *De que maneira as dinâmicas de encontros, agenciamentos e a mobilização de afetos no Instituto Moinho Cultural Sul-Americano cooperam para constituir-lo como um contexto propício à emergência de experiências transformadoras?*

Em ressonância com essa investigação e reconhecendo a implicação da pesquisadora no campo, uma segunda pergunta se desdobra, tornando-se um "achadouro epistemológico" central: *Como minha potência de existir foi afetada pelas experiências e pelos diferentes encontros no processo das emergências desta tese?*

2.3. METODOLOGIA

Não existe uma fórmula mágica e única para realizar uma pesquisa ideal; talvez não exista nem existirá uma pesquisa perfeita. A investigação é um produto humano, e seus produtores são falíveis. ... fazer pesquisa não é privilégio de alguns poucos gênios. ... É melhor ter trabalho de pesquisa imperfeito a não ter trabalho nenhum (Richardson, 2011, p.15).

Início esta seção com a epígrafe acima que me motiva a definir os caminhos que pretendo buscar a fim de realizar esta pesquisa. Entendo que a fórmula mágica buscada por muitos não existe. Porém, observo que pode ser definida com muito trabalho e organização. Nesse sentido, defendo construtos metodológicos que sejam relevantes na realização deste estudo.

O processo de pesquisa pode ser comparado com um labor artesanal, conforme relata Minayo (2001). A autora explica que esse labor se realiza mediante conceitos, proposições, métodos e técnicas, construindo assim uma linguagem que tem seu próprio ritmo. Esse ritmo, chamado pela autora de *ciclo da pesquisa*, é um processo que parte de um problema ou uma pergunta e termina com um produto que pode não ser definitivo. Um resultado capaz de produzir novas interrogações, que possibilita, a produção de conhecimentos, a identificação e a solução de problemas.

A forma como tratamos o ciclo da pesquisa, nos leva ao que entendemos por metodologia que tem um lugar central no interior das teorias, significando “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (Minayo, 2001, p. 16). Dessa forma, provoca a articulação entre conteúdos, pensamentos e existência, incluindo as “concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador” (Minayo, 2001, p. 16). Com essas palavras, a autora inclui a criatividade do pesquisador que, segundo ela, é insubstituível, o que corrobora com o entendimento desta pesquisadora.

Devido a um contexto de diversidade em expansão, a adaptação às questões sociais no âmbito acadêmico contemporâneo, requer inovações conceituais, conforme propõe Takaki (2012). Portanto, a proposta da autora, quando se refere à linguagem, é expandir a abordagem das diversas metodologias para lidar com a complexidade e ética que permeia o comportamento humano. Nesse sentido, a autora advoga pelo reconhecimento da presença de várias perspectivas metodológicas em suas características inacabadas, restritas e passíveis de alterações, que conduz a variadas considerações, interpretações e conclusões.

Esta pesquisa é conduzida em um cenário em que a arte flui entre seus participantes. Não é um estúdio ou um ateliê, não é uma escola regular, é um cenário complexo e transdisciplinar. Local por onde as teorias e práticas são tramadas a partir de uma abordagem qualitativa, com base na metodologia emergente pós-moderna dos estudos de Somerville (2007, 2012) e Maciel (2016). Nesse sentido, entendo que a imersão no processo investigatório quando se pesquisa artes, emoções e afetos, oportuniza métodos de investigação e ações que levam em conta as emergências que podem surgir. Nessa linha de raciocínio, as ideias preconcebidas que eu possa levar definidas em meu corpo tendem a ser desvencilhadas, levando-me assim a uma ruptura do meu *eu* de antes e um novo *eu* surgindo após esse trabalho.

Neste sentido, busco a partir de um olhar translíngue, reconsiderar práticas linguísticas que se apropriam de todos os recursos possíveis dentro de um universo multilíngue e artístico e que buscam sentido em um mundo complexo. Levo em consideração o movimento e o devir quando dou espaço a práticas mais situadas e heterogêneas. Entendo, a partir da leitura de Maciel (2016), a necessidade de reflexão sobre modos de interpretar as situações que emergem, possibilitando um olhar para posicionamentos e circunstâncias por lentes mais plurais.

Dessa forma, como “um tecido intrincado composto de pequenos fios, muitas cores, texturas diferentes e várias misturas de material”, como se refere Creswell (2007, p. 35) à pesquisa qualitativa, busco nessa metáfora um paralelo ao contexto de minha pesquisa. Abordo o conceito de translíngua e da teoria do afeto em um espaço onde as artes circulam, revelando um movimento transdisciplinar já que envolvem diversos modos de expressão cultural e linguística das pessoas (Rocha; Maciel, 2024).

Portanto, o propósito desta seção é apresentar o percurso realizado durante a pesquisa e a redação deste trabalho. Assim, discorro da seguinte forma: 2.3.1. Abordagem qualitativa, 2.3.2. A epistemologia da emergência pós-moderna e 2.4. Instrumentos de geração de dados e organização dos dados.

2.3.1. Abordagem qualitativa

A complexidade do fenômeno em análise, a formação de sentidos na expressão de afetos em um ambiente translíngue, e a dinâmica multifacetada do cenário de estudo, o Instituto Moinho Cultural Sul-Americano, demandam uma metodologia que capture a riqueza e a singularidade do objeto de pesquisa. Assim, o estudo baseia-se em um método qualitativo, com o objetivo de ampliar o entendimento do ambiente e das interações que o compõem,

concentrando-se na interpretação dos significados e sentidos presentes nas práticas e discursos dos participantes.

A opção por essa metodologia é justificada, pois o estudo busca entender profundamente como a linguagem se expressa na criação de afetos em um contexto translíngue, onde diversas linguagens e culturas se intersectam. A perspectiva qualitativa, centrada na interpretação e no entendimento aprofundado dos fenômenos, possibilita a captura da riqueza e complexidade deste processo, ao observar as interações, as falas e as atuações dos envolvidos em seu ambiente natural.

Destaco a importância de diferenciar a abordagem qualitativa da quantitativa, que visa quantificar e medir os fenômenos. Por outro lado, a pesquisa qualitativa dá prioridade à qualidade da informação, procurando entender os significados, as motivações e as visões de mundo de pessoas e grupos. Portanto, a metodologia qualitativa é mais apropriada para examinar fenômenos complexos e subjetivos, como a geração de sentimentos em um ambiente translíngue.

A metodologia qualitativa está em consonância com a epistemologia da emergência pós-moderna, que será analisada na próxima seção. Essa epistemologia reconhece a complexidade e a mobilidade do mundo social, possibilitando o aparecimento de novos dados e interpretações durante a investigação.

É importante destacar que a metodologia qualitativa não visa generalizar os resultados da pesquisa, mas sim aprofundar o entendimento de um fenômeno específico em seu contexto particular. A meta é desenvolver um saber situado e contextualizado, que auxilie na compreensão da complexidade da geração de afetos em ambientes translíngues.

2.3.2. A epistemologia da emergência pós-moderna

A epistemologia da emergência proporciona uma estrutura para a pesquisa que reconhece a complexidade, a imprevisibilidade e a dinâmica inerente ao mundo social (Somerville 2007). Ela destaca a relevância da observação, intuição, criatividade e reflexão no procedimento de investigação.

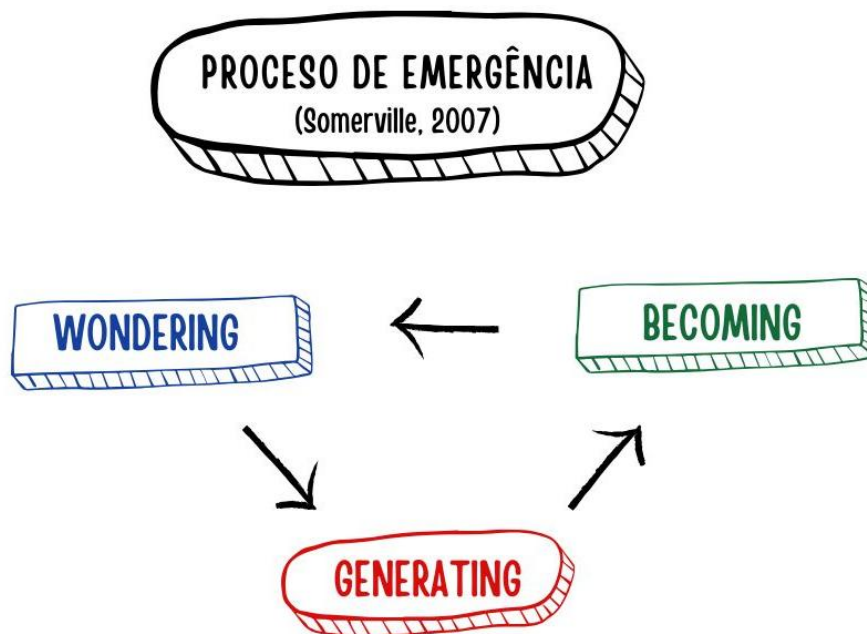
Esta epistemologia se baseia fundamentalmente no conceito de "emergência". A emergência diz respeito ao aparecimento de novas características, padrões ou comportamentos que não podem ser previstos ou elucidados apenas pelas características de seus componentes individuais. A epistemologia da emergência reconhece que o saber é comumente produzido

através desses processos emergentes, que são normalmente impulsionados pela interação, transformação e adaptação.

Ao adotar esse tipo de metodologia, significa estar aberto ao inesperado, saber adaptar-se e alterar o curso da pesquisa moldando-se conforme a direção que as emergências apontam. Torna-se necessário reconhecer que o conhecimento, por várias vezes, é originado por meio da descoberta, da exploração

Nesse sentido, a autora considera três aspectos relevantes que estão interconectados no processo da emergência. Vejamos:

Figura 16: Representação dos aspectos representados por Somerville (2007)



Fonte: A autora adaptado de Somerville (2007)

Esses três pilares da pesquisa emergente (*wondering*, *generating* e *becoming*) se estruturam, de acordo com a autora, de forma a orientar o processo de pesquisa, permitindo ao pesquisador singrar pela complexidade e imprevisibilidade do mundo social (Somerville, 2007). Dessa forma busca promover uma investigação mais rica e significativa.

De forma sintética, o *wondering* (indagar) representa o ponto de partida da pesquisa emergente. Nesse momento, o pesquisador acolhe a incerteza e o não saber a partir de um posicionamento de curiosidade e abertura para o desconhecido. As ideias preconcebidas e predeterminadas devem ser desprendidas para que o pesquisador se guie pelas perguntas e não

pelas respostas. Na busca de novas perspectivas, fórmula perguntas instigantes e se abre para o surpreendente inesperado, aventurando-se em territórios desconhecidos.

Por sua vez, o *becoming* (tornar-se) trata da transformação que o pesquisador passa ao longo da pesquisa. Um constante estado de aprendizado e adaptação em que o campo de pesquisa e os participantes afetam o pesquisador que transforma suas próprias perspectivas e compreensões. Nesse processo, o pesquisador se conecta com o objetivo do estudo em nível pessoal e intuitivo, desconstrói e reconstrói seu próprio “eu” e passa a ser parte integrante da pesquisa.

E por fim, o *generating* (gerar) evidencia a construção e produção de novos conhecimentos e significados. Nesse momento, ocorre a interação entre as teorias, as reflexões, os dados e as experiências do pesquisador gerando novos entendimentos e perspectivas. Trata-se de um processo criativo e dinâmico que leva o pesquisador a descobertas que não havia imaginado ao início da pesquisa e possibilita o compartilhamento com o mundo.

Esses três conceitos, *wondering*, *becoming* e *generating*, interagem de forma cíclica e dinâmica, guiando o pesquisador em sua jornada de descoberta e construção de conhecimento. Juntos, eles formam a base da epistemologia da emergência, uma abordagem que valoriza a complexidade, a incerteza e a transformação como elementos essenciais do processo de pesquisa.

Na próxima seção, situo o leitor a respeito dos instrumentos, os quais utilizei e, os procedimentos para a geração e análise de dados.

2.4. INSTRUMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS E ORGANIZAÇÃO DE DADOS

A geração de dados ocorreu durante minhas visitas ao Instituto Moinho Cultural Sul-Americano, em Corumbá, entre julho e dezembro de 2024. A imersão no campo de pesquisa permitiu uma aproximação da realidade do Instituto, possibilitando a coleta de dados ricos e diversificados por meio de múltiplos instrumentos.

A partir de um diário de campo, pude registrar observações diretas das atividades, das interações e das rotinas do Instituto. Dessa forma, pude realizar uma imersão profunda no contexto da pesquisa, detalhando as experiências e as percepções que tive durante esse período. Anotei detalhes daquele espaço, interações com os participantes e análise de documentos.

Ao gravar áudios e vídeos registrei interações e performances dos participantes. Capturei a riqueza da linguagem verbal e não verbal expressa nas diferentes atividades do

Instituto. A partir do conceito de multimodalidades, recursos semióticos e espaciais as gravações permitiram uma análise mais detalhada das expressões, dos gestos, das entonações e das dinâmicas interacionais.

Realizei entrevistas com os participantes, colaboradores e pais de alunos e pude então aprofundar a compreensão sobre experiências e expectativas. Essa modalidade me permitiu coletar informações sobre as vivências, as motivações, os desafios e as expectativas dos diferentes atores envolvidos no contexto da pesquisa.

Para complementar a geração de dados, incluí a análise de documentos institucionais, como projetos pedagógicos, relatórios, redes sociais e materiais de divulgação. Essa ação me forneceu informações sobre o histórico, a missão, os valores e as práticas do Instituto.

Os dados coletados foram organizados e analisados a partir da análise textual discursiva, buscando interpretar os sentidos e significados presentes nas interações, performances e discursos dos participantes. A análise se deu em um processo iterativo, que envolveu a leitura e releitura dos dados, a codificação e categorização dos temas emergentes e a triangulação entre as diferentes fontes de dados. Esse processo permitiu uma análise aprofundada e contextualizada dos dados, buscando convergências e divergências entre as diferentes perspectivas e fontes de informação.

O percurso desta tese partiu de uma investigação sobre as experiências (trans)formativas no Instituto Moinho Cultural Sul-Americano, alicerçada nas teorias da afetividade, do agenciamento (*assemblagem*) e, inicialmente, com foco principal na translinguagem. Este primeiro momento de *wondering* foi guiado pelo desejo de entender o espaço através das práticas translíngues. No entanto, o encontro com o campo operou um deslocamento fundamental. As emergências do processo investigativo fizeram com que as dinâmicas de afeto se impusessem como a força central que articula as experiências no local. Este redirecionamento não representa um desvio, mas a própria essência de uma pesquisa em devir (*becoming*), na qual os objetivos se transformam e se ressignificam a partir do encontro vivo com o campo.

No processo de análise do conjunto de entrevistas, tornou-se evidente que certas narrativas ressoavam de forma mais potente com o eixo teórico dos afetos. Coerente com uma epistemologia que acolhe as emergências do campo, realizei uma seleção intencional, focando em duas entrevistas que se destacaram pela profundidade com que abordavam esta temática: a de Márcia Rolon, diretora, e a de um dos bailarinos, Kelven. Enquanto a fala da diretora oferece uma visão sobre a "arquitetura afetiva" do Instituto, a do bailarino ancora a discussão na experiência corporificada da afecção. Essa escolha deliberada, portanto, não foi uma exclusão

das demais vozes, mas um aprofundamento estratégico que permitiu colocar em diálogo a intenção e a vivência, em vez de dispersar o foco analítico.

Para complementar a análise das narrativas individuais e das práticas cotidianas, a pesquisa volta seu olhar para um momento de expressão coletiva e culminante: o espetáculo "Moinho in Concert 2024: O Fazedor de Amanhecer". Este evento foi escolhido como um locus de análise privilegiado, pois é no palco que muitas das dinâmicas afetivas e pedagógicas observadas no cotidiano se condensam e se tornam visíveis de forma performática. Os fragmentos selecionados são, portanto, particularmente férteis para a aplicação do referencial teórico, permitindo examinar na prática a articulação entre as práticas textuais e de contextualização, em diálogo com Canagarajah (2017), e a produção de sentido através do espaço, conforme proposto por Pennycook (2017). Desta forma, a análise da performance intertextual e multimodal permite um estudo de caso concreto para aprofundar a compreensão sobre o agenciamento de corpos, textos, espaços e afetos em ação.

Após escolher o local de pesquisa, submeti o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UNEMAT). Como resultado, expediu o parecer nº 6.902.639 de 22 de julho de 2024, favorável à pesquisa. Pelo motivo de que um elevado número dos pesquisados são menores, elaborei o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) com linguagem acessível para que entendessem o conteúdo da pesquisa. Também elaborei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os pais ou responsáveis pelos menores, e protocolei-o conforme preconizam as normas do CEP/ UNEMAT

Em julho de 2024, a partir desse parecer, iniciei o processo de pesquisa, apresentando ao corpo administrativo minha proposta. Em uma reunião com os administradores, fui esclarecendo todas as dúvidas, a relevância, os benefícios, riscos e medidas mitigadoras. Fui apresentada no momento do acolhimento aos alunos, professores e colaboradores pela Diretora da Instituição, comunicando sobre a pesquisa e sua relevância.

Entreguei à direção o TALE e TCLE para que fossem assinados, o que resultou uma aceitação favorável à pesquisa. A partir de então, comecei a participar da vida do Moinho mais intensamente para entender e vivenciar tudo o que ali acontecia. Dessa forma, poder verificar as emergências relevantes para esta tese.



CAPÍTULO 3

A TRANSLINGUAGEM A PARTIR DOS REPERTÓRIOS ESPACIAIS, DE PRÁTICAS CORPORIFICADAS E AFETIVAS

Neste capítulo, discorro sobre translinguagem e afeto, conceitos que buscam desvendar dinâmicas que emergem no contexto desta pesquisa que ocorre no Instituto Moinho Cultural Sul-Americano. O conceito de translinguagem se tornou um paradigma de pesquisa no campo da linguística aplicada, sinalizando que a produção de sentidos ocorre quando o usuário mobiliza diferentes aspectos de suas experiências, de suas capacidades físicas e cognitivas, de seu repertório semiótico e vivencial.

A perspectiva teórica da abordagem afetiva assume um papel relevante na tessitura das relações na construção de sentidos no lócus desta pesquisa. Inspirada pela filosofia de Spinoza e outros, investigo como os afetos - vistos como as variações da potência de agir e pensar - moldam as experiências dos indivíduos e afetam suas práticas linguísticas e culturais. Dessa forma, a produção de sentidos nas práticas sociais da linguagem pode ser construída por relações entre a linguagem, cultura, afeto e espaço.

Ao envolver os conceitos acima enunciados busco, nas palavras de Creswell (2007, p. 35) “um tecido intrincado composto de pequenos fios, muitas cores, texturas diferentes e várias misturas de material” para tecer essa trama, ressignificar conceitos e defender o contexto de minha pesquisa, que revela um movimento transdisciplinar já que envolve diversos modos de expressão cultural e linguística das pessoas (Rocha e Maciel, 2024). Busco, nessa metáfora, ilustrar a integração de diferentes elementos e uma compreensão transdisciplinar de fenômenos culturais e linguísticos.

Na próxima seção, apresento os fundamentos conceituais da abordagem translíngua, os quais servirão de arcabouço teórico para a análise das emergências que se manifestaram durante o processo investigativo. A prática translíngua, em suas múltiplas expressões, tem se revelado fundamental para a compreensão dos recursos verbais no âmbito da comunicação, fomentando debates acadêmicos de maior profundidade.

3.1. A TRANSLINGUAGEM E SEUS MOVIMENTOS TRANSCENDENTES

A orientação translíngue, no campo da linguagem, permite-nos entender a mobilização que os indivíduos fazem de seus recursos linguísticos e semióticos, desafiando as fronteiras entre as línguas e construindo novos significados a partir da interação entre diferentes repertórios. No entendimento de Canagarajah (2017), Pennycook (2017), Rocha e Maciel (2024), transcende as abordagens estruturalistas da linguística, que frequentemente negligenciam a fluidez e a hibridez das práticas comunicativas.

A concepção da translanguagem como um processo de comunicação e construção de sentidos, aponta para o desenvolvimento de uma realidade linguística que, além da flexibilidade dos recursos linguísticos e semióticos, questiona relações de poder buscando promover assim a justiça social.

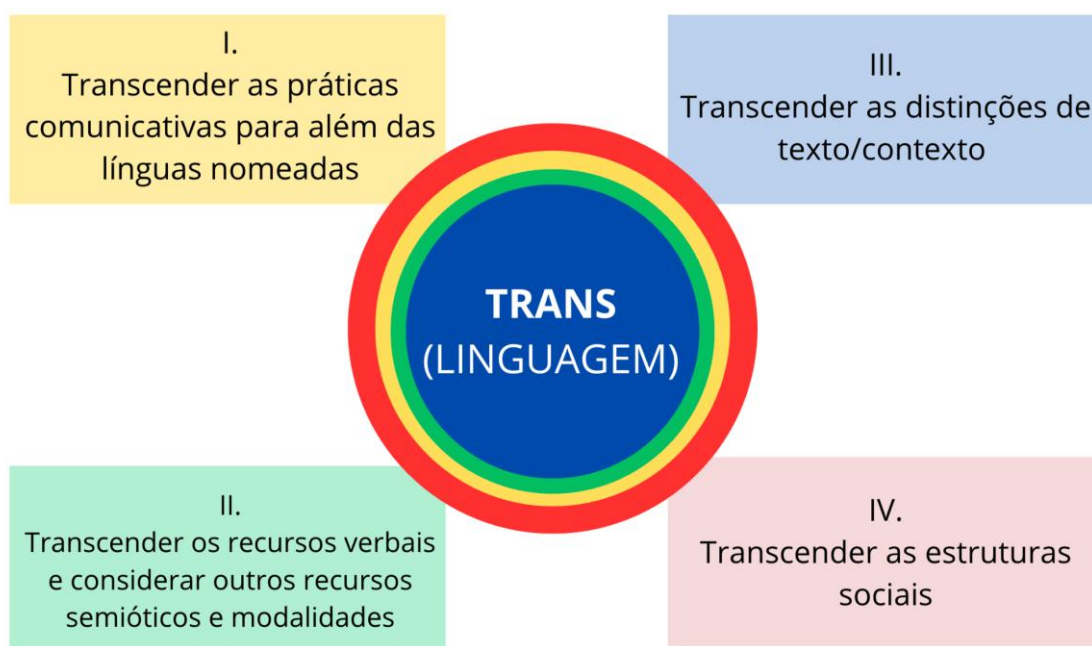
O paradigma estruturalista encorajou os acadêmicos a considerarem a abordagem da língua como estrutura fechada, previamente definida e que não depende do contexto espaço-temporal. Para Canagarajah (2017, p. 2), “a translanguagem exige uma mudança dessas suposições estruturalistas para se passar a considerar práticas mais móveis, expansivas, situadas e holísticas”. A partir de um paradigma pós estruturalista, se procede a busca para teorizar e praticar a translanguagem a partir de recursos trabalhados juntos em uma assemblagem, incorporando a comunicação no espaço e no tempo.

Busco trazer, assim, conceitos da abordagem translíngue que fundamentam as análises das emergências que surgiram ao longo do processo desta pesquisa. Muito já se escreveu sobre a trajetória histórica e a evolução dessa abordagem. Porém, o mundo passou por transformações que exigiram olhares para além das línguas nomeadas. A prática translíngue, em suas diversas manifestações, contribuiu para nossa compreensão dos recursos verbais na prática comunicativa, gerando discussões acadêmicas mais aprofundadas.

A perspectiva translíngue nos leva a repensar a natureza das línguas em contato não como isoladas, mas considerar a dinâmica fluida e criativa que emerge com o uso de repertórios linguísticos individuais utilizados pelos falantes multilíngues Canagarajah (2013). Novas gramáticas e significados, além de estruturas separadas, são gerados a partir da interação dos recursos verbais. O prefixo “trans” indexa uma nova forma de olhar as práticas comunicativas. Nos anos recentes, estudiosos e pesquisadores desenvolveram ainda mais o conceito de translanguagem em suas várias ramificações.

Posto isso, tomo como base as quatro dimensões apontadas por Canagarajah (2017) para o prefixo “trans” e, a partir delas, desenvolver o conceito de translinguagem e seus movimentos transcendentais. São elas: 1. Transcender as práticas comunicativas para além das línguas nomeadas; 2. Transcender os recursos verbais e considerar outros recursos semióticos e modalidades; 3. Transcender as distinções de texto/contexto e 4. Transcender as estruturas sociais.

Infográfico 1: Quatro dimensões para o prefixo “trans”



Fonte: A autora, com base em Canagarajah (2017)

A primeira dimensão, *transcender as práticas comunicativas para além das línguas nomeadas*, se caracteriza por transgredir os limites impostos pelo monolinguismo e desafiar o conceito de línguas nomeadas, como entidades autônomas, separadas e independentes. No entendimento de Canagarajah (2017b, p. 3), o prefixo trans significa “uma maneira de olhar para as práticas comunicativas como transcendentais à ideia de língua nomeada”. A ideia é transcender os limites das línguas nomeadas, entendendo que estas são usadas conjuntamente para produzir sentidos no ato da comunicação; isso faculta ao falante o emprego de todo seu repertório linguístico.

A translinguagem é compreendida como uma abordagem para múltiplas práticas linguísticas de sujeitos multilíngues, porém, não sob a perspectiva de línguas autônomas e isoladas. Na visão de Garcia e Li Wei (2014), essa prática supera as visões monolíngues que

impõe fronteiras entre línguas, transcendendo a concepção de sistemas linguísticos distintos. Dessa forma, a translanguagem não se define como uma prática que se utiliza de duas ou mais línguas com o intuito de transgredir os limites impostos por visões monolíngues, mas de transcender a ideia de línguas como entidades separadas.

Os pressupostos acima não implicam em abandonar o foco em línguas padronizadas nomeadas, mas considerar seus repertórios além de compartimentos separados em uma perspectiva horizontal na composição dos repertórios. Li Wei e Garcia (2022, p. 5) consideram “essencial reconhecer como essas línguas nomeadas são importantes para a identidade e propósitos sociais, mas também é importante entender que retificá-las como entidades separadas, sempre deixará de fora os alunos bilíngues”. Considero essencial cultivar uma consciência multilíngue crítica, direcionando nosso olhar para um repertório unitário dos multilíngues que tem suas vidas conduzidas entre dois mundos, entre duas fronteiras e que não fazem parte nem de um nem de outro.

O que se postula é a prática linguística que faz parte do repertório inerente a aquele falante, sem que se separe línguas, como prática natural. Como exemplo, no contexto de fronteiras em que foram identificadas práticas translíngues nas línguas em contato, como apontam Maciel e Ferrari (2019), em que pesquisam o repertório de alunos em uma sala de aula multilíngue. Exemplos de residentes nas fronteiras, suas famílias, imigrantes, entre outros. A partir do propósito comunicativo do falante, seu repertório transcende as línguas nomeadas como português, espanhol, inglês, dependendo do contexto em que se encontra.

Os estudos sobre translanguagem destacam uma perspectiva contemporânea e dinâmica sobre a linguagem, contrastando com visões mais tradicionais que a consideram um sistema estático de códigos. Nesse sentido, ao ampliar seus estudos, Garcia (2014) abordou a linguagem como uma prática dinâmica que não mais poderia ser entendida como um substantivo, mas sim como um verbo: *linguaging*.

Nesse sentido, *linguaging* não implica aprender um novo código, mas pressupõe um envolvimento a partir de uma história de interações e práticas culturais (Garcia e Wei, 2014). Assim, Becker (1995, p. 227) explica que temos que aprender “uma nova maneira de estar no mundo”. Dessa forma, a *linguaging* se torna um processo em que interagimos com nossas práticas de linguagem, junto com tudo o que vivemos, sentimos, produzindo significados únicos e potentes.

Para entender a linguagem e como ela se manifesta, é preciso considerar sua estrutura e como é influenciada por fatores biológicos, sociais e culturais. É necessário entender a

linguagem como uma atividade humana, heterogênea, que supõe a interação em diferentes escalas de tempo, incluindo processos e eventos neuronais, corporais, situacionais, sociais e culturais Thibault (2017). Nesse sentido, se propõe uma visão mais ampla da linguagem que vai além de uma simples estrutura de sons, palavras e frases. Uma visão que contempla um sistema dinâmico e multifacetado, onde ocorre uma interação entre corpo, cognição e contexto, manifestando dinâmicas e práticas histórico-culturais.

A segunda dimensão refere-se a *transcender os recursos verbais e considerar outros recursos semióticos e modalidades*. Nesta dimensão, Canagarajah (2017) se refere ao prefixo *trans* no sentido de transcender os recursos verbais levando o falante a utilizar outros recursos semióticos. O autor contempla a possibilidade de considerar a comunicação como resultado de uma série de modalidades além da fala e da escrita, entendidas tradicionalmente superiores a outras formas de comunicação. Nesse sentido, uma visão mais inclusiva e dinâmica da língua e da comunicação se alinha com a realidade plurilíngue e multimodal das sociedades contemporâneas.

Abordar os diferentes tipos de linguagem com expressões comumente utilizadas como linguagem verbal e não verbal, indica uma visão estruturalista que se pauta em uma noção reducionista e binária de conceber a linguagem. Sob uma ótica pós-estruturalista, o processo de construção de sentidos expandiu-se ao incorporar abordagens como translinguagem e multimodalidade. Refere-se assim à interação e integração de diferentes modos de significação, bem como uma comunicação realizada através da combinação de múltiplos modos semióticos que interagem para a construção de significados.

A trajetória histórica da translinguagem é marcada por uma busca constante de desconstruir fronteiras e de reconhecer a fluidez e a flexibilidade com que os indivíduos transitam entre diferentes recursos linguísticos. Nesse sentido, a translinguagem abre e lança luz sobre “redes de significação até então ocultas ou silenciadas, reunindo em uma relação simbiótica o estudo da semiótica, da literatura/poesia/linguagem, da linguística, da sociedade, da história, da política, das vidas” (García e Wong, np). Os autores destacam a capacidade dessa prática em desvendar a complexidade da comunicação humana e fomentar um entendimento mais aprofundado das conexões entre linguagem, identidade e sociedade.

A linguagem não pode ser mais vista como um sistema estático, normatizado, mas sim como uma força ativa. Uma ferramenta dinâmica que pode ser usada para mudar, interagir e construir sentidos no mundo ao nosso redor. Há um foco na linguagem como ação transformadora, como um “fazer”, postula Pennycook (2017). O autor afirma que a ênfase recai

menos na definição de linguagem e mais em como a translinguagem se manifesta ao expandir a noção de linguagem, abrangendo modos semióticos além das fronteiras linguísticas. Com a complexidade das práticas comunicativas no mundo globalizado, a translinguagem aponta para uma perspectiva mais abrangente e inclusiva da linguagem na sua função de construir sentidos.

Ao mudar o foco de um olhar centrado em regras para uma comunicação mais centrada no seu uso, a translinguagem oferece análises mais efetivas do que realmente constitui a comunicação entre as pessoas. Houve a necessidade de uma mudança de paradigma, antes centrado somente no que se entendia como linguagem, para estudos que se concentram na linguagem que os falantes trazem a partir de seus repertórios, postulam Wong e Garcia (2025). A pesquisa sobre translinguagem foca o conjunto de recursos linguísticos que os falantes possuem, no sentido de que se comuniquem de forma eficaz, independente das normas tradicionais.

Os autores defendem uma análise mais detalhada ao escopo do que é compreendido pela ideia de linguagem em si, imaginando a adoção de uma versão expandida da linguagem, defendida por Pennycook (2017). Essa perspectiva se alinha com esta pesquisa, na qual os participantes se utilizam de uma linguagem que não prevê a língua como estrutura de comunicação. São recursos que existem em seus corpos que dançam, em seus sentimentos que brotam de suas performances, em suas expressões que contam a história que se propuseram a mostrar ao mundo.

A noção expandida de linguagem pode ser exemplificada pela evolução dos estudos de paisagens linguísticas postulados por Pennycook (2017). O foco desse conceito mudou da análise da "presença, representação, significados e interpretação de línguas exibidas em locais públicos" (Shohamy e Ben-Rafael, 2015, p.1) para incluir "imagens, fotos, sons (paisagens sonoras), movimentos, música, cheiros (paisagens olfativas), grafites, roupas, comida, edifícios, história, bem como pessoas que estão imersas e absorvidas em espaços ao interagir com a PL¹³ de diferentes maneiras" (Shohamy, 2015, p. 153-154). Assim como a evolução das paisagens linguísticas, a evolução da linguagem implica em uma visão mais inclusiva e abrangente permeada por múltiplas formas de expressão e experiência.

Essa perspectiva leva o olhar da translinguagem a uma expansão de como entendemos a comunicação a partir da diversidade de recursos que os falantes utilizam para construir sentidos. Assim, Pennycook (2017) sugere que a pesquisa em translinguagem, a exemplo da

¹³ PL - Paisagem Linguística

evolução nos estudos de paisagens linguísticas, beneficie-se ao questionar os limites não só entre línguas, mas entre semioses.

Advoga o autor que recorramos a um amplo conjunto de recursos possíveis para alcançar a comunicação. Essa perspectiva infere uma expansão da compreensão da comunicação, considerando um leque mais amplo de recursos que podem ser utilizados pelos falantes para a construção de sentidos em sua comunicação.

Ao considerar uma visão mais abrangente dessa interconexão entre o linguístico e não linguístico, ocorre o uso de um conjunto de recursos semióticos utilizados pelos indivíduos para construir e comunicar significados. Os repertórios semióticos, no entendimento de Blackledge e Creese (2017), incluem o linguístico e aspectos da comunicação que não são considerados linguagem. Incluem gestos, postura, mobilidade, experiência, lacunas de silêncio, respondendo aos locais e às pessoas com quem os recursos semióticos podem ser implantados. Os autores postulam uma união entre a prática comunicativa incorporada e a prática comunicativa linguística, constituindo-se partes integrantes uma da outra.

Ao incluir um conjunto de interações semióticas, possibilita a participação de diferentes formas de arte, plataformas digitais, espaços culturais entre outros. Segundo Kalam (2022), a multiplicidade de engajamentos semióticos, desencadeia, assim, um movimento de diversas comunidades linguísticas, culturais e institucionais efetivando a construção de sentidos. Nesse sentido, o autor reconhece a translanguagem como multiplicadora e intensificadora de interações semióticas. Entende o uso do termo translanguagem como interações interlinguísticas e translinguísticas que enriquecem as experiências semióticas de uma pessoa, funcionando como um gatilho para multiplicar essas interações em vários níveis.

Uma rica variedade de recursos semióticos contribui para a criação de um espaço translíngue dinâmico e complexo, onde os participantes podem, de variadas formas, se expressar e construir significados. Considero pertinente retomar a concepção de Garcia e Li (2014, p. 42) sobre uma visão holística da linguística e dos recursos semióticos. Para eles, tais recursos “sinalizam um sistema transemiótico com muitos sinais de construção de significado, principalmente os linguísticos, que se combinam para formar o repertório semiótico de uma pessoa”. Esse sistema envolve a mobilização estratégica de recursos semióticos interconectados, nos levando a pensar na comunicação como um processo dinâmico e integrado.

Na construção de significados, as diferentes modalidades semióticas fluem, influenciam e se complementam. Essa combinação foi nomeada por Lin (2015) como “transemiotização” a partir da visão transemiótica de Halliday (2013) para conceituar a interação da linguagem e

outros recursos semióticos que se entrelaçam na comunicação. Busco discutir a emergência transemiótica a partir do movimento das diferentes semioses codificando realidades construídas entre mundos/línguas e, por isso, transcultural. Práticas linguísticas que são diversas e se cruzam onde formarão espaços de sentidos outros, extrapolando os limites das estruturas determinadas para um texto.

A noção transemiótica surge com a combinação de diferentes textos que combinados em diferentes sistemas de signos, vão convergir para uma expressão de um mundo real, sem que haja hierarquização entre eles Biaggi (2013). Nessa discussão, o autor considera que a realidade se consolida por meio da materialidade visual das cores, formas e dimensões e a materialidade sinestésica dos movimentos e dos sons no cotidiano.

Nesse sentido, a imagem não é mais importante que uma palavra, que um som ou qualquer outro modo. A percepção da realidade se torna concreta a partir do que podemos ver e sentir. E a partir de uma conclusão mais ampla, para o autor, existe uma semiose mundial que é a travessia intercósmica de elementos visuais, sonoros, sinestésicos, verbal, corporal que nada mais são que signos com organização própria, mas que se comunicam e se misturam.

O processo dinâmico onde coordenamos múltiplos recursos linguísticos e semióticos (imagens visuais, sons, gestos, expressões faciais, por exemplo) no sentido de co-criar significados em conjunto com outros participantes é descrito pela translanguagem e transemiotização (Lin, 2019). A autora enfatiza que nossos repertórios comunicativos são expandidos e partilhados por meio dessa co-contribuição para a construção de sentidos. Alinho-me à perspectiva de Lin (2019) de que a translanguagem e transemiotização permitem aos indivíduos manterem um fluxo de criação de significados sem interrupção, emocionalmente envolvidos e impulsionados na ampliação de sua compreensão de mundo.

Ampliar um olhar para os processos de construção de sentidos a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, direciona a análises de como diferentes modos de comunicação se combinam e interagem. A semiótica fornece ferramentas para a análise de signos individuais, as quais são aplicadas pela multimodalidade para examinar a interação desses signos em contextos complexos de comunicação.

Para uma melhor compreensão dos recursos linguísticos e semióticos, os estudos da multimodalidade ajudam a tornar mais concreta essa dimensão. Na análise da comunicação e da linguagem, os conceitos de translanguagem e multimodalidade se interligam, especialmente em contextos de diversidade linguística e cultural. A multimodalidade respalda, teoricamente, o entendimento de como diferentes modos semióticos se combinam para criar um significado.

Em paralelo, a translinguagem desempenha o papel de oferecer perspectivas de como são utilizados os recursos linguísticos de forma flexível e criativa.

A multimodalidade, um campo de estudo que reconhece a complexidade da comunicação, é um conceito que busca compreender a combinação de diferentes modos e recursos semióticos para criar um significado. Apontada como um fenômeno da comunicação, Adami (2017), define a multimodalidade a partir da combinação de modalidades como imagens, gestos, falas, escritas, entre outras, assim como recursos semióticos, quando nos referimos a textos e eventos comunicativos. As modalidades são consideradas como um princípio organizador, no sentido de que tem a função de desenvolver teorias, ferramentas analíticas e descrições para o estudo da comunicação e da representação.

A abordagem multimodal busca compreender como os diferentes modos se articulam e contribuem para a construção de sentidos em diferentes contextos a partir de diferentes perspectivas teóricas. Destaco pressupostos comuns que Adami (2017) postula para justificar que essa inter-relação é a chave para compreender cada elemento da comunicação. Entende a autora que a multimodalidade é característica de toda a comunicação, sendo que analisar unicamente a língua não representa adequadamente um sentido. Afirma que cada uma das modalidades molda seus recursos a partir de suas materialidades e histórias sociais, para munir a necessidade de determinada comunicação. Dessa forma, cada uma tem um papel especializado para a construção de sentidos.

Cada ato comunicativo é um todo, constituído de diferentes modos e recursos semióticos que não tem hierarquização definida na construção de seu significado. Jewitt (2011) postula que a multiplicidade de modos que fundamentam a representação e comunicação, tem potencial para contribuir de forma igual para o significado. Nesse sentido, Maciel e Pereira (2020) defendem que a chave para a compreensão de cada elemento de comunicação está na inter-relação entre as modalidades.

Levando em conta a complexidade dos ecossistemas de comunicação atuais, especialmente em campos multifacetados como o desta pesquisa, é necessário ultrapassar as fronteiras semióticas tradicionais e de uma análise puramente multimodal. Nesse raciocínio, Pennycook (2017, p. 270) postula que “a translinguagem deveria começar a olhar para um conjunto de possibilidades semióticas para além dos aspectos linguísticos”. Assim, a intrínseca relação entre as diversas formas de significados como visuais, sonoras, espaciais, gestuais e digitais tem caminho aberto para relevantes pesquisas. De fato, é em contextos comunicativos híbridos e fluidos que essas formas se interconectam dinamicamente na construção de sentidos.

Ao propor uma perspectiva dinâmica e fluida da linguagem, a translanguagem não se apresenta apenas como uma opção teórica, mas como um imperativo teórico. Pennycook, (2017, p. 270) complementa seu raciocínio chamando a atenção para o fato de que “a pesquisa em translanguagem pode se beneficiar em questionar não apenas as fronteiras entre as línguas, mas também entre os diferentes modos semióticos”. Consequentemente, emerge como uma ferramenta que aprofunda a compreensão das complexas práticas comunicativas multimodais e plurilíngues que são características das interações sociais contemporâneas.

Por meio dessa perspectiva transdisciplinar, que incorpora as várias formas de expressão e experiências interligadas dos participantes, é possível desvendar a complexa rede de significados que se forma além dos limites convencionais da linguagem. Possibilitando um entendimento mais aprofundado e integrado dos fenômenos comunicativos, a perspectiva de Barbosa e Maciel (2019) de que não há um lado de fora da linguagem, permite uma visão do contexto do Moinho Cultural como uma grande assemblagem. Assim, entendendo que todos os elementos que compõem esse texto não estão separados, enfatizando a natureza relacional e interdependente da produção de sentidos nesse espaço.

A terceira dimensão refere-se a *transcender as distinções de texto/contexto*. Nesta dimensão do prefixo trans, o autor entende que a distinção entre texto e contexto deve ser transcendida. Compreende que o contexto não está isolado do processo de construção de sentidos, analisando como diferentes características semânticas significam em relação ao contexto espaço-temporal.

Questionando o paradigma estruturalista, os pesquisadores passam a perceber o espaço como uma estrutura mais ampla para compreender a vida comunicativa e social. É necessário redefinir o espaço a partir de entendimentos emergentes, segundo Canagarajah (2018), diferente de como era tradicionalmente entendido, como matéria morta a ser moldada pelo homem, cognição e linguagem. A linguística estruturalista tratou-os como passivos, inertes, estáticos e flexíveis. No sentido contrário, uma orientação espacial trata os espaços como ativos, generativos e agentes. Para seguir a uma orientação espacial, a noção tradicional de línguas estruturadas separadamente deve ser abandonada.

A base conceitual de repertório espacial conecta trajetórias de vida individuais com lugares específicos onde são utilizados recursos linguísticos. Nesse sentido, o repertório linguístico do indivíduo está intrinsecamente ligado às experiências que têm em diferentes espaços. É referendado por Canagarajah (2018, p. 36) a partir da definição adotada por Pennycook e Otsuji (2015, p. 83) “ligando os repertórios formados por trajetórias de vida

individuais até os lugares específicos em que esses recursos linguísticos são implantados”. Sugere dessa forma, não ser apenas um conjunto de informações, fatos, conceitos, regras, habilidades e experiências que o indivíduo possui em sua mente, nem armazenados de forma física ou concreta.

A natureza dinâmica, colaborativa e situada da linguagem em uso, sugere que, o saber linguístico em um determinado contexto, pode transcender a competência individual isolada. Nesse sentido, Canagarajah (2018) acrescenta à definição de seus colegas que, os repertórios espaciais podem não ser imediatamente transferidos para a atividade realizada pelo indivíduo. Entende o autor que ocorre em conjunto e em cooperação com outros, reunidos *in situ*, de forma prática, colaborativa e distribuída. Esses repertórios podem não integrar a proficiência já adquirida por uma pessoa.

A ideia central do conceito de repertório espacial é que este atua como uma força que integra a linguagem com o ambiente e as interações que nele ocorrem. No entendimento de Pennycook (2017), o repertório espacial empurra a linguagem para fora da cabeça. Desloca assim a visão tradicional da linguagem que a enclausura no âmbito cognitivo, sendo influenciada e moldada pelo espaço e objetos que nos cercam. A partir de uma visão holística dessa interação, os arredores materiais não são como um contexto em que interagimos, mas como parte de um todo que inclui pessoas, objetos, espaço, interações humanas com não humanas.

Na compreensão do autor, para produzir interações específicas, um conjunto próprio de pessoas, recursos linguísticos, objetos e organização espacial se reúnem em um determinado momento. É dessa maneira que as condições de uma comunicação são construídas e influenciadas. Ao ter um papel ativo, o ambiente material direciona a uma produção da linguagem de forma situada e contextualmente dependente. As diferentes configurações espaciais conectadas com objetos específicos vão facilitar ou restringir a comunicação.

Ao explorar o conceito de repertório espacial, tomo como exemplo o Moinho Cultural. Seu espaço, com uma dinâmica própria, apresenta elementos como objetos com suas histórias como as sapatilhas penduradas perto da escada, o fluxo das pessoas que ali transitam, as figuras nas paredes, os instrumentos, as roupas que vestem, como se pode observar na figura a seguir:

Figura 17: O repertório espacial do Moinho Cultural



Fonte: A autora

São interações possíveis que podem influenciar o tipo de linguagem que utilizam para construir seus sentidos. Pennycook (2017) entende o contexto espacial e material inseparáveis da linguagem. A comunicação humana vai além das fronteiras da mente individual e tem no ambiente físico um papel fundamental em sua constituição. A figura acima indica que a comunicação é distribuída e fluida, não residindo apenas no indivíduo, mas espalhada por uma

rede de elementos interconectados que inclui agentes sociais, objetos físicos e até os corpos dos participantes.

Ao abordar a translanguagem a partir de uma perspectiva espacial mais ampla, várias ramificações são necessárias para entender como concebemos uma competência em que se envolve a abordagem translíngue. Com o objetivo de resumir as mudanças envolvidas de uma orientação estruturalista para espacial, incluindo a translanguagem, Canagarajah (2017) as organiza como na tabela a seguir.

Tabela 1: Mudanças da orientação estruturalista para a espacial

ORIENTAÇÃO ESTRUTURALISTA		ORIENTAÇÃO ESPACIAL
Significados predefinidos		Indexicalidade
Linguagem integral		Multilinguismo truncado
Gramática		Repertórios espaciais
Comunicação		Atividade
Agência dos humanos		Agência das coisas
Cognição		Incorporação
Hierarquia		Ontologia plana
Multimodalidade		Montagem
Binário texto/contexto		Entextualização
Individualismo metodológico		Prática distribuída
Metafísica da presença		Escala espaço-temporais
Contextos discretos		Simultaneidade em camadas
Pensamento representacional		Performatividade/bricolagem
Modelagem contextual		Transformação espacial
Competência		Colocação
Desenvolvimento arbóreo		Desenvolvimento rizomático

Fonte: A autora, com base em Canagarajah (2017)

Ao olhar a espacialidade como um elemento fundamental para entender a comunicação, que supera abordagens estruturalistas, o tempo também deve ser considerado. O conceito de cronotopo cunhado por Bakhtin (2014), nos lembra a inseparabilidade entre dimensões espacial e temporal. Como pertinentemente assinala Canagarajah (2018, p. 4), essa lente bakhtiniana “nos encoraja a considerá-los como interativos, em camadas e dinâmicos”. Desse modo, somos levados a reconhecer a simultaneidade e a coevolução dos contextos que emergem e se desenvolvem, a partir da análise dos fenômenos comunicativos em sua totalidade espaço-temporal.

Como um desafio ao antropocentrismo, destaco o conceito da “Ontologia Plana”. Canagarajah (2018) introduz esse conceito referenciando (Marston et al 2005), ao destacar que

essa perspectiva valoriza a interconexão ecológica de todos os seres e coisas, sem que haja qualquer hierarquia. Questiona a superioridade e dominância dos seres humanos sobre a natureza, deslocando o foco de entidades isoladas. Isso não quer dizer que nega a individualidade de cada ser, mas reconhece a mútua ligação e influência dentro de sistemas complexos. Isso nos leva a reconhecer a importância de outros seres e elementos na construção de sentidos, a partir das implicações de nossas ações sobre o mundo.

A espacialidade surge como uma ferramenta chave para buscar como diferentes recursos se unem para construir atividades de forma integrada. Influenciado pela ontologia plana e a ideia de assemblagem postulada por (Deleuze e Guattari, 1987), Canagarajah (2018) entende essa dinâmica como a interconexão de um conjunto heterogêneo de elementos, articulados de maneira específica e que produz um efeito ou atividade particular. Isso me leva a uma visão mais integrada e relacional, em que as fronteiras entre humanos e não humanos se tornam mais fluidas e interdependentes.

Ao realizar atividades comunicativas, os indivíduos não se limitam ao uso de línguas nomeadas, envolvendo uma dinâmica de recursos variados a partir de uma complexa interação. Ao se valer de um leque de recursos verbais e semióticos que atuam na formação da comunicação, Canagarajah (2017, p. 18) postula que são adotadas “práticas distribuídas que envolvem a colaboração com uma rede de agentes sociais, objetos e corpos em escalas espaço-temporais em camadas; todos os quais constituem um conjunto de repertórios espaciais situados e emergentes”. Esses repertórios não são representacionais e sim performativos. Acrescenta o autor, que não carregam significados predefinidos e sim são construídos e gerados no ato da comunicação, no tempo e local em que são gerados e constroem seus sentidos.

Os primeiros estudos sobre a noção de comunicação como assemblagem, na linguística aplicada, questionavam a relegação do espaço e tempo a um “contexto insignificante”. Nesse sentido, se encorajou para uma orientação mais expansiva para recursos semióticos de forma atenta para problematizar o contexto e revelar as características que mediam a comunicação. Para essa reflexão entre contexto e texto, Canagarajah (2017) busca em Silverstein (1985) a atenção para:

O fato linguístico total, o dado para uma ciência da linguagem é de natureza irreduzivelmente dialética. É uma interação mútua instável de formas de signos significativas, contextualizadas para situações de uso humano interessado e mediadas pelo fato da ideologia cultural (Silverstein, 1985, p. 04).

Já apontando uma visão para a inseparabilidade entre linguagem e contexto, o autor postula que o fato linguístico total engloba a interação entre as formas, as situações de uso humano com intenções e interesses e a mediação da ideologia cultural. Portanto, não se limita às formas linguísticas em si.

Alinhado a definições amplas da translinguagem, o fato linguístico total converge para a multimodalidade e a integração de recursos semióticos na comunicação. Canagarajah (2017, p. 4), argumenta que, o fato linguístico total “envolve formas de sinais além dos recursos verbais, conforme articulado nas definições expansivas de translinguagem”. Para capturar a complexidade dos processos de significados em contextos comunicativos reais, é necessário abordagens que transcendam a análise isolada da linguagem verbal.

Os estudos da linguagem apontam para uma mudança importante na forma como o contexto é compreendido. De uma visão estruturalista limitada como algo monolítico, secundário e separado com relação à gramática ou ao texto (Blommaert et al, 2013), para uma orientação mais dinâmica e interativa. Canagarajah (2017), articula o desenvolvimento de uma orientação mais dinâmica para o contexto, demonstrando como ele é emergente e coconstruído pela linguagem, uma perspectiva apoiada por autores como Duranti e Goodwin (1992), Goodwin (2000) e Hanks (2006). Isso representa um avanço significativo em relação à visão estática do contexto que se constitui em um componente ativo e constitutivo do significado, não relacionado a um pano de fundo passivo.

A partir dessa discussão, Canagarajah (2017) nos convida a repensar a dicotomia entre o texto e o contexto. Em um pensamento estruturalista, o texto se constitui em objeto de análise primária e o contexto, o ambiente ou circunstância que o envolvem. Em sua pesquisa com os acadêmicos, as descobertas sugerem que o limite entre o texto e contexto é permeável e que elementos contextuais constituem repertórios espaciais que são parte da fala e da escrita. Segundo o autor, características que tradicionalmente eram relegadas ao contexto, na realidade, são inerentes ao texto ou à fala.

Portanto, constituem repertórios espaciais aqueles utilizados pelas pessoas para realizar suas atividades. As várias redes sociais exploradas pelo acadêmico da pesquisa a que Canagarajah (2017) se refere, não são meros contextos, mas sim responsáveis pela assemblagem que é o texto. Todos os elementos que surgem para o acadêmico são incorporados ao texto em evolução, trazendo a imagem da formação de uma tapeçaria de muitas vozes. Reforçando assim, que o texto não é uma criação isolada, mas sim o resultado de uma assemblagem.

Essa capacidade de extração e deslocamento, permite que os textos circulem por diversos cenários sociais, adquirindo novos significados e funções em cada nova entextualização. Nas palavras de Baumann e Briggs (1990, p.73) a entextualização é “[...] o processo de tornar um discurso extraível, de fazer de um trecho de produção linguística uma unidade – um texto – que pode ser levada para fora de seu cenário interacional”. A partir desses autores, Blommaert (2011) descreve o processo dinâmico pelo qual fragmentos da fala ou da escrita são isolados de seus contextos interacionais originais, tornando-se unidades textuais independentes e móveis. Em suma, a entextualização confere aos textos uma notável plasticidade semântica e funcional.

A essência da circulação textual é compreendida fundamentalmente pela entextualização. Para Guimarães e Lopes (2017), se define como um processo em que discursos se desprendem de seus contextos originais para serem reinseridos em novas circunstâncias. Baumann e Briggs (1990) já nos chamavam a atenção para essa característica fundamental da performance da narrativa. Ao se materializarem como textos, os discursos sofrem múltiplas interpretações, percorrendo caminhos por variados cenários, conforme destacado por Blommaert (2013). Além disso, um texto, quando deslocado de sua configuração original, provoca profundas mudanças na maneira como seus significados são formados e interpretados.

O olhar direcionado a uma orientação espacial, no sentido de abandonar a noção estruturalista de línguas separadas, nos leva a entender que o significado e a gramática emergem de suas localizações e usos em contextos específicos. No âmbito dessa discussão, Canagarajah (2017, p. 5) apresenta a indexicalidade como “um processo espaço-temporal, pois os significados se sedimentam ao longo do tempo para desenvolver status gramatical e normas”. Contudo, o autor enfatiza que essas normas não devem ser vistas como fixas. Ao interagirem com outros recursos semióticos, participando de diferentes contextos e relações, as palavras constantemente são influenciadas, reconstruindo assim seus significados.

A concepção de que os textos "viajam" não significa que eles existam de forma autônoma, completos em si e sem um histórico de uso. Pelo contrário, essa "viagem" textual está sempre enraizada em contextos socioculturais e históricos específicos, o que nos permite identificar os regimes de verdade que se estabelecem nessas esferas. A indexicalidade é um conceito teórico fundamental para compreender como os significados dos elementos linguísticos se consolidam e ganham relevância nesses percursos.

A indexicalidade, um conceito central na linguística e na antropologia da linguagem, refere-se à capacidade inerente dos signos linguísticos de apontar dinamicamente para

elementos do contexto comunicativo. Como bem argumentam Guimarães e Lopes (2017), com base nas palavras de Silverstein (2003), as formas linguísticas não são apenas símbolos, mas também índices que apontam para aspectos sociais e culturais que são compartilhados entre as pessoas que se comunicam. Citam como exemplo, que no português falado no Brasil, o uso de 'senhor/senhora' em vez de 'você' não é uma escolha aleatória. Essas formas de tratamento indexam respeito e um certo distanciamento na relação entre os falantes. Isso geralmente acontece quando uma pessoa tem mais idade ou ocupa uma posição social mais elevada.

A dimensão entre texto e contexto pode ser apresentada como exemplo, nessa relação manifestada em um ambiente médico. Barbosa e Maciel (2019) estudam a maternidade como um espaço multissemiótico de construção de sentidos no centro cirúrgico e na sala de parto. Nesses dois espaços, os autores não distinguem texto (comunicação) e contexto. Entre outros aspectos, os autores apontam a possibilidade de despertar efeitos de sentidos únicos na gestante e para os profissionais que ali atuam, a partir de cada um desses espaços com seus contextos diferentes.

Ao buscar expandir a compreensão da competência da translinguagem sob as lentes da perspectiva espacial, Canagarajah (2017) indica implicações significativas de como desenvolvemos essa prática, assim como a capacidade de engajamento com ela. Ao tirar o foco no indivíduo e seu repertório linguístico e incluir o espaço de forma mais abrangente, nos leva a navegar através de diversas fronteiras e recursos estrategicamente ativados em diferentes contextos.

Em sintonia com as tendências evolutivas desses estudos, novas perspectivas consideram a materialização da comunicação. Nessa visão, objetos e espaços são considerados agentes com mais relevância que nos modelos precedentes. O Novo Materialismo, conforme elucida Canagarajah (2020, p. 4), postula que “trata os significados como emergentes de práticas distribuídas”. Consequentemente, tanto o pensamento quanto a comunicação emergem da contribuição de todos os elementos das redes sociais e ecologias materiais.

Embora o autor reconheça a importância e o posicionamento estratégico dos falantes, os descreve como “agentes híbridos” que necessitam interagir uns com os outros para negociar sua agência. Essa perspectiva ressalta a materialidade e a interconexão de diversos agentes, propondo uma análise mais abrangente da efetivação da comunicação.

A categoria da quarta dimensão busca *transcender as estruturas sociais*. Entende o autor que desafia a ideia de linguagem regulada, que relações de poder são determinantes e busca desestabilizar discursos opressores e autoritários. Refere-se ao posicionamento do sujeito na

sociedade a partir de significativos recursos semióticos e sensoriais na construção da existência e seu posicionamento.

A construção de sentidos que ultrapassa as fronteiras linguísticas e semióticas direciona seu olhar a estudos emergentes que se referem ao conceito de assemblagem. Pereira e Maciel (2019) postulam que o termo assemblagem (ou assembleia, reunião, montagem), oriundo da obra “Mil Platôs”, de Deleuze e Guattari (1985), busca a possibilidade de olhar para as formas de construção de sentidos a partir de uma perspectiva mais rizomática e menos cartesiana. É nessa esteira que se ampliam as discussões sobre o conceito de assemblagem no âmbito da translinguagem.

Esse conceito passou a integrar o de translinguagem com o objetivo de questionar a hegemonia das línguas nomeadas e separadas. No entendimento de Pereira e Maciel (2019), a assemblagem direciona a compreensão dos processos de construção de sentidos e suas conectividades, a partir de um olhar para sua complexidade, fluidez e múltiplas funcionalidades.

A assemblagem não é algo fixo ou predefinido, implicando em uma construção a partir de diversos elementos que estão disponíveis, que se encaixam e interagem em um determinado espaço. Na concepção de Canagarajah (2017, p. 39) o conceito de assemblagem é uma bricolagem em que “os diversos recursos semióticos desempenham um papel colaborativo como repertório espacial”. Nesse sentido, permite compreender como diferentes trajetórias de pessoas, recursos semióticos e objetos se encontram em momentos e lugares específicos. Assemblagem implica em um momento específico de cruzamento de histórias e elementos, determinado como um ponto de encontro para a construção de sentidos de uma comunicação.

Arelado ao conceito de assemblagem, repensar a translinguagem de forma mais complexa - para além da justaposição de línguas - e compreendê-la como um conjunto dinâmico e interconectado de diferentes modos semióticos, enriquece seu entendimento e suas implicações para a comunicação e identidade.

Como se pareceria a translinguagem se incorporasse não só os códigos de linguagens, mas um conjunto mais amplo de possibilidades semióticas, questiona Pennycook (2017). Não é possível adicionar itens semióticos ao nosso inventário translíngue, diz o autor, mas sim buscar compreender as relações entre as várias formas de semioses.

Assemblagem é uma abordagem que propõe uma valorização nas relações de semioses e como se manifestam, ganhando relevância em contextos específicos de interações entre indivíduos, objetos e o ambiente. Nesse sentido, para indexar quais desses recursos se tornam relevantes, o autor sugere a noção de assemblagem semiótica, que “expande o inventário

semiótico e realoca repertórios nas relações dinâmicas entre objetos, lugares e recursos linguísticos, uma propriedade emergente derivada das interações entre pessoas, objetos e espaço (Pennycook, 2017, p. 11). Essa perspectiva nos conduz a conceber uma translanguagem que abrange um espectro diversificado de recursos semióticos.

Para compreender a complexidade do conceito de assemblagem, é crucial reconhecer a coexistência e interação de diversos recursos linguísticos, não linguísticos e culturais em um mesmo espaço físico. Ilustra essa ideia, o estudo de Pennycook (2017) sobre uma loja de esquina em Bangladesh em que várias línguas são faladas assim como culturas diversas se apresentam.

O autor se refere às várias combinações de recursos que o espaço apresenta, a negociação entre eles, assim como as possibilidades espaciais que envolvem os objetos, o layout, as pessoas se movimentando. De igual importância para o autor, estão as maneiras pelas quais os recursos linguísticos, ações cotidianas e o espaço social estão interligados com o resto da ação.

Impulsionada pela leitura do estudo de Pennycook (2017), desvio o olhar para o locus de minha pesquisa, um horizonte também amplo e rico de significados. Destaco sua natureza híbrida e multifacetada negando categorias convencionais de escola regular. O Moinho Cultural não é uma escola, porém ensina. Não é um mercado, mas vende sonhos.

Percebo no Moinho uma mesma dinâmica de combinação de recursos linguísticos e semióticos que impulsiona a comunicação em diversas esferas: entre pessoas e coisas, entre arte e profano, entre ricos e pobres, vulneráveis ou não. Essa mescla, que busca a integração, transforma o Moinho em um espaço onde se constroem sentidos e afetos por meio de práticas translíngues.

O conceito de assemblagem é utilizado para dar corpo à noção de agência distribuída, que emerge das interações entre atuantes humanos e não humanos. Nesse sentido Bennett (2010a), demonstra o interesse no poder das coisas, na curiosa habilidade das coisas inanimadas de agir, produzir efeitos e como essas coisas se juntam em assemblagem.

Noção que desenvolve a partir do trabalho de Deleuze e Guattari (1987, p. 88) quando focam a "montagem de corpos, de ações e paixões, uma mistura de corpos reagindo uns aos outros", bem como uma "montagem coletiva de enunciação, de atos e declarações de transformações incorpóreas atribuídas a corpos". Essa perspectiva dinâmica de assemblagem sugere que enfatiza a relacionalidade entre elementos, que produz significados que não são meramente físicos e são atribuídos também aos corpos envolvidos.

Nesta pesquisa, analiso os conceitos de translinguagem e afeto como assemblagem, construindo sentidos nas emergências que surgiram das entrevistas e filmagens que realizei com os participantes do Instituto Moinho Cultural. Nesse sentido, as performances, o ambiente, os sons, o layout, os objetos são ressignificados à medida em que se consideram recursos semióticos sensoriais, afetivos, espaciais que se reúnem para construir sentidos naquele espaço, naquele momento.

A seguir, abordo as questões do afeto e corporeidade, conceitos que, em assemblagem com a translinguagem, permeiam as relações no Moinho. Ocorrem em um espaço que potencializa uma prática comunicativa que valoriza diversas identidades, contextos variados e a justiça social, mediante a construção de sentidos na comunicação.

3.2. O AFETO E SEUS MOVIMENTOS TRANSCENDENTES

Na presente seção, proponho analisar o conceito de afeto, fundamentado na filosofia de Baruch Spinoza e nas contribuições de autores como Clough (2007), Deleuze e Guattari (1987), Kawashi, Rocha e Maciel (2023), Massumi (2015), Morgan, Rocha e Maciel (2021) e Ott (2017). Busco examinar como as experiências afetivas se relacionam com práticas de linguagem que desafiam fronteiras culturais e linguísticas em um espaço onde a arte e o corpo são protagonistas.

Dialogando com a crítica spinozista à separação corpo-mente, a abordagem de Anwaruddin (2016) proporciona uma compreensão não apenas racional do afeto, porém, crucial para a compreensão das complexidades do mundo e das interações sociais. Alinho-me à visão do autor, de que o afeto reflete a chave para decifrar a dinâmica humana, revelando transformações corpóreas e mentais. Assim, impactando diretamente nossa capacidade de agir e se manifestando não somente como um sentimento, mas como uma força vital que nos impulsiona ou nos paralisa.

A corrente de pensamento da “Virada Afetiva” desafia a centralidade da linguagem, um princípio fundamental da “Virada Linguística” que marcou o século XX. Essa mudança de perspectiva questiona a herança cultural de priorizar a razão, solidificando a noção de que os processos cognitivos são produzidos por habilidades de raciocínio lógico, memória, linguagens e capacidade analítica.

A centralidade da linguagem foi um paradigma dominante, concebendo-a como elemento primordial da cognição. Nesse sentido, Ott (2017, p. 9) ilustra essa predominância ao

citar que “as estruturas da linguagem delimitam o que pode ser dito e, por extensão, o que pode ser pensado”. Tal abordagem, consequentemente, sinaliza a necessidade de se considerar outras dimensões, além da linguagem, na produção de conhecimento e nos processos mentais.

Em meados da década de 1990, a emergente “virada afetiva” marcou um profundo engajamento teórico com as dimensões das emoções e da afetividade. Impulsionada por epistemologias inovadoras do século XX, essa corrente direcionou o olhar acadêmico para as formas como os discursos sobre as emoções emergem, circulam, são invocados, implantados e performados (Ahtanasiou, Hantzaroula e Yannakopoulos, 2008). As emoções ganharam, assim, centralidade na análise social e cultural.

No contexto da virada afetiva, propõe-se uma transição de paradigmas que se afasta das ênfases tradicionais do construtivismo social em direção a abordagens pós-estruturalistas. A centralidade do afeto é evidenciada a partir das apropriações desenvolvidas no âmbito das teorias da performatividade de gênero e dos estudos pós-coloniais. Como resultado, o papel da afetividade emergiu como um campo de notável interesse investigativo, que reconfigurou a análise de seus papéis nos processos históricos, culturais e políticos.

O livro *The Affective Turn: Theorizing the Social*, uma coletânea de ensaios, explora como as correntes políticas, econômicas e culturais estão sendo repensadas sob a ótica de profunda transformação no pensamento. Em um cenário em que o mundo enfrenta conflitos, traumas, atos de tortura, massacres e contraterrorismo, Clough (2007) destaca a relevância que a análise do afeto adquire em discursos disciplinares e interdisciplinares. A autora argumenta, que o movimento virado afetivo, propõe uma nova forma de compreensão do social, político e cultural, adotando uma perspectiva pragmática. Reconhece o papel fundamental das experiências afetivas na formação da realidade, nossa interação com o mundo e as próprias estruturas sociais.

Nessa perspectiva, o papel crucial dos afetos é reconhecido, não como apenas emoções individuais, mas como forças que modulam nossa capacidade de afetar e ser afetado na construção de sentidos. Os afetos são estados corporais fundamentais, desencadeados por processos biológicos automáticos. Essa natureza elementar do afeto é investigada por Ott (2017) de forma indistinta de outros estados emocionais, a partir de duas teorias: dos afetos primários e das emoções básicas.

Uma abordagem fundamental para a compreensão das emoções é a teoria dos afetos primários. Proposta por Silvan S. Tomkins (1982), ele identificou as emoções primárias como interesse, alegria, surpresa, medo, raiva, classificando-as como positivas e negativas. De

maneira complementar, Damásio (2003) explora a experiência das emoções, que se distinguem em diferentes categorias como primárias e secundárias. As primeiras, exemplificadas por alegria, tristeza, medo e as segundas, que emergem das primeiras, como orgulho, ciúme, culpa.

Diversas áreas das humanidades concebem o afeto como força dinâmica e transformadora. Conforme observa Ott (2017), essa concepção do afeto como força intensiva perpassa filosofia e disciplinas como literatura, história da arte, comunicação, estudos culturais, antropologia cultural e geografia. Nessa linha, sobressaem as ideias de Gilles Deleuze e Félix Guattari, que argumentam que a colisão entre corpos desencadeia processos de mudança ou variação. Dessa forma, o afeto emerge como uma potente força de devir, capaz de reconfigurar sujeitos e relações, transcendendo a mera impressão de individualidade.

O afeto emerge como uma força prospectiva, transcendendo a simples emoção, configurando-se com a ideia de algo que nos impulsiona para o futuro. Massumi (2015), em seus estudos, caracteriza o afeto como uma força que nos impele à busca por um devir, em vez de nos acomodarmos com o presente, conectando-se intrinsecamente à esperança. Tal entendimento não se resume a uma simples emoção cotidiana, mas encontra raízes na filosofia de Baruch Spinoza, que entende o corpo e sua capacidade de afetar e de ser afetado. Massumi (2015) ressalta, contudo, que essa definição, embora aparentemente simples, desdobra-se em conceitos auxiliares, construindo uma teia teórica que desafia as noções gerais que constituem o padrão do pensamento.

A efetividade de um conceito ancora-se em sua vivência. Conforme postula Massumi (2015), embasado nos estudos deleuzianos, que o afeto é, nessa perspectiva, uma experiência de “pensar através”, significando o continuar de uma jornada formadora e cheia de vida. Em minha leitura, essa proposição sugere que viver a partir de pensamentos afetivos, nos impulsiona adiante, em um constante movimento de aprendizado e vivência. Tal dinâmica de afetar e ser afetado, observo na trajetória dos participantes do Moinho Cultural, que permanecem abertos ao mundo e receptivos aos seus retornos, alinhados à perspectiva do filósofo.

Para aprofundar a discussão do conceito de afeto que alicerça esta pesquisa, busco trazer as concepções de Spinoza. Com sua ênfase na intensidade, na dimensão pré-cognitiva e no potencial dos sentimentos, Baruch Spinoza se revela um precursor da chamada virada afetiva. Sua teoria, especialmente elaborada em sua obra *Ética*, oferece um arcabouço conceitual para reconsiderar a intrínseca conexão entre corpo, mente e sociedade. Entre as ideias centrais apresentadas no livro a *Ética* de Spinoza, destacam-se o conhecimento afetivo e a percepção da

vida em comum para conquistar a liberdade. Nesta seção, exploro algumas considerações acerca de uma das noções centrais da ética espinosana: o afeto.

Ao caracterizar o afeto como as alterações corporais que modificam sua capacidade de agir, Spinoza nos instiga a investigar a potência como uma qualidade intensa. Dessa forma, pavimenta o caminho para uma compreensão mais dinâmica e relacional dos sentimentos, em sintonia com as questões fundamentais da mudança afetiva. O filósofo entende que, para a compreensão da natureza dos afetos, há uma ligação com uma única substância: Deus ou Natureza. Isso significa que é a única substância existente de onde advém tudo o que existe, que dizer, tudo vem da Natureza, de Deus.

Essa é uma das maiores rupturas do filósofo em relação ao século XVII, seu entendimento de Deus. A existência de uma única substância absolutamente infinita que se manifesta de infinitas maneiras em infinitos atributos e que é causa de si mesma e de todas as coisas existentes. Segundo Deleuze (1987), essa ideia inovadora, foi considerada por alguns, como a grande tese teórica de Spinoza. A própria Natureza é a substância infinita cuja essência é uma criação permanente e necessária de tudo o que existe. Para Spinoza, sua religião é seguir as leis da Natureza que é o mesmo que seguir as leis de Deus.

O cerne do pensamento spinozista sobre a concepção de Deus, não é empregado com o mesmo sentido que a tradição teológica judaico-cristã. Spinoza define Deus como a "causa imanente, e não transitiva, de todas as coisas" (Spinoza, 2009, p. 29), significando que Deus não se afasta daquilo que produz. "Tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus, nada pode existir nem ser concebido" (Spinoza, 2009, p. 22). Para o filósofo, Deus e a Natureza representam a mesma coisa, estando assim intrinsecamente ligados. Contrasta com o entendimento judaico-cristão de um Deus transcendente que criou e governa o universo, identificando-o como a própria essência da existência.

Considerando que a potência de Deus, enquanto atributo e extensão, é inextinguível, a natureza jamais deixará de produzir corpos. De acordo com Ferreira (2014), Deus é a causa da existência de todos os corpos. Na filosofia de Spinoza, o conceito de corpo abrange tanto as entidades naturais quanto as artificiais, visto que ambas integram a totalidade divina. Por tudo o que existir manifesta a imanente potência de Deus, na concepção de Spinoza, se dissolve então a própria ideia de separação entre o divino e o mundano.

Em contraposição à dicotomia cartesiana entre a substância pensante e a substância existente, mente e corpo, Spinoza argumenta que ambos são aspectos inseparáveis de uma única substância. Portanto, as enfermidades corporais refletem diretamente nas concepções mentais,

e o inverso também é verdadeiro. Spinoza entende o corpo no sentido de uma corporeidade em todas as suas dimensões, física, sensorial, emocional, afetiva e não unicamente como um corpo físico (Lenoir, 2019). Mente e corpo manifestam características distintas, porém, sob a perspectiva da substância, são uma única entidade e a mesma coisa.

A filosofia de Spinoza postula uma intrínseca ligação entre mente e corpo, onde a mente é constituída a partir da percepção que temos do nosso próprio corpo. Conforme o próprio filósofo expresso, o corpo é considerado o "objeto da ideia que forma a mente humana" (Spinoza, 2009, p. 100). Dessa forma, não precisam de nenhuma outra entidade para uni-los, e nenhum dos dois modos exerce domínio sobre o outro. À vista disso, as modificações e experiências do corpo são ao mesmo tempo experiências e modificações da mente.

A potência de nosso corpo vai além de sua constituição física. Mesmo com uma fragilizada constituição (por causa de uma deficiência, por exemplo), podemos experimentar uma grande potência corporal devido a nossos desejos, emoções, e capacidades sensitivas. Esta visão monista possui implicações significativas para a maneira como entendemos os afetos. Em vez de serem simplesmente experiências internas ou subjetivas, os afetos constituem uma transformação que ocorre no indivíduo em sua totalidade, envolvendo tanto corpo como mente.

Na filosofia de Spinoza, os conceitos de afecção e afeto são indissociáveis e intimamente ligados ao corpo e manifestos nos fenômenos de nosso cotidiano. Portanto, são imprescindíveis nas relações que estabelecemos com o mundo. Por afeto, Spinoza entende que são as afecções do corpo, que impactam sua capacidade de agir, de forma a aumentar ou diminuir sua potência. Contudo, antes de seguir, é necessário esclarecer a distinção entre os termos afeto (*affectus*) e afecção (*affectio*), pois apesar de sua similaridade, possuem significados distintos.

A tradução indistinta dos termos *affectus* e *affectio* é recorrente. Para Deleuze (1987) representa um desastre filosófico, pois ao empregar duas palavras distintas, reflete uma intenção conceitual específica. Nesse sentido, a tradução definida pelo filósofo, alinhada com o conceito de Spinoza, traduz os termos *affectus* por afeto e *affectio* por afecção. Preserva-se assim a riqueza e a integridade do vocabulário original com a clareza conceitual.

O termo afecção (*affectio*) trata das modificações que ocorrem no corpo, e que alteram seu estado e sua capacidade de ser afetado por outros corpos. São modificações que envolvem uma ampla gama de processos fisiológicos, desde alterações bioquímicas até mudanças na atividade neural. Para exemplificar, imagine que sua pele está exposta a um forte calor do sol. O contato com os raios do sol esquentam seu corpo. Esse fato provoca uma série de afecções sobre seu corpo. Sobre as afecções, Deleuze (1978) diz:

O que é uma afecção do vosso corpo? Não o sol, mas a ação do sol ou o efeito do sol sobre você. Em outras palavras, um efeito, ou a ação que um corpo produz sobre um outro, se diz que Spinoza, em razão de sua física, não acreditava em uma ação à distância – a ação implica sempre um contato – é uma mistura de corpos. A *affectio* é uma mistura de dois corpos, um corpo que é dito agir sobre o outro, e o outro receber a impressão do primeiro. Toda mistura de corpos será nomeada afecção (Deleuze, 1978 p. 09).

Com base na ideia de afecção como modificações do corpo, os afetos (*affectus*) são as ideias que acompanham essas afecções. É importante ressaltar, diz Brazão (2018) que a partir de uma afecção, uma ideia ocorreria por correspondência. Tudo o que se passa no corpo é percebido pela mente pois mente e corpo dividem o mesmo status. Isso quer dizer que para um mesmo acontecimento, haveria uma ordem e expressão simultâneas em ambos os atributos. Para cada ação do corpo, haveria uma ideia correspondente.

O termo afeto (*affectus*) exprime a transição de um estado a outro do corpo afetado, assim como do corpo afetante. Segundo Gleizer (2005), essa transição pode ser positiva ou negativa para o corpo afetado, que significa aumento ou diminuição de sua potência de agir. Explica o autor que os afetos são ideias e não devem ser entendidas como representações de objetos. São transições de potência de um estado a outro.

O afeto não é uma simples emoção, mas uma capacidade intrínseca de um ser de preservar sua existência, de atuar no mundo, de realizar suas capacidades. Na leitura que Deleuze (1978, p. 6) faz de Spinoza, define afeto como “variação contínua da força de existir ou da potência de agir”. O afeto é a vivência dessa dinâmica experienciada através de três eixos: desejo, alegria e tristeza.

Ao existir uma modulação constante da potência de agir aumentada, esta é definida pela alegria, e ao contrário, diminui a potência de agir pela tristeza. A alegria e tristeza são afetos primários e a partir deles chegaremos aos afetos secundários como amor e ódio, diz Spinoza (2009). O amor está ligado às alegrias e o ódio possui uma ligação com tristezas. Assim, a variação contínua de nossa potência de agir a partir da dinâmica dos afetos primários, influencia a natureza dos afetos secundários moldando nossas relações e reações com o mundo.

Para Spinoza, os afetos são o resultado das interações complexas entre o indivíduo e o mundo. A gênese dos afetos é um processo dinâmico que envolve essas interações, mediadas pelas ideias e fundamentadas em um esforço de cada ser de preservar sua existência (*conatus*). O mundo exterior afeta constantemente o corpo e a mente. Um dos pilares da concepção dos afetos na filosofia de Spinoza são as causas internas e externas.

As diversas interações do indivíduo com o mundo ao seu redor referem-se às causas externas. Isso acontece quando ocorrem encontros com outras pessoas e objetos. Também fazem parte das causas externas acontecimentos diversos que podem alterar a potência de agir, no sentido de elevar (gerando alegria) ou diminuir (gerando tristeza). Ao mesmo tempo, as causas internas envolvem a constituição física e mental do indivíduo, junto com suas experiências passadas e do conjunto de suas ideias.

O afeto consiste não apenas na modificação que um corpo experimenta, a afecção, mas na ideia que a mente tem dessa modificação. Para Spinoza, transcende a esfera corporal e engloba as "percepções dessas afecções", isto é, a percepção e o entendimento que temos dessas alterações corporais. Assim, um encontro fortuito com um amigo, pode gerar em nós o afeto da alegria, que é a própria percepção do aumento de nossa potência de agir. Inversamente, a percepção da tristeza, como a angústia, que representa a ideia de uma afecção, que reduz nossa capacidade de preservar nossa existência. Mente e corpo, em Spinoza, são expressões de uma mesma substância, que agem em unidade e correspondência, embora nem sempre conheçamos as causas que determinam nossas ações. A partir das respostas emocionais aos estímulos externos, é modulada a maneira como cada indivíduo é afetado pelo mundo.

Ao ter consciência de suas ações, as pessoas se acreditam livres, porém desconhecem o motivo pelo qual foram levados a agir. Moreira (2020) argumenta que fazemos aquilo que está de acordo com nossa potência e não o que queremos. A vontade da mente, são os próprios apetites e podem mudar de acordo com a modificação do corpo que age em concordância com seu próprio afeto. Dessa forma, diz o autor, a essência de nossa mente é a ideia da existência de nossos corpos, ideias estas adequadas e inadequadas.

Entendo como instigante a compreensão da origem de nossos sentimentos e a imensidão de encontros vivenciados ao explorar a distinção de Baruch Spinoza entre causa adequada e inadequada. Baseando-me nos estudos de Jesus (2015) essa diferenciação oferece uma lente poderosa: somos considerados passivos ao sermos subjugados por forças externas, e ativos quando nossa própria potência é a fonte motriz de nossas ações. Nesse sentido, quando submetidos à potência de causas externas e encontros fortuitos de corpos, ideias inadequadas são produzidas e nesse caso somos passivos. Em contrapartida, quando é a nossa própria potência que nos impulsiona a agir, a partir do que se passa em nós ou fora de nós, tornamo-nos a causa adequada de nossas ações.

Duas perspectivas principais são delineadas sobre o afeto: afetos ativos e afetos passivos. Para Spinoza (2009), o entendimento da diferença entre essas perspectivas é

importante para a compreensão da busca do filósofo pela liberdade e felicidade. Os afetos ativos são aqueles que aumentam sua potência de agir. Isso significa que, de forma autônoma, tem a capacidade de afetar e ser afetado pelo mundo. Alegria, amor, esperança, coragem se constituem em exemplos de afetos ativos. Esses afetos são originados do *conatus* que é o esforço de autoconservação inerente aos seres vivos.

Na concepção do filósofo, os afetos ativos estão alinhados com a razão e o conhecimento adequado. A compreensão do mundo pode ser favorecida com o aumento da potência de pensar a partir da alegria. É por meio desses afetos ativos que se constrói um caminho importante para se alcançar a liberdade. Esta, por sua vez, manifesta-se quando o indivíduo torna-se mais capaz de determinar suas próprias ações e afetos, transcendendo as causas externas. Em suma, cultivar os afetos ativos não apenas direciona o ser à alegria e à compreensão do mundo, mas também à conquista da liberdade e da autonomia individual.

Os afetos passivos são os que diminuem a potência de agir do indivíduo e assim se torna mais suscetível a forças externas, comprometendo sua autonomia. As paixões surgem quando o indivíduo é afetado por causas externas e prejudica assim seu *conatus*. Estão associadas à imaginação e ao conhecimento inadequado. A raiva, por exemplo, distorce a percepção da realidade e impede o pensamento claro. Para Spinoza, o contrário de liberdade que almeja, a escravidão, consiste em ser dominado pelas paixões, agir de forma reativa e não de acordo com a razão.

A complexidade e a interconexão dos afetos humanos, assim como sua natureza mista de ativos e passivos, são centrais para a filosofia de Spinoza. O filósofo, em sua obra *Ética*, não propõe a eliminação das paixões, mas sim o aumento da predominância dos afetos ativos por meio de sua compreensão e transformação. Nesse contexto, o *conatus* emerge e reside em sua definição representando a essência de cada ser, e seu esforço para preservar sua existência.

Ao contrário de Descartes e os moralistas cristãos, Spinoza entende uma forma de dualidade existente entre a alegria e a tristeza, e não entre a razão e a paixão. O ser não é mais separado em duas partes, mas sim em dois tipos de afetos: alegria e tristeza. O filósofo considera esses dois sentimentos fundamentais (Lenoir, 2019). Na obra *Ética*, Spinoza (2009, p. 105) postula que “Cada coisa, segundo sua potência de ser, se esforça em perseverar em seu ser”. Portanto, a alegria e a tristeza se manifestam como pilares desse esforço de cada ser para preservar a própria existência, o *conatus*, como se refere o filósofo.

O *conatus*, força fundamental que motiva todas as coisas, desde as mais simples às mais complexas, a permanecerem em sua essência e a expandir sua potência de agir. O neurocientista

Antônio Damásio (2003, p. 8) ao refletir sobre o pensamento spinozista aponta que “o organismo vivo é constituído de tal sorte que ele preserva a coerência de suas estruturas e de suas funções contra os numerosos acasos que ameaçam a vida”. Desta forma, o *conatus* não é um ato deliberado, manifesta-se como a lei fundamental que rege a essência de cada ser - um impulso inato direcionado à autoproteção e ao desenvolvimento.

O conceito de *conatus*, central na filosofia de Spinoza, representa o esforço inerente de tudo que existe - seja uma pedra, uma planta, um animal ou um ser humano - para perseverar em seu próprio ser e, simultaneamente, aumentar sua potência de existir. Trata-se de uma força interna que impulsiona cada coisa a se manter existindo e a se tornar mais "real", mais potente. Essa propensão não deriva de uma escolha consciente, mas configura uma necessidade intrínseca à própria natureza de cada coisa. Dessa forma, o *conatus* revela-se não como uma mera característica, mas como a força fundamental que subjaz a toda forma de ser e o impulsiona à continuidade de sua própria existência.

Tomo o exemplo de uma planta que busca a luz do sol para se alimentar e crescer, manifestando seu *conatus* de perseverar o seu ser. Um animal foge de um predador para preservar sua vida, expressando seu *conatus* de autoconservação. Um ser humano busca conhecimento e relações sociais para aumentar sua potência de agir e viver uma vida mais plena, de acordo com seu *conatus*. Em suma, o *conatus* se revela como um esforço inerente de cada ser para preservar sua existência e aumentar sua capacidade de viver e interagir com o mundo.

Nos seres humanos, o *conatus* se expressa não somente na procura pela sobrevivência física, manifesta-se também na busca por conhecimento, felicidade e conexão com o mundo. Essencialmente, o *conatus* atua como motor que impulsiona todas as ações e emoções, tanto humanas quanto não humanas. Essa força instintiva nos motiva a perseguir o que promove nosso bem-estar e a evitar o que nos causa danos, moldando nossas escolhas emocionais e comportamentais.

Em uma perspectiva dualista cartesiana, a mente era considerada superior ao corpo. Em oposição a essa filosofia, Spinoza apresenta “um corpo relacional, multicomposto, movido pela força das afecções e dos afetos, com independência, autonomia e livre de qualquer influência da mente” (Brazão, 2018, p. 93). Para que possamos ser livres, precisamos conhecer nossos afetos e interpretá-los para determinar que sentido dão à nossa vida. Assim podemos transitar de um estado de perfeição a um maior, buscando encontros que nos façam sentir mais alegres em vez dos que nos façam sentir tristes. Spinoza nos leva a não julgar os afetos, mas sim

compreendê-los. A compreensão dos afetos nos leva de uma vida de servidão para uma vida feliz, uma vida de liberdade.

Esta pesquisa busca explorar a conexão intrínseca entre o espaço do Moinho Cultural e as concepções de afeto sugeridas pelo filósofo Spinoza, focando em um ambiente onde a dança desempenha um papel fundamental. Estou convencida de que essa arte, ao provocar afecções, aumenta a potência de agir e, conseqüentemente, promove o conhecimento e reforça a autopreservação. Neste contexto, ressoam as palavras de Chauí (2005, p. 65-66), que nos recordam que a habilidade do corpo de vivenciar múltiplas sensações ao mesmo tempo, expande o entendimento da alma sobre sua capacidade de reflexão, levando ao autoconhecimento por meio do pensamento.

A dança, arte expressiva, evoca emoções, estimula reflexões, transmite mensagens, carregando consigo uma afetividade intrínseca. O corpo em movimento, ao dançar, experimenta diversos afetos, o que aumenta a capacidade de afetar e ser afetado. Entendo que ao dançar, o indivíduo se torna mais consciente de seu corpo, entende suas capacidades e limites, promovendo seu autoconhecimento. A experiência coletiva, uma possibilidade quando nos referimos à dança, promove a conexão entre os indivíduos. Pode ser vista como uma ferramenta para o aumento da potência de agir em busca da liberdade.

A arte, sob uma perspectiva de existência finita, se revela como um direcionamento para a afirmação e desenvolvimento da potência do corpo. Inspirado em Spinoza, no entendimento de Silva (2018), esse desenvolvimento é visto como uma maneira de chegar à conquista de momentos de eternidade no seio de uma existência finita.

Nesse sentido, “as artes são, portanto, as maneiras, as práticas que o corpo se esforça em pôr em obra apenas pelas leis de sua natureza e de suas técnicas a fim de aumentar sua potência e gozar assim ativamente da eternidade de sua essência” (Vinciguerra, 2010, p. 8). Pela arte, o corpo finito é potencializado buscando sua eternidade.

A dança, como espaço de intensa experimentação e criação, se conecta não apenas à arte, mas ao corpo, espaço e tempo. Sob a ótica espinosista, para Silva (2018, p. 135), a dança “seria ocasião para que a máxima potência produtiva do corpo possa se manifestar. Produção artística, produção de corporeidades, mas também de espacialidades e temporalidades”. Assim, a dança, manifesta toda sua potência corporal, transcende a arte ao criar experiências, realidades artísticas, espaciais e temporais.

De fato, a dança no Moinho Cultural, marcada pela translinguagem e inserida em um ambiente afetivo, ressoa intensamente com a filosofia de Spinoza. Ela surge como uma

poderosa alavanca da potência corporal, um percurso para a afirmação da existência e a procura por instantes de intensidade que se aproximam da eternidade.

Ao dançar, as pessoas não só se expressam e se comunicam por meio do movimento, como também ampliam sua habilidade de sentir e interagir com o mundo, estabelecendo vínculos significativos consigo mesmas e com os demais. Portanto, a experiência estética da dança vai além da simples apreciação artística, se tornando uma prática que estimula o autoconhecimento, a capacidade de agir e, por fim, a procura pela liberdade em um contexto coletivo e individual.

Na próxima seção, discorro sobre emergências encontradas no trabalho de pesquisadores que abordaram o afeto dentro de áreas específicas da linguagem no marco da educação.

3.3. O AFETO E SEUS ASPECTOS TRANSCENDENTES RESSIGNIFICADOS NO PPGL

A partir de um grupo de estudos inscrito na área de concentração de “Estudo de Processos Linguísticos” e na linha de pesquisa “Estudo de Processos de Práticas Sociais da Linguagem” da UNEMAT, busco referências de pesquisas iniciais com ênfase no afeto de Spinoza (2009). Como parte do grupo e orientadas pelo Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel, discuto emergências encontradas no trabalho de quatro pesquisadoras. Nesse sentido, busco a ideia de ressignificação de estudos que abordaram o afeto dentro de áreas específicas da linguagem no marco da educação. A seguir descrevo sobre emergências que entendo relevantes dos trabalhos de minhas colegas e que tem o objetivo de nortear a ressignificação das emergências de minha pesquisa.

No primeiro trabalho, intitulado **Processo de construção de sentidos nas aulas de língua portuguesa no ensino médio sob a perspectiva translíngue, multissensorial e afetiva**, Marcinete Rocha da Silva (2024), a pesquisa buscou analisar como os sentidos de texto, linguagem e afeto foram construídos nas aulas de Língua Portuguesa com estudantes do segundo ano do ensino médio. A autora levou em conta as perspectivas pós-estruturalistas da linguagem que se orientam na afetividade, assemblagem e multissensorialidade. A pesquisa se desenvolveu em uma escola estadual da cidade de Cáceres (MT), ofertante do ensino médio. As aulas eram frequentadas por estudantes da área rural e urbana.

A pesquisadora discutiu conceitos limitadores que perpetuam nas aulas de LP e que abordam a dicotomia entre linguagem verbal e não verbal. Tratou da ênfase na estrutura do texto, o letramento crítico orientado para o racionalismo e a interpretação textual unívoca e uniforme. Visou ampliar a compreensão sobre linguagem e texto, sugerindo que os significados são formados de maneira diversificada e crítica. Explicou a autora, que o afeto é tomado como uma forma de consciência corporal, nesta pesquisa.

No segundo trabalho, **Se eu pudesse mudar algo apenas diria para ter mais aulas assim: Multimodalidade, Translinguagem e Letramento Crítico Afetivo em um curso de Graduação em Letras**, Roseli Peixoto Grubert (2023) buscou investigar de que maneira acadêmicos de graduação em um curso de Letras – Licenciatura e Bacharelado – da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul foram afetados pelos conceitos de multimodalidade, translinguagem e afeto. Os investigados, vinte acadêmicos que cursaram a disciplina Linguagem e Tecnologias Digitais da 2ª série do curso de graduação em letras, habilitação Português e Inglês.

Em seu trabalho, a pesquisadora busca olhar para a emoção de forma mais ampla, no que se refere ao professor e à sala de aula como um todo. Afirmar que pesquisas dentro da LA tem a tendência a objetivar as emoções e comportamentos do professor de línguas somente. A pesquisadora optou por transcrever e analisar recortes das falas de seus alunos e suas (Grubert, 2023). Dessa forma, foi trazendo também as afecções que emergiram, dos alunos e dela.

Sob o título de **Processo de construção de sentidos, afetividade e multissensorialidade na formação inicial de estudantes de Letras**, Raquel Severino da Silva Albares (2022) buscou analisar a construção de sentidos acerca de textos em formato digital nas óticas de acadêmicos do segundo ano do curso de Letras da disciplina Linguagens e Tecnologias Digitais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Fundamentou-se nos estudos das perspectivas multissensorial e afetiva. A análise consistiu na descrição de aspectos emergentes levando em conta a qualidade das relações e interações estabelecidas entre os estudantes e suas ações que surgiram nas aulas on-line. A partir de diferentes contextos de produção e por intermédio das dimensões afetiva e multissensorial investigou como os estudantes afetam e são afetados a partir dos corpos para produzir sentidos.

O quarto trabalho intitulado **Olhares situados de uma professora formadora acerca do afeto, a partir dos relatórios de estágio supervisionado de língua inglesa no curso de letras da UNEMAT, sob a perspectiva da imanência do corpo em relação à mente**, desenvolvido por Erika Regina Souza Campos (2023), buscou durante o processo formal de

aprendizagem, suscitar olhares mais atentos à concepção da imanência do corpo em relação à mente. Realizou sua pesquisa através da análise de sua experiência como professora formadora que atua no Estágio Supervisionado do Curso de Letras da UNEMAT. A partir dos relatórios de doze alunos da disciplina de Estágio da turma de 2018, analisou as diversas variações de afeto ali presentes.

Esclareceu a autora que, somente com a releitura desses trabalhos, constatou os diversos momentos nos quais o ciclo de afetos, junto com o intelecto, influenciou a prática pedagógica de seus alunos. Pode perceber, mesmo depois do período de estágio, como os afetos foram determinantes em potencializar ou reprimir um potencial fluxo de aprendizagem por parte dos seus alunos professores e dos alunos das escolas onde ocorreu o estágio.

Os estudos mencionados estabeleceram uma estrutura teórica e metodológica que permite a ressignificação da translinguagem. Por meio dessa nova ótica, deixa de ser percebida como uma prática de línguas separadas e passa a ser compreendida como a expressão corporal e visível dos afetos de Spinoza. Tais trabalhos, profundos e multifacetados, funcionam como um diálogo que estabelece as premissas para minha pesquisa. Meu estudo, por sua vez, avança essa discussão para ser aplicada em um espaço formativo onde a dança e a música são linguagens centrais. Um contexto de fronteira onde a translinguagem transcende o conceito acadêmico e se manifesta como uma prática social cotidiana.

No próximo capítulo, discuto as emergências desta pesquisa, que permitiram analisar sobre como os participantes do Moinho Cultural constroem sentidos em suas narrativas de vida a partir da translinguagem e do afeto.



CAPÍTULO 4

EMERGÊNCIAS ENTREMEADAS POR VIVÊNCIAS, PERFORMANCES E AFETOS

Os caminhos de uma pesquisa podem nos levar a destinos previamente delineados ou a lugares antes não imaginados. Em consonância com o processo de *wondering*, postulado por Somerville (2007), ao iniciar esta pesquisa, tinha concepções pré-definidas a partir de conceitos que já havia estudado em minha dissertação. Contudo, percorri um caminho de levantamento de dúvidas e a ponderação de possíveis respostas para justificar este trabalho. Foi justamente essa imersão, entremeada por vivências translingues, performances e afetos, que revelou emergências que transcenderam o planejamento inicial.

Para aprofundar a compreensão dos fenômenos que emergiram nesta pesquisa, busquei lentes para alcançar meus objetivos voltados à abordagem qualitativa, fundamentadas na epistemologia da emergência pós-moderna, conforme contribuições de Somerville (2007) e Maciel (2016).

Pauto-me nos objetivos desta pesquisa para conduzir este capítulo de análise. Busco investigar os processos pelos quais o contexto do Instituto Moinho Cultural Sul-Americano se constitui como um campo fértil para a emergência de experiências (trans)formativas. A análise se debruça sobre a formação de agenciamentos e encontros fortuitos que mobilizam os afetos como potências de transformação, ampliando as possibilidades de ser, estar, dizer e sentir no mundo.

Para dar início a este capítulo, apresento a análise de duas entrevistas realizadas durante a geração de dados. A primeira, com Márcia Rolon, Diretora do Moinho, em que detalhou sua trajetória de vida em paralelo à constituição do Instituto Moinho Cultural Sul-Americano. A segunda, conduzida quando tive a oportunidade de conversar com integrantes da Cia. de Dança do Pantanal. Eles contaram suas trajetórias de vida até se tornarem bailarinos da companhia. Dentre os relatos, optei por aprofundar a análise do depoimento de Kelven. A investigação destas duas emergências permitiu a compreensão de como os afetos, na percepção de Spinoza, podem nos levar de uma vida de servidão a uma vida de liberdade e realização.

Em um segundo momento, considerei relevante citar dois recortes da apresentação do *Moinho in Concert 2024: O Fazedor de Amanhecer*, inspirado na obra de Manoel de Barros. Tais excertos transcendem a visão dualista de linguagem verbal e não verbal, fomentando uma discussão acerca das práticas translingues, da multimodalidade e da transemiotização. Nessa perspectiva, entendo o Moinho como um processo e um espaço multissemiótico de construção de sentidos. Configura-se, portanto, em um amplo texto transemiótico, pois leva em consideração onde o texto é produzido e consumido. Assim, sua produção e recepção varia de acordo com o público, o momento histórico-cultural, entre outros fatores. Um texto que prioriza a comunicação efetiva e a expressão da identidade linguística do falante.

Figura 18: O Moinho Cultural: um texto transemiótico



Fonte: A autora

Em minhas idas ao Moinho Cultural, para observar e entender os meus inquietantes questionamentos que deram origem a esta pesquisa; continuamente me deparava com um emaranhado de ideias e dúvidas. Buscava articular as teorias já estudadas e as mais recentes, explorando como a construção de sentidos poderia emergir. Tive a sorte de contar com orientadores que me proporcionaram confiança e apoio, permitindo-me trilhar um caminho que me levou a encontrar as respostas das perguntas ainda não formuladas. Um caminho que se revelou rizomático, como proposto por Deleuze e Guattari (1995), sem ponto de partida nem de chegada, indicando possibilidades únicas que se ramificaram em novos significados.

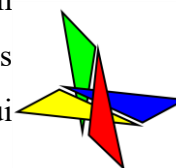
A seguir, busco ampliar a noção de afeto com base nos dois relatos que emergiram, coletados ao longo desta pesquisa: o da diretora Márcia Rolon e o do bailarino Kelven.

4.1. O AFETO COMO POTÊNCIA DE AGIR: A FORÇA DE EXISTIR DE MÁRCIA

¹⁴Durante minhas imersões no Moinho Cultural, realizei entrevistas, registros em vídeos e uma observação atenta do espaço, sentindo, sonhando e absorvendo toda a energia que ali fluía. A presença constante de Márcia Rolon era notória em todos os momentos, transmitindo a sensação de sua capacidade de estar e atuar em múltiplos lugares simultaneamente. Um exemplo marcante foi minha apresentação aos integrantes do Moinho antes do início das aulas. Lembro-me quando falou de minha pesquisa, na hora do acolhimento, antes da entrada dos jovens nas salas de aula. Todos ali sentados, prestando atenção, sorrindo e aplaudindo. A recepção calorosa, com sorrisos, foi muito linda e é possível observar clicando na imagem ao lado.



¹⁵No entanto, a oportunidade de entrevistar a responsável por toda aquela estrutura surgiu posteriormente, em um encontro gravado em vídeo. A sala de Márcia, um ambiente agradável e acolhedor, continha tesouros como quadros com desenhos de Manoel de Barros que você pode ver clicando na logo do Moinho Cultural aqui ao lado.



Outro tesouro é uma carta do poeta que você pode ler na figura logo ao final deste parágrafo e apreciar sua potência poética. Durante a conversa, Márcia revelou como conheceu o poeta e como suas obras tiveram um importante papel como guia. Pelo seu olhar, percebo que esse tesouro significa um norte para suas referências. Mencionou que o primeiro Moinho *in Concert*, em 2007, foi “Faz de Conta”, baseado nos poemas de Manoel de Barros, significando

¹⁴ <https://youtu.be/D237YBOTD14>

¹⁵ <https://youtube.com/shorts/VpKYkB538fU>

uma homenagem ao autor. Em 2024 o tema do *Moinho in Concert* também homenageou Manoel de Barros, tendo como base seu livro *O Fazedor de Amanhecer* com ilustrações de Ziraldo.

Figura 19: Carta de Manoel de Barros

As Bênçãos

Não tenho a anatomia de uma garça
pra receber em mim os perfumes do azul.
Mas eu recebo.
É uma bênção.
As vezes se tenho uma tristeza, as andorinhas
me namoram mais de perto.
Fico enamorado.
É uma bênção.
Logo dou aos caracóis ornamentos de
ouro para que se tornem peregrinos do chão.
Eles se tornam.
É uma bênção.
Até alguém já chegou de me ver passar
a mão nos cabelos de Deus!
Eu só queria agradecer.
Manoel de Barros

Fonte: Marcia Rolon - Reprodução

A entrevista, inicialmente marcada pela timidez, inibição, nervosismo, logo se transformou em um relato profundo. Guiada pela epistemologia da pesquisa emergente pós-

moderna, em uma etapa que Somerville (2007) chama de *wondering*, aventurei-me em um território desconhecido, livre de ideias preconcebidas. Meu objetivo não era conduzir a conversa, mas sim instigar Márcia a verbalizar todo o sentimento que tem por esse projeto. Buscava as gretas às quais Mignolo e Walsh (2018) se refere e sensibilidades do mundo, como postula Mignolo (2010), emergindo entendimentos e repertórios que vão além do que compreendemos como prescritos. Ansiava por um depoimento que trouxesse algo que não havia emergido ainda.

Como ponto de partida, perguntei sobre a origem do Moinho e os sentimentos de Márcia em relação a essa instituição. E a mágica aconteceu, abrindo as portas para uma conversa reveladora. A frase inicial de Márcia, "o moinho não é meu", desencadeou um fluxo de palavras que ecoou por um longo período, conduzindo a entrevista para um caminho inesperado e rico em significados. A entrevista aconteceu como um rizoma que, na concepção de Deleuze e Guatarri (1985), não há ponto de partida nem ponto de chegada e sim possibilidades que se bifurcam em novos significados.

Ao transcrever a fala de Márcia, início a análise com o excerto abaixo:

Tenho meus avós paraguaios. Morava na fazenda no rio Taquari. E tudo mais. Então veio a grande cheia do rio Taquari em 1974. Eu tinha entre 4 ou cinco anos..... Aí fomos expulsos da fazenda por causa da cheia. Foi de um dia para outro, né. Essa grande cheia de 74 que aconteceu.

Então, quando mamãe se viu aqui na cidade ela foi pianista, aqui em Corumbá, ela fez piano a vida toda, fez declamação, fez balé, costurava..... e quando a gente voltou, papai só tinha até o quarto ano. Vovô o criou no mundo para ser peão, né. E mamãe era normalista. Aí mamãe falou assim, vou ter que sobreviver. Eu sempre chamo isso sobrevivente da arte. Porque meu pai sempre teve uma letra bonita. E meu pai foi contratado para trabalhar como artesão e ele fazia pirografia. Depois aos poucos voltou a estudar. Mamãe ajudou e ele fez até contabilidade.

E mamãe começou a dar aula na escola de dança, de balé, pois fez a vida toda. Começou a dar piano em casa, declamação em casa e começou a costurar para fora. Minhas roupas todas eram costuradas por mamãe. Trabalhava na casa do artesão e recebia fubá.

Ao definir o recorte acima, busquei entender o que foi essa cheia do Taquari. Um dos principais afluentes do rio Paraguai, em sua margem direita, que nasce em Mato Grosso e atravessa o Mato Grosso do Sul. Busquei notícias sobre a catástrofe e encontrei em uma revista especializada a seguinte reportagem:

Essa água tomo no tereré...”. Depois de 10 anos de seca intensa, quando se atravessava a pé o Rio Paraguai em frente ao Porto de Corumbá e já se propagava que o Pantanal se tornaria um deserto – inclusive no meio acadêmico –, eis que a chegada das águas de forma repentina na planície, em 1974, pegou os pantaneiros desprevenidos.

A inundação daquele ano foi uma catástrofe: morreram milhares de cabeças de gado e muitos fazendeiros empobreceram ou abandonaram a pecuária.

¹⁶Não foi a maior cheia do bioma (em 5/6/1974, o nível do Rio Paraguai chegou a 5,46 m na régua fluviométrica de Ladário), porém, a planície se transformou no Mar de Xaraés preconizado no imaginário do explorador espanhol Cabeza de Vaca, no século 16. **A água chegou na velocidade de um tsunami no chão esturricado, atingiu a copa das árvores e as sedes de fazendas e levou na correnteza moradores, bovinos e animais selvagens.** (Jornal Correio do Estado, 2024).

Até o poeta Manoel de Barros fez um poema sobre o Taquari que você pode ouvir clicando no ícone.



Figura 20: Foto da enchente em 1974.



Fonte: Imagem original de Silvio Andrade; versão colorida artificialmente, a autora

A experiência de Márcia e sua família, retratada no recorte, exemplifica vividamente o conceito de afeto e suas derivações. Na leitura que Deleuze (1978, p. 6) faz de Spinoza, define afeto como “variação contínua da força de existir ou da potência de agir”. Assim como a pele é afetada pelos raios solares que modulam suas capacidades e estados, como postula o autor, os corpos de Márcia e sua família foram afetados pela catástrofe. Para Spinoza, significa o resultado das interações complexas entre o indivíduo e o mundo referindo-se assim às causas externas. É importante destacar que, para Spinoza, o afeto vai além do âmbito puramente físico. Não é somente o corpo que passa por transformações, mas também a mente que percebe e entende essa mudança, incorporando-a à sua vida. Então, o afeto surge como um processo dinâmico e constante, no qual corpo e mente estão intrinsecamente conectados na experiência de modulação da potência. As modificações e experiências sofridas por Márcia e sua família impactaram seus corpos e mentes, reduzindo sua potência de agir. Ao existir uma modulação

¹⁶ <https://youtu.be/zaiTFan6vQw>

constante na potência de agir diminuída, esta é definida pela tristeza derivando para afetos como medo e angústia.

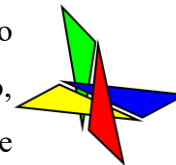
Ao serem submetidos à potência de causas externas e encontros fortuitos de corpos, ideias inadequadas foram produzidas e nesse caso definidas com a condição de passivas. Quando Márcia e sua família foram afetados por causas externas, por um corpo contrário à natureza, ocorreu um mau encontro. Deleuze (2002) postula que se um corpo decompõe a potência de outro, ocorre um mau encontro. O indivíduo ao ser afetado por causas externas compromete sua autonomia e surgem as paixões, prejudicando assim seu *conatus*. Consequentemente, o corpo busca eliminar o que está diminuindo a sua potência, tentando preservar sua própria existência.

A força interna que impulsiona cada coisa a se manter existindo, está representada pela seguinte frase: “Aí mamãe falou assim, vou ter que sobreviver”. Demonstra o esforço para preservar o seu ser quando o imaginário do medo é substituído pelo conhecimento adequado. Possibilitando a substituição dos afetos relacionados à tristeza e preenchendo por afetos que potencializam a existência. Nesse contexto, o *conatus* emerge e reside em sua definição representando a essência de cada ser, e seu esforço para preservar sua existência e a de sua família. O impulso para a autoproteção e o desenvolvimento como uma força interna que impulsiona a se manter existindo de forma mais potente. Não era somente a sobrevivência física que a mãe de Márcia buscava, mas também o conhecimento, a felicidade e a conexão com o mundo.

O excerto abaixo ilustra a ideia dessa mãe que busca a sobrevivência e o bem-estar de sua família. Encontrou na cidade de São Paulo cursos que pudessem aumentar sua capacidade para o trabalho. Com esse ato, afetou sua filha Márcia, que a acompanhava, no sentido de descobrir o mundo.

Então dos 11 anos até a vida toda eu não soube o que era férias. Todo janeiro ia a São Paulo fazer curso. Então eu comecei a fazer curso de tudo: sapateado, moda, manequim, naquela revista Manchete com o cabelo grande. Então eu fazia tudo o que podia fazer em São Paulo... Fiz aula de dança e a vida toda foi isso. Até que chegou um momento que eu tive que escolher o piano ou o balé. Foi quando parei o piano de vez, ficando com o balé. Então eu vivenciei tudo isso, né.

¹⁷O fato de sua mãe “descobrir o mundo” a partir de sua ida a São Paulo para fazer cursos, afetou Márcia pois teve que acompanhá-la nas férias escolares. Márcia somente conhecia a fazenda, de onde foi expulsa, e a cidade de Corumbá. As diversas interações do indivíduo com o mundo ao seu redor referem-se às causas externas, assim como acontecimentos diversos que podem alterar a potência de agir. Nesse caso, diferente do analisado anteriormente, essa variação aumenta a potência de agir de Márcia. Desta vez, sendo definida pela alegria, representando também um afeto de esperança de uma nova vida. Clique no Moinho e veja um pouquinho de Márcia no mundo.



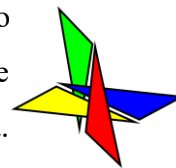
Nesse contexto, o afeto de esperança em Márcia pode ser observado a partir de palavras: "Então eu fazia tudo o que podia fazer em São Paulo." Segundo Spinoza (2009), a esperança se trata da alegria instável, vinda da ideia de uma coisa futura ou passada, da qual temos alguma dúvida se será realizada. Isso significa que não tem certeza do que vai acontecer, porém espera positivamente que aconteça.

Para que possamos ser livres, precisamos conhecer nossos afetos e interpretá-los para determinar que sentido dão à nossa vida. Assim, podemos transitar de um estado de perfeição a um maior, buscando encontros que nos façam sentir mais alegres em vez dos que nos façam sentir tristes. A compreensão dos afetos nos leva de uma vida de triste a uma vida feliz, de liberdade. Depois de muitos anos, Márcia volta à cidade de Corumbá, decidida a criar um projeto com o objetivo de trazer o mundo para dentro do Pantanal. Aquele mundo que viveu em São Paulo. Criou então a Mostra Corumbá-Santuário Ecológico da Dança. E disse: “Detesto esse negócio de competição. Falei que não queria mais um palco para competição. Quero um palco para uma mostra onde coloca quem sabe com quem não sabe, a gente faz cursos e tal. Eu quero essa experiência. É Pantanal”. Durante a montagem do evento, quando estava observando a instalação do palco, houve um importante encontro. Assim Márcia relata:

Uma mulher chegou com uma criança de olho verde. Um olho incrível. Um sorriso incrível. Tinha mais ou menos uns seis aninhos. Ela bateu no peito. Ela me bateu e disse: “Para aí. Oi. Tudo Bem? Ela disse assim: O que você pensa que está fazendo? Sabe bem dura comigo. Eu... Isso aqui é a Mostra. Comecei a explicar, né, é uma mostra de dança e tal... [A mulher disse]: Não interessa, mas você está fazendo o que? É uma mostra de dança. Você não está deixando nada para a cidade? O que você está deixando para a cidade? Falei nossa... não, nada. Porque quando você vai embora isso vai embora... Ela falou: eu quero que meu filho pise nesse palco. E ela mostrou o palco. O palco estava montado de 20 por 20. Uma coisa maravilhosa. .Ai...eu fiquei assim... e ela falou: Pensa, eu quero que meu filho pise nesse palco. Você tem que fazer alguma coisa para a cidade. Não é esse evento.

¹⁷ <https://youtu.be/4mvv1GXz-vo>

¹⁸Ao tocar no Moinho ao lado você será levado ao depoimento acima. No excerto acima, Márcia descreve uma cena carregada de afetos, como a tristeza e suas derivações, manifestando a diminuição da potência de agir dessa moradora. Ocorre uma ideia inadequada, isto é, quando a pessoa não entende plenamente quais são suas verdadeiras causas. Sua reação é determinada por causas externas, baseada em suas expectativas, percepções, talvez, de experiências passadas de eventos que nada deixaram para a cidade e para seus filhos. Essa tristeza a faz reagir agressivamente, tentando transformar a situação que a afeta negativamente.



E aquilo ficou, ficou, pois, ela bateu mesmo no meu peito. Então ficou aquela coisa. Cheguei em casa e falei para o Rabelo, aconteceu isso e tal e o que eu vou fazer para a cidade? Aí ele falou assim: Que tal um projeto social. Ele falou: um projeto social de dança. Pensei: Que loucura. Onde me meti.

O afeto inicial que Márcia experimentou é majoritariamente uma paixão de tristeza, fruto de uma afecção externa que reduziu sua potência de agir e a levou a questionar a importância de suas ações. No entanto, essa diminuição da potência de agir a partir da tristeza, levou Márcia a um esforço para determinar suas próprias ações e afetos em vez de ser dominada por causas externas. A força de seu *conatus* a levou a ampliar sua capacidade de agir, para se tornar mais potente e a manter sua existência. Quando Márcia diz: "O que posso fazer pela cidade?" aflora o desejo que pode se caracterizar em afeto ativo caso desenvolva uma ideia adequada para o projeto. Porém, ainda está contaminada pela ideia inadequada da crítica recebida. A fala de Rabelo proporciona a Márcia uma forma de converter essa paixão.

Aí começou a vir. Tudo o que vivi na vida, né, com minha mãe, sobrevivência, tal, não sei o que. E comecei a colocar minha experiência no Rio com a orquestra, Teatro Municipal, aquela raiva que o músico tem do bailarino e o bailarino tem do músico e tinha que fazer esse negócio (gestos de balancear) e enfim. Depois de um tempo disse ao Rabelo: Pensei! Eu quero fazer um projeto social, mas música, dança e família e fronteira. Devido a eventos da época, Rabelo enfatizou a fronteira. Ele disse: Pense na fronteira. Já pensei. Eu disse: Vamos conseguir trazer todos os dias as crianças da Bolívia. Então, eu falo o tempo todo que tudo isso aconteceu pela vivência que senti na pele, de acordar 4 da manhã para estudar, por isso o reforço escolar. Dizia para minha mãe, se eu tivesse um lugar para estudar, não teria que acordar às 4 da manhã. Com 14 anos fazia cursos e dava aulas e estudava. E as tarefas às 4 da manhã. Eu falava para minha mãe quando pequenininha sobre a necessidade de um espaço na academia de dança dela onde eu estudava e trabalhava.

A partir da fala de Márcia registrada acima, observo o afeto que resultou em uma paixão de tristeza, a partir das críticas recebidas, para um desejo ativo. Ocorre quando ela forma ideias adequadas ao processar suas experiências e buscar suas relações com a música, família e

¹⁸ <https://youtu.be/E0EsdrNRg3A>

fronteira. Dessa forma, passam a ser causa adequada de suas próprias ações. Em suas palavras, sinto a formação do desejo de integrar seus planos com a fronteira, mostrando um afeto ativo que brota de sua potência de agir aumentada. Passa a agir a partir de uma necessidade, de uma força interna que a impulsiona. E assim, começou a existir o Instituto Moinho Cultural Sul-Americano para construir sentidos e afetar a vida de muitos jovens vulneráveis. Buscando assim, as conexões entre o corpo, performance e o espaço para auxiliar na formação de novas formas de ser e estar no mundo.

A jornada de Márcia pode ser compreendida não apenas como uma sucessão de encontros afetivos, mas também como a constituição de um potente repertório espacial. Na perspectiva de Canagarajah (2018), os espaços não são meros cenários, mas agentes que moldam nossas trajetórias e recursos. A enchente do rio Taquari representou um "mau encontro" com um espaço que decompôs a potência de agir de sua família, forçando um deslocamento. Em contrapartida, os centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro funcionaram como "bons encontros", espaços que ampliaram seu repertório semiótico, artístico e cultural, aumentando sua potência de existir.

É a partir dessa acumulação de experiências espaciais e afetivas que a criação do Instituto Moinho Cultural pode ser entendida como uma assemblagem. Márcia agenciou elementos heterogêneos: um prédio histórico em ruínas (um agente não-humano), suas memórias de sobrevivência pela arte, o *conatus* de sua mãe, a vulnerabilidade social da fronteira e os corpos das crianças e adolescentes. O Moinho, portanto, não é apenas o resultado de um desejo; ele é a materialização de um agenciamento complexo, a manifestação física de um repertório espacial e afetivo que transforma dor em potência criadora.

Na próxima seção, busco analisar os depoimentos do bailarino Kelven cuja trajetória de vida está repleta de encontros de corpos que indicam um processo de mudanças e de constante movimento e aprendizado.

4.2. ONDE EU POSSO SER QUEM EU QUISER. EU SÓ QUERIA BALÉ

Ao longo dos meses em que o Moinho se tornou fonte de inspiração, vivenciei muitas cenas que me afetaram positivamente. As interações com a comunidade do Moinho geraram momentos transformadores. Em uma das incursões pelas salas de aula de dança, fui convidada por Márcia a um momento de imersão: assistir a um ensaio da Cia. de Dança do Pantanal. Como diretora e coreógrafa do grupo, aprovou uma conversa com os bailarinos ao final daquele

ensaio, o que foi impactante.

Durante a apresentação, deixei-me envolver pelos detalhes da sala: sua amplitude, o piso macio, os espelhos imensos nas paredes, as barras de apoio. O silêncio rompido apenas pela música envolvente que cadenciava os movimentos dos bailarinos que pareciam transgredir a lei da física. Cada um se vestia de uma forma diferente. Meias, saias, shorts, um colorido sem normas, que utilizam para cobrir os corpos marcados pelo esforço da dança. Ao final do ensaio, cansados, suados, se acomodaram no chão, prontos para conversar comigo. Expliquei o propósito de minha pesquisa para que compreendessem aquela intervenção. Confesso que fiquei aliviada ao ver apenas sorrisos.

Figura 21: A conversa com os bailarinos



Fonte: A autora

Solicitei a cada integrante que compartilhasse sua jornada naquela companhia, sentimentos, suas histórias, suas trajetórias de vida e sua relação com o Moinho. Em uma conversa muito agradável, realizada no espaço deles, cada um narra um pouco de sua vida e como chegaram a compor a Cia de Dança do Pantanal. Depoimentos fortes, carregados de sentimentos que afetam suas vidas e, por sua vez, afetaram a vida de outros. O relato do bailarino Kelven, em particular, despertou minha atenção. Sua fala me fez perceber que estava diante de uma emergência que indicava uma análise relevante. Ao terminar a conversa, busquei aprofundar meu conhecimento sobre ele, resultando na coleta de relatos adicionais por meio de

novas visitas ao Moinho e de interações via WhatsApp.

Esta análise começa abordando o período da vida de Kelven, anterior à sua chegada ao Moinho. A entrada nesta instituição não foi apenas um divisor de águas, mas um marco importante para sua sobrevivência e sua trajetória de vida. O Moinho tem como uma de suas missões mais importantes, a diminuição da vulnerabilidade de crianças e adolescentes em região de fronteira, através do acesso a bens culturais. Kelven foi atraído para esse espaço a partir de bons encontros, sendo acolhido quando mais precisava. Ali vivenciou um processo de intensas e complexas interações entre ele e o mundo ao seu redor, que o afetou profundamente. Considere o excerto a seguir:

A gente morava em um bairro muito difícil, um dos bairros mais perigosos. Era muito difícil. Eu não tinha uma boa... uma boa..., como posso dizer, uma pessoa que me inspirasse. Não tinha, entendeu? Não tinha referência de família. Porque ninguém concluiu um estudo. Ah! Vamos manter o emprego para ter comida. A gente morava em casa de tábuas. Não tinha banheiro. Eram umas tábuas e um buraco. E no início ficou bem difícil para mim.

A análise deste excerto fundamenta-se com o conceito de afecção proposto por Deleuze (1978) que define as modificações que ocorrem no corpo e que alteram seu estado e sua capacidade de ser afetado por outros corpos. No caso de Kelven, seu corpo sofreu uma série de modificações provocadas pela pobreza em que vivia, as quais alteraram seu estado e sua capacidade de ser afetado por outros corpos.

Na análise anterior, busquei um paralelo do efeito dos raios do sol com a catástrofe que assolou Márcia, com o objetivo de exemplificar as afecções sofridas. Na análise que se refere ao Kelven, a pobreza atua como os raios de sol que provocaram a afecção. Spinoza complementa essa perspectiva, ao postular que o mundo exterior afeta constantemente o corpo e a mente, por meio de causas externas. Assim, Kelven sofreu uma contínua modulação da potência de agir diminuída e definida pela tristeza.

O excerto que a seguir é retirado da fala de Kelven, embora composto por três sentenças, assume um valor crucial para esta análise. “Aí eu vi a Nubia dançando. Aí me interessei com a dança. Desde o começo era a dança”. Nele, observa-se que o afeto transcende a esfera corporal, englobando a percepção e o entendimento que temos acerca dessas alterações corporais. Spinoza elucida essa dinâmica ao exemplificar o encontro com um amigo: a felicidade que experimentamos, representa a ideia de um afeto que potencializa nossa capacidade de agir. Mente e corpo, portanto, agem em conjunto, ainda que nem sempre tenhamos conhecimento das causas que nos levam a agir.

Figura 22: Núbia Santos dançando



Fonte: Instagram Núbia Santos

A forma como o indivíduo é afetado, é modulada a partir de suas respostas emocionais a estímulos externos. Quando Kelven menciona a bailarina Nubia, expressa a felicidade em seu tom de voz. Durante nossa conversa, Núbia estava presente, visivelmente emocionada com o relato, compreendendo a importância daquele momento. Entendo esse encontro como um momento em que Kelven determina sua própria potência de agir, tornando-se, assim, uma causa adequada. O esforço de autoconservação de Kelven, gerado pelo seu *conatus*, constitui-se em afeto ativo que pode ser exemplificado como esperança e coragem.

A complexidade e a interconexão dos afetos humanos, assim como sua natureza mista de ativos e passivos, são pilares centrais para a filosofia de Spinoza. Os afetos passivos, diminuem a potência de agir do indivíduo, tornando-o mais suscetível a forças externas e

comprometendo sua autonomia. E nesse contexto, Kelven enfrenta a reação do pai de não aceitar sua decisão de se tornar bailarino. Para que o leitor possa apreender a profundidade desse sentimento, apresento dois recortes da fala de Kelven sobre o assunto, registrados em momentos distintos.

Quando eu participava das aulas, né era escondido. A parte de balé. Ai quando meu pai soube o que eu estava fazendo balé. Ele realmente me tirou. E aí ele viajava e eu ia escondido pro Moinho. Ai até que eu falei lá que eu estava indo escondido e tal. Porque meu pai não estava aceitando. Porque sempre falavam pra ele que balé é coisa de mulher. Só mulher pode fazer. Homem não pode fazer não. Ai ficou com isso na cabeça. Como ele é bem rígido com essas coisas. Não gosta muito então. Não gostava muito né. Nunca teve uma visão da arte, né. Para ele era só um quadrado. É isso e é isso. E no início foi muito difícil né. Porque no começo não aceitava.

Aí quando meu pai descobriu, eu disse não, estou fazendo música. Risos. Estou fazendo música. Até no Moinho *in Concert*, não lembro se foi outra apresentação, eu fiz parte da orquestra, tocando violino (todos riem como cúmplices). Mas eu queria balé. E meu pai não aceitava

Figura 23: Kelven dançando



Fonte: Instagram Kelven Alex

As paixões surgem quando o indivíduo é afetado por causas externas, o que compromete seu *conatus*- o esforço inerente de preservar seu ser (Spinoza 2009). Associadas à imaginação e ao conhecimento inadequado, as paixões, como a raiva que distorce a percepção da realidade e impede o pensamento claro, conduzem à escravidão. Para o filósofo, o contrário de liberdade que almeja, a escravidão, consiste em ser dominado pelas paixões, agir de forma reativa e não de acordo com a razão. Kelven, novamente, foi afetado de forma a diminuir sua potência de

agir, encontrando-se dividido entre a alegria e a tristeza. Tais sentimentos são fundamentais na filosofia de Spinoza, que em sua *Ética* (2009, p. 105) afirma: “Cada coisa, segundo sua potência de ser, se esforça em perseverar em seu ser”. Portanto, a alegria e a tristeza manifestam-se como pilares desse esforço de cada ser para preservar a própria existência, o *conatus*.

Até que o professor meu foi lá. Ele teve que ir na minha casa. Falar assim: olha seu filho é muito talentoso. Ele tem que dançar e tal. Aí o pai falou, não balé, é coisa de mulher só. Ele falou: não, claro que não eu sou casado. Eu sou um homem que dança balé. E tenho uma esposa e tenho filha. E pra melhorar, meu professor na época levou a esposa dele lá. E era o professor André e a professora Andreia. Que eles davam aula no moinho. Aí levou a esposa e quando... Aí meu pai. Aí pensou né. Nossa, como que pode ser diferente e tal. Aí ele deixou eu ir para o Moinho. A primeira vez que ele me viu dançando nossa...

Aí a gente foi mudando a cabeça dele (pai). Na convivência dele para cá. A primeira vez que ele me viu dançando nossa.... E desde então foi melhorando a convivência com ele. E tipo no começo eu não tinha afeto dele como pai, na minha vida. Ele era bruto e.... (emocionado faz uma pausa e ri) e aos poucos fui começando a me envolver com ele. Transformar a cabeça dele. Aí fui aprendendo com o Moinho também que realmente transformou minha vida. Questionando a questão de ser, de querer ser alguém na vida.

O afeto é a chave para decifrar a dinâmica humana, revelando transformações corpóreas e mentais. Alinhada à crítica spinozista da dicotomia corpo-mente, a abordagem de Anwaruddin (2016) propõe uma compreensão não apenas racional do afeto, mas sendo crucial para entender as complexidades do mundo e das interações sociais. Assim, o afeto influencia diretamente nossa capacidade de agir, manifestando-se não somente como um sentimento, mas como uma força vital que nos impulsiona ou paralisa. No recorte citado, o pai de Kelven é afetado pelo gesto do professor André. As interações do indivíduo com o mundo – encontros com pessoas ou objetos - são causas externas. Deleuze (2002) afirma que cada indivíduo possui uma essência singular ou um grau de potência. E um bom encontro ocorre quando um corpo se compõe com outro corpo, aumentando a potência mútua. Ao aceitar a condição de bailarino de seu filho, após esse bom encontro, o pai é afetado positivamente, aumentando sua potência de agir.

Quando e... (pausa) eu estou no palco sinto a sensação de liberdade, né. Onde eu posso ser quem eu quiser. É a mesma sensação quando você começa a andar. Que é de liberdade. Que você consegue ir para os lugares. Fazer as coisas. Não precisa de ajuda. Entendeu: acho que... é isso. Eu me sinto liberto para ser quem eu quiser ser no palco. Me sinto feliz me sinto realizado. Eeeee. (Pausa) eu sou. Consigo realmente ser quem eu sou, né. Dentro do palco. Isso que é importante né. Você estar bem com você. Ser feliz. Eu me sinto muito feliz, muito realizado mesmo. Por estar no palco. É uma sensação incrível, né que a gente não sabe realmente explicar como é. Mas a gente só sabe quando é bom quando você sente. Quando o público aplaude. O aplauso é maravilhoso. É uma sensação de realização. Que você fez o seu trabalho. Que você

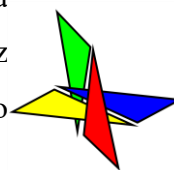
fez o seu melhor. Eu acho que é isso. É uma sensação incrível. Inexplicável porque a gente não consegue explicar quase a sensação. É um mix de emoção. Mas é liberdade, realização. Sei lá. Felicidade. E é muito bom. E a dança também me salvou da ansiedade. E me salva até hoje né. Da ansiedade, da depressão. Acho que sem a dança na minha vida, eu acho que não sei. Como seria. Eu não vejo o Kelven sem a dança. Sem trabalhar com a dança. De não estar no palco. Entendeu? Isso é muito legal.



¹⁹Toque no Moinho e ouça o relato de Kelven, se emocione.

²⁰Esse é um dos últimos relatos que Kelven me enviou, ao ser perguntado sobre sua vida atual e seus sentimentos. Destaco: “Quando e... (pausa) eu estou no palco sinto a sensação de liberdade, né. Onde eu posso ser quem eu quiser.”

Sob a ótica espinosista, Silva (2018, p. 135) afirma que a dança “seria ocasião para que a máxima potência produtiva do corpo possa se manifestar. Produção artística, produção de corporeidades, mas também de espacialidades e temporalidades”. Ao se sentir livre no palco, Kelven demonstra sua capacidade de agir em busca da liberdade. Isso evidencia que o corpo em movimento, ao dançar, experimenta diversos afetos, ampliando sua capacidade de afetar e ser afetado. Tal experiência pode ser uma ferramenta para o aumento de sua potência de agir. Para Spinoza, a compreensão dos afetos é o caminho que conduz a uma vida feliz e livre. Se você quer ver o Kelven como ele é, clique no Moinho e seja levado até ele.



Ainda destaco: “Mas a gente só sabe quando é bom quando você sente. Quando o público aplaude.” Ao dançar, Kelven estabelece uma conexão de sua dança com o público. Sob a perspectiva de Spinoza, o afeto é uma afecção corporal ou uma ideia de afecção do corpo que aumenta ou diminui a potência de agir do corpo e da mente. Observando o relato do bailarino, compreendo que sua mente, através da reflexão, interpreta as afecções do seu corpo e os afetos de sua alma. Isso denota uma compreensão que é, simultaneamente, intelectual e afetiva.

Da entrevista de Kelven incluo os excertos:



²¹Agradeço muito ao moinho. Também o moinho ajudou muito a gente. Em questão da minha educação. De quem eu vou ser. O moinho foi o pilar de tudo pra eu aceitar a dança, pra eu seguir na dança. Hoje em dia sou colaborador do Moinho. Sou professor num projeto da prefeitura também. Então hoje em dia ta sendo maravilhoso. E eu quero crescer muito mais ainda. Eu acho que tenho muito ainda pra aprender, muito pra conquistar. (clique no Moinho ao lado e ouça o áudio)

Hoje em dia tenho meu ensino superior, estou fazendo pós-graduação. Atualmente comecei uma outra faculdade. Comecei a..., me inscrevi em fisioterapia. Porque eu

¹⁹ <https://youtu.be/YQSqEMQojjU>

²⁰ <https://youtu.be/YV1yjDlclFw>

²¹ <https://youtu.be/q6oqFvR00Uk>

também quero continuar. E eu quero servir de exemplo pros meus primos que se espelham em mim. Trabalho como professor de dança. Trabalho também aqui na Cia de Dança e no corpo de colaborador agora.

A partir do recorte exposto acima, entendendo o afeto como uma experiência de “pensar através”, reveladora de uma jornada formadora e cheia de vida. Massumi (2015) também explora o afeto como força que nos impulsiona a buscar uma próxima etapa, em vez da acomodação no presente, conectando-o intrinsecamente à esperança. Esse conceito transcende a simples emoção cotidiana, fundamentando-se na perspectiva de Baruch Spinoza sobre o corpo e sua potência de afetar e de ser afetado.

A trajetória de Kelven ilustra de forma contundente a translinguagem como uma prática translíngue corporificada. Diante da repressão familiar que silenciava seu desejo, seu corpo tornou-se o principal recurso semiótico para a construção de sua identidade. A dança não era apenas uma escolha artística, mas uma forma de *linguaging* (Becker, 1995), um "fazer" e um "ser" que lhe permitia comunicar o que não podia ser verbalizado. Nesse sentido, o palco do Moinho Cultural converteu-se em um *translinguaging space* (Li Wei, 2011) por excelência: um locus de liberdade onde ele podia mobilizar todo o seu repertório, movimento, expressão, música e afeto, para, em suas próprias palavras, "ser quem eu quisesse".

O Moinho ofereceu o repertório espacial (Pennycook, 2017) que o ambiente doméstico lhe negava; foi o "bom encontro" que permitiu que seu *conatus*, seu esforço para perseverar, se manifestasse e ampliasse sua potência de agir, transformando a dança em um ato de resistência, sobrevivência e, finalmente, de libertação.

No dia 15 de dezembro, ocorreu o *Moinho in Concert* 2024 intitulado “O Fazedor de Amanhecer”. Evento que no fim de cada ano, há 20 anos, é realizado no Instituto Moinho Cultural, e envolve todos os seus participantes. Meus orientadores e eu estávamos presentes para concluir o ciclo de visitas de minha pesquisa. Minha coorientadora e eu já havíamos assistido esse tipo de evento em anos anteriores, tendo uma ideia do que esperar. Meu orientador participava pela primeira vez, com expectativas baseadas em nossos relatos.

Naquele dia, no pátio do Moinho Cultural em Corumbá, Mato Grosso do Sul, Brasil, um grande palco aguardava as apresentações dos bailarinos e dos músicos. Chegamos cedo e aproveitei para apresentar as instalações e as pessoas ao meu orientador, proporcionando-lhe uma visão concreta de tudo o que havíamos discutido sobre o espaço.

Figura 24: Foto do pátio do Moinho



Fonte: A autora



²²Para ver um pouco mais da organização do palco, clique na parte vermelha do moinho, ou azul, ou na verdade, talvez na amarela.

Embora esperasse estar preparada para o evento, mantive-me aberta a quaisquer emergências que pudessem surgir durante a apresentação – e elas surgiram. Ao longo do espetáculo, dois telões exibiam imagens simultaneamente para o público. Nesse instante, permiti-me explorar o desconhecido e formulei perguntas que desejava obter respostas. Assim, você leitor, terá acesso a recortes dessa apresentação, de forma rizomática, sem uma ordem linear de início e fim. Ao final, disponibilizarei um link para que possa apreciar a beleza da apresentação em sua totalidade.

Posto isso, para culminar este capítulo, destaco os dois recortes que emergiram dessa apresentação e serão relatados e analisados a seguir.

4.3. ANDARILHOU. ANDARILHOU. ELE MIGRA. É UM ANDARILHO CAMINHANTE. UM MIGRANTE

Para analisar a complexidade comunicativa deste recorte, utilizo ferramentas que exploram as múltiplas camadas de significado em performances multimodais e espaços performáticos. A combinação e a interação entre diferentes semioses podem gerar significados que não emergiriam de análises isoladas. A translinguagem valoriza o conjunto dos recursos comunicativos e suas formas de utilização na construção de sentidos. Recorro às categorias interligadas de entextualização e indexicalidade propostas por Canagarajah (2020). Ao serem retirados de seus contextos originais e justapostos na cena, os diferentes textos interagem e ativam as referências indexicais uns dos outros.

A entextualização é um processo que retira um texto, verbal ou não verbal, de seu contexto original e o insere em um novo, gerando assim novos significados. Baseando-se em Kell (2010), Canagarajah (2020) define entextualização como o termo que indexa como os

²² <https://www.youtube.com/shorts/2R-S14XJu6w>

recursos sociais, espaciais e materiais se unem em uma assemblagem de textos. Mesmo que esses recursos provenham de outros contextos, são entextualizados em um produto novo e coerente. Acrescenta o autor que, além do que podemos capturar naquele momento, o texto e suas características indexaram outros contextos sociais, temporais e geográficos.

A categoria de indexicalidade proposta por Canagarajah (2020), implica que as identidades não são fixas, mas performadas e negociadas no espaço por meio de recursos comunicativos. A ativação de um amplo conjunto desses recursos - linguísticos, multimodais, materiais e culturais - constrói o significado e a identidade de maneira dinâmica e colaborativa. O significado emerge dentro de um espaço específico, em colaboração com outros participantes, que trazem seus repertórios espaciais de forma parcial, montados *in loco*. A comunicação se efetiva a partir da capacidade de mobilização e integração dos recursos disponíveis.

Concentro-me em um recorte da apresentação que inicia com a fala do apresentador, Sr. Caramujo. Paralelamente, personagens vestidos de preto começam a entrar, sinalizando uma mudança no tom da narrativa. A cor de suas vestimentas indexa seriedade, luto e dor, indicando um grupo coeso e a entextualização de uma força coletiva.

Figura 25: O Coral no Palco



Fonte: A autora

Essas pessoas são, na verdade, participantes de um coral de cantores bolivianos, convidados especiais para a apresentação. Eles vieram da Bolívia com o apoio de seus compatriotas residentes em Corumbá. Descontextualizados de sua função habitual como coral,

com o propósito de apenas cantar suas músicas tradicionais, e recontextualizados ao serem inseridos na apresentação, adquirem novos significados dentro da narrativa do espetáculo.

A performance do coral intensifica o impacto emocional das cenas com a força de suas vozes. Aqui, a entextualização abrangeu recursos semióticos como a imagem do grupo vestido de preto, sua entrada silenciosa e permanência em cena. Assim, criando uma atmosfera carregada de expectativa que contrasta com o início da música dos violinos, transcendendo a linguagem verbal. Ao começar a cantar, sob um olhar translíngue, eles transformam o tom da



narrativa, construindo significados outros, que representam a voz das vítimas retratadas na ²³apresentação.

Durante a entrada desses participantes, o locutor proferia suas palavras que podem ser lidas abaixo. Mas se você quiser ver e ouvir o locutor, Sr. Caramujo, clique na imagem ao lado e andarilhe.

... Quando já estávamos acostumados com aquele Bernardo árvore, ele bateu asas e voou. Voou. Voou e **andarilhou pelo mundo. Andarilhou.** Andarilho. Palavra com a qual eu me encanto. **É andarilho.** Não posso ver a palavra **andarilho** que eu não tenha vontade de dormir debaixo de uma ponte. Ou então de ver novamente assombrado o homem do saco. Que passava pela rua como se fosse um rei de andrajos. As suas poucas e desgastadas roupas e a cada passo que dava, um fim. **Andarilho** não precisa de fim para chegar. Ele mora no caminhar. Ele... Ele **migra.** É um **andarilho** caminhante. Um **migrante.** Morar no tempo e no relento pode ser se livrar da casca, tijolos, cimento, mas também pode ser **se perder de casa, do berço, da mãe,** do rebento, se perder da **língua mãe.** E andar pelo mundo, não por gosto, mas por banzo e despatriamento. Guerras, travessias, secas, cheias, mares e terras em chamas. E se perder no mundo. Travessias, secas, fronteiras, caminhos cruzados, vidas perdidas boiando nas praias.

A tocante e firme fala do apresentador, carregada de diversos sentimentos, é intensificada e ressignificada pelas modalidades semióticas e espaciais presentes na cena. Suas palavras, inspiradas na obra de Manoel de Barros e em fatos sobre a imigração, são retiradas de um contexto mais amplo e recontextualizadas quando inseridas nesse novo contexto performático.

Simultaneamente à narração, havia um personagem em palco que permanecia imóvel, em uma postura que evocava a imagem de uma árvore, com as mãos elevadas – aquele Bernardo árvore de Manoel de Barros. Neste momento, o Bernardo árvore é entextualizado no contexto da apresentação, indicando o trânsito de textos por diferentes contextos (Blommaert, 2011). Da obra do poeta para o palco do Moinho. O locutor entoava um canto melancólico. O personagem então começa a despir-se, e suas vestes agora revelam a cor bege que indexaliza falta de

²³ <https://youtu.be/9IRkQeQn1Vk>

pertencimento e apatia. Ao se despir, já não é mais aquele Bernardo. É recontextualizado a partir da ideia de andarilho que migra, que mora no relento, que pode se perder de casa, do berço de mãe. Esses elementos, reunidos em uma assemblagem, atuam como a recontextualização dessa fala, oferecendo uma interpretação visual, sonora e emocional da jornada dos imigrantes.

Figura 26: Sr. Caramujo e Bernardo-Árvore



Fonte: A autora

A articulação de elementos performáticos como movimento, som e imagem, evoca as dolorosas realidades da imigração. A música inicial, intensa e melancólica, performada por violino com notas pungentes, ressoa profundamente tocando o coração e a alma. Bailarinos entram em cena com expressões faciais apáticas e movimentos lentos, abraçando crianças indexalizando o desespero, a fragilidade e a insegurança de um imigrante, a angústia ao vivenciar uma imigração forçada. Assista essa cena clicando aqui na imagem do lado. A criança de camiseta vermelha, carregada nos braços, indexaliza a dor de todos os que perderam seus filhos em circunstâncias similares. No telão, são exibidas imagens trágicas e tristes, que percorreram o mundo, de imigrantes fugindo de suas terras, além da icônica foto da criança morta em uma praia.²⁴



Figura 27: As crianças no colo

²⁴ <https://youtu.be/OLcXoQQTWVk>



Fonte: A autora

Na intrincada e contextualizada interação de todos esses elementos, são indexicalizados significados ricos e multifacetados, que podem ter sido compartilhados de maneiras distintas pelo público presente. O significado daquelas cenas pode ressoar de uma forma para um imigrante na plateia e de outra para um habitante nascido em Corumbá ou em outra cidade. É importante levar em conta que Corumbá está localizada na fronteira de Brasil e Bolívia, onde imigrantes e locais convivem. A apresentação indexaliza não apenas a representação da imigração em escala global, mas também ativa um repertório compartilhado de conhecimentos, memórias e sentimentos entre os espectadores.

O recorte da apresentação, revela os elementos indexicais cruciais para o desenvolvimento desta comunicação, manifestados pela mobilização de diversos recursos: movimentos, música, figurinos, o espaço físico, o conhecimento cultural da audiência e recursos midiáticos como os telões.

Esses não são movimentos isolados, mas sim elementos do repertório espacial em uma interação complexa e situada que geram um significado profundo, evocando emoções e transmitindo narrativas de forma visceral. Os elementos da cena atuam como índices que remetem à realidade da imigração e transcendem a si mesmos.

Na próxima seção apresento o segundo recorte e sua análise translíngue e afetiva.

4.4. NO BARCO DOS SILÊNCIOS O CORPO CONTA HISTÓRIAS

²⁵A partir de um segundo recorte da apresentação do Moinho *in Concert* 2024, analiso a linguagem em movimento como uma prática social e interativa. Longe de ser um instrumento neutro, a linguagem é carregada de valores indexicais, tecendo associações e pistas que nos remetem a fenômenos sociais mais abrangentes. Blommaert (2011) comenta que a prática contínua de entextualização é constituída pelo trânsito de textos por diferentes contextos. Assim, a dinâmica e a complexidade da análise da linguagem em movimento são revelados na construção de sentidos no Moinho *in Concert* 2024. O recorte definido para esta análise, está na sequência de fotos que segue e pode ser visto na íntegra clicando no Moinho.

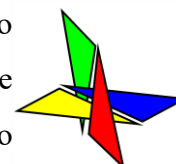


Figura 28: Linguagem em movimento



Fonte: A autora

Demonstra aspectos relevantes do deslocamento de textos conectando a ideia de linguagem em movimento e o conceito de entextualização. Extraí-se, assim, um trecho de produção linguística e o torna um texto, levando-o para fora de seu cenário internacional Bauman e Biggs (1990). Os recortes apresentados nos telões sobre a imigração e suas consequências, trazem aspectos relevantes sobre os processos de deslocamento de textos. Foram citados, comentados no mundo todo, a partir da mídia de forma geral, reverberando em

²⁵ <https://youtu.be/6bIEUvv-ed0>

múltiplas direções, atravessando diversas esferas sociais.

A apresentação desses vídeos proporciona uma análise profunda da trajetória pluridirecional dos textos. Ao transitar diferentes contextos e serem direcionados a diferentes públicos, os vídeos evidenciam que um texto pode ser recontextualizado e ressignificado em suas trajetórias. Em particular, tornam-se evidentes os traços de fluxo migratório específico, revelando as experiências daqueles que buscam refúgio. Através dessas narrativas visuais, suas histórias e vozes são entextualizadas e recontextualizadas. Assim, ganham novas camadas de significado e o alcance em diferentes esferas sociais.



²⁶No início do recorte, a melodia do acordeão se funde ao compasso dos tambores, ecoando o batimento de um coração. Para que você tenha uma melhor experiência sensorial desse momento, clique no Moinho ali do lado, mas antes coloque fone de ouvido e feche os olhos.

Figura 29: A melodia do acordeon e o compasso dos tambores



Fonte: A autora

Concomitantemente, as imagens exibidas nos telões, intensificam essa atmosfera, expondo a fragilidade e a vulnerabilidade humana. Diversas cenas são inseridas, mostrando várias situações envolvendo o tema. Dessa forma, potencializam a identificação do público ao

²⁶ <https://youtu.be/MtJ7fEyrSvk>

sofrimento daqueles forçados a deixar seus países, e nos emergem na experiência visceral, compartilhada por todos, independentemente de fronteiras.

A música, enquanto linguagem sonora, ao fundir-se com a dança – a linguagem do corpo – e as imagens como linguagem visual, estabelece uma comunicação translíngue que transcende as limitações das palavras. O recurso semiótico dos batimentos do coração, em sua interação com as imagens e os movimentos, intensifica a expressão de narrativa densa como a tragédia e a imigração. Assim, aprofunda a representação das complexas experiências humanas, evocando uma sensação sinestésica resultante dessa fusão sensorial que reside em sua habilidade de ir além da linguagem.

Esses movimentos indexam não apenas um esforço, mas a angústia, o sofrimento, o desespero dos que são forçados a deixar sua terra. Apontam para um horizonte de esperança em meio ao desespero. Os corpos dos bailarinos se contorcem e apontam para uma mesma direção.

Figura 30: Apontam para um horizonte de esperança



Fonte: A autora

Um clamor silencioso por amparo, por um refúgio seguro, por um futuro que lhes foi negado. Em cena, surgem dois bailarinos, cada um amparando uma criança nos ombros, que por sua vez carregam um barco em suas mãos erguidas acima da cabeça. Uma das crianças veste uma camiseta vermelha. As crianças nos ombros indexam a vulnerabilidade extrema, a perda da infância, a dependência no caos em que vivem. O barco, por sua vez, indexa as perigosas travessias, ecoando as cenas projetadas nos telões. Assim, a performance se configura

não como uma simples representação, mas como uma poderosa manifestação. A partir da entextualização de uma tragédia mais a carga indexical dos elementos cênicos, gera empatia e convida à reflexão sobre a crise ali representada.

Figura 31: A dependência no caos



Fonte: A autora

No palco, a criança vestida de vermelho entextualiza a tragédia real que aparece no telão. Uma criança imigrante que ao cair no mar se afogou. Seu corpo inerte, encontrado em uma praia, estampou a crueldade da crise migratória e sua foto ganhou visibilidade global. Essa entextualização carrega consigo um peso emocional e político imenso. A camiseta vermelha, ecoando a imagem icônica de Alan Kurdi, o garoto sírio, deixa de ser uma cor. Indexa uma história real de perda, da crise humanitária que assola as fronteiras.

Figura 32: Elementos recontextualizados



Fonte: A autora

Elementos retirados de seus contextos originais (a imagem do menino, o barco, a camiseta vermelha) são recontextualizados quando inseridos no novo contexto da apresentação artística do Fazedor do Amanhecer. Dessa forma, adquirem novas camadas de significado quando reinseridos. A imagem do menino sírio, quando recontextualizada na performance, deixa de ser uma lembrança de um fato e torna-se um símbolo poderoso de perda, vulnerabilidade, sendo sua camiseta recontextualizada como um índice carregado de emoção. O barco, um meio de transporte, é recontextualizado como a ideia de uma jornada migratória, perigosa, incerta, frágil e vulnerável. A dança recontextualiza a tragédia da imigração que é abordada pela linguagem corporal, do movimento e da expressão artística.

²⁷Na sequência, novos bailarinos adentram a cena, e seus corpos, em uma coreografia fluida, simulam o movimento de um barco. Clique no ícone e sinta como um espectador vendo o balançar da coreografia.



Figura 33: Os corpos e o movimento dos barcos



Fonte: A autora

Dialogando com as imagens previamente apresentadas, o movimento do barco intensifica o impacto emocional, personificando a jornada da travessia. No âmbito de uma performance artística, a entextualização de movimentos reais pode ser utilizada para construir uma linguagem indexical rica e sugestiva, sobretudo quando está integrada a um contexto como o da imigração forçada.

No clímax da apresentação, as duas crianças, antes nos ombros dos bailarinos, agora encenam um caminhar exaustivo, carregando o peso de um barco nas costas.

Figura 34: Um caminhar exaustivo: o peso do barco

²⁷ https://youtube.com/shorts/sbkePKB0_qU



Fonte: A autora

Seus movimentos indexam a exaustão extrema, fragilidade e a conclusão de uma jornada árdua. Uma conexão indexical é estabelecida com a realidade da morte de Alan Kurdi, quando o pequeno bailarino que o representava diante de nossos olhos tomba, replicando a exata postura da fotografia exibida no telão.

Figura 35: Cada um em seu tempo e espaço



Fonte: A autora

Ali, aquele corpo prostrado no palco, se torna um índice visual pungente daquele corpo real e da perda irreparável. Cada um em seu tempo e espaço. Converge para um ápice de significado, carregado de uma força indexical que, dentro da narrativa teatral, transcende a linguagem verbal e constrói o significado da cena.

Figura 36: A dor da perda



Fonte: A autora

Há um movimento circular de bailarinos dançando. Um deles se contorce ao lado do corpo inerte do menino de vermelho. Sua expressão física indexa o desespero, a pungência da dor e a proximidade sombria da morte, tornando-se índice da dor da perda. O cuidado com que recolhe o corpo inerte, abraçando, com carinho, indexa a compaixão, o afeto e a despedida. O rosto do bailarino, que você pode ver na foto logo abaixo, retrata toda essa dor profunda.

Figura 37: A dor da alma

Fonte: A autora

A música volta a ser tocada somente pelo acordeom e acompanha os passos lentos do bailarino com a criança em seus braços. Subitamente, não se ouve mais nenhum som. Os dois se retiram do palco e a imagem do menino de vermelho morto na praia surge no telão.

Na impressionante performance do "Fazedor de Amanhecer", o poder da dança está na sua habilidade de combinar indexicalidade e entextualidade para abordar a tragédia da

imigração forçada. A representação dos bailarinos que conduz crianças para erguer barcos indexa, através de sua sincronia e esforço, a jornada coletiva e árdua dos migrantes. No entanto, o sentido intensifica-se consideravelmente com a exibição nos telões dos horrores da imigração. Principalmente, da figura simbólica do menino imigrante de camiseta vermelha, uma imagem icônica que carrega um significado imediato e angustiante. Esta combinação estratégica transforma a cor da roupa de um mero pormenor, vinculado diretamente à perda de uma vida e a severidade da situação.

²⁸A exibição da imagem do menino de vermelho, morto na praia, naquele telão conclui a cena, reafirmando a entextualização daquela imagem verídica e de sua força indexical. A apresentação volta ao ponto inicial, intensificando a ligação entre a representação artística e a realidade trágica que a motivou. Vale ressaltar que toda essa cena se expressa de maneira poderosa por meio de práticas translíngues. A dança, a expressão corporal, a música e o silêncio transcendem os limites da comunicação verbal para despertar sentimentos e transmitir significados profundos acerca da dor, da perda e da tragédia da imigração forçada.



A performance utiliza uma estética que desperta diretamente a sensibilidade e provoca a empatia do público e reconstrói sentidos. Veja e sinta essa emoção clicando no Moinho ao lado.

Figura 38: Sr. Caramujo ressurgue melancólico



²⁸ <https://youtu.be/MItd7uCoyY>

Fonte: A autora

O público aplaude. O apresentador surge no palco, carregando uma visível tristeza em seus ombros. Ele se posta diante do barco que ocupava o centro do palco. Em um gesto lento e solene, retira seus objetos pessoais, colocando-os cuidadosamente no barco. Esse gesto carregado de significado, indexa os objetos à trajetória de vida, os anseios e às narrativas daqueles imigrantes. Uma música melancólica tocada por um piano ecoa em todo aquele espaço. Essa remoção cuidadosa e triste, indexa a perda e a ausência. Carrega o barco sobrecarregado e o coloca junto às mochilas perdidas em um canto do palco. Despojado de seus próprios bens, lança um olhar ao redor, retorna ao centro do palco e dirige as seguintes palavras ao público:

²⁹Eu. Eu não tenho a anatomia de uma garça para receber em mim os perfumes do azul. Mas eu recebo é uma **benção**. Se às vezes eu tenho uma **tristeza**, as andorinhas me namoram mais de perto. Eu fico enamorado. E é uma **benção**. Logo eu dou... contornos de ouro aos caracóis para que eles se tornem **peregrinos do chão**. E eles se tornem. E é uma **benção**. Até alguém já chegou de me ver a passar as mãos nos cabelos de **Deus**. Eu. Eu só queria...**agradecer**.(Grifos nossos)

Você pode ver e escutar o Sr. Caramujo clicando apertando ali >.

Na despedida do Sr. Caramujo, a indexicalidade se manifesta de maneira evidente através de sua carga emocional. Suas expressões de tristeza atuam como índices diretos de seus sentimentos. Enquanto a reiteração de “é uma benção” sugere uma tentativa de encontrar alívio ou resignação diante da emoção presente. Nesse instante de conclusão, sua fala funciona como um índice performativo de encerramento de um ciclo. A sequência de atos do apresentador – o recolher de seus objetos pessoais, suas palavras finais e sua partida – criam um texto final para que o público tenha a oportunidade de recontextualizar e ressignificar tudo a que foram expostos, dentro de suas próprias vivências.



Figura 39: A alegre volta dos bailarinos

²⁹ <https://youtu.be/ZoOlfwsraIw>



Fonte: A autora

³⁰Retornam os bailarinos ao palco com vestes mais fluidas e seus rostos irradiam alegria, acompanhando a leveza de seus movimentos que cativam o olhar. Clique no logo para sentir toda essa vibração.



A música, igualmente vibrante, eleva-se junto com o coral cantando uma música de júbilo: aleluia, aleluia. No telão aparece a figura de Manoel de Barros passando as mãos nos cabelos de Deus. Esta cena marca uma ruptura expressiva com o peso emocional que permeia as cenas anteriores. Através da linguagem da dança e da música, vislumbra-se uma perspectiva que transcende a dor, insinuando a possibilidade da esperança. As vestes, os sorrisos radiantes, os movimentos leves e a melodia unem-se para romper com a melancolia e celebrar a vida que persiste mesmo diante da tragédia.

A performance "O Fazedor de Amanhecer" pode ser compreendida como uma potente assemblagem afetiva, uma máquina complexa que agencia corpos, objetos, textos e sons para, eventualmente, produzir um efeito transformador no público. Mais do que um evento multimodal, o que ocorre é um processo de transemiotização (Lin, 2019), no qual o significado atravessa e se reconstrói em diferentes sistemas de signos: a tragédia da imigração, inicialmente apresentada como texto verbal e fotográfico nos telões, é transemiotizada para o movimento exaustivo dos bailarinos, para a cor indexical da camiseta vermelha e para a melodia pungente da música.

É essa travessia entre modos semióticos que gera o impacto visceral da performance. A estrutura do espetáculo, por sua vez, desenha um claro arco afetivo spinozista: as cenas iniciais, ao evocarem a dor da perda e do desterro, produzem no espectador afetos passivos (tristeza,

³⁰ <https://youtu.be/JxqbKh2lV9E>

angústia), diminuindo sua potência de agir. Contudo, a cena final, com a explosão de alegria, os movimentos fluidos e o canto de júbilo, opera uma virada, gerando afetos ativos (alegria, esperança) que elevam a potência do público e o conduzem a uma catarse, cumprindo a função da arte como força de transformação e afirmação da vida.



CONSIDERAÇÕES EM MOVIMENTO

O Moinho Cultural. É bem difícil falar do Moinho porque eu estou na instituição há 13 anos. Então, parte do que eu sou hoje, o Moinho cultural é responsável por isso. Todas as minhas vivências lá, acabaram que, definiram muito da minha personalidade também, de meu modo de pensar, modo de agir. Então, rapidamente assim, para contextualizar, eu entrei no Moinho como voluntário e fui muito bem acolhido na época e... fazendo assim, organização de biblioteca, alguma coisa bem pontual. E ali eu fui convidado para trabalhar, para ingressar junto aos colaboradores. E aí sim eu tive a real dimensão do tamanho do Moinho. Que vai muito além do tamanho do prédio, né, que é impactante, assim, pra quem chega e vê à primeira vista. É realmente algo que impressiona. Então eu pude descobrir, trabalhando lá, muito mais, que o moinho é muito mais do que uma instituição, um CNPJ. Ele é feito de muito amor, muitas pessoas, ou melhor, todos os que passam por ali, eles obrigatoriamente têm que ter muito amor pelo que fazem, porque não tem outra opção. Porque o Moinho Cultural é isso aí. Gera e gira muito amor. Então, é um sentimento de todos os dias que eu entro para trabalhar eu sei que cada criança que está ali dentro, ela está protegida. Ela deixa de estar em um lugar vulnerável, que é a rua, que são os pontos fracos da cidade, da nossa fronteira. Então o Moinho Cultural pra mim é isso, ele é um lugar de proteção, ele é um lugar de acolhimento, é um lugar de ajuda, um lugar de escuta, é onde você é visto, é onde você é ouvido. Então é um lugar que complementa a família. E por várias vezes o papel se inverte e o Moinho Cultural passa a cumprir o papel de família onde logo a gente detecta isso. Puxa a família junto e ajuda na reestruturação dessa família. (José Roberto dos Santos Junior, secretário executivo do Moinho Cultural)

Início as considerações em movimento com o depoimento de Beto, que revela a você, leitor, que esta pesquisa segue em pleno fluxo. Vejo nesse depoimento, mais uma história de vida que me fez ressignificar minhas concepções sobre a translinguagem para além do campo estrito da educação translíngua. A história de Beto está intrinsecamente ligada ao Moinho, não apenas corrobora com as análises aqui defendidas, mas também responde às inquietações desta pesquisa.

Contudo, não entendo como um ponto final, pois o Moinho, movido pelos ventos da fronteira, continua a girar. Ele gira com as pessoas que ali estão, com as que passam e passarão, soprando e soprando encontros e transformações. O Moinho gera, gira e continua a educar as pessoas para ser gente no mundo. Pessoas que afetam e são afetadas por suas histórias de vida e que ali seguem translinguando e “trans”formando.

Ao revisitar o título desta pesquisa, refiro-me aos encontros de trajetórias de vida que revelam as potentes experiências transformativas que emergem daquele espaço translíngue. Percorri um longo caminho para registrar nesta tese, a ressignificação de conceitos e uma perspectiva linguística que transcende aspectos de linguagem estruturalistas. Foi ao deixar fluir relatos de vida, relatos de si, que meu olhar sobre o Moinho, se transformou: de uma instituição que somente ensinava arte.

Meu contato inicial com o Moinho Cultural começou anos antes da concepção desta pesquisa, na posição de espectadora do espetáculo “Moinho *in Concert* 2022: Guadakan” e, no ano seguinte, “A Menina Passarinha”. Contudo, essa perspectiva de espectadora foi alterada ao ser convidada para participar em um projeto no Moinho que explorava o conceito de translinguagem. Foi quando comecei a estruturar os caminhos desta pesquisa. Pautada em Somerville (2008) e Maciel (2016), iniciei assim, a busca por novas possibilidades de produção de conhecimentos em um processo em movimento onde dados não planejados anteriormente podem emergir.

A minha percepção sobre o Moinho Cultural foi profundamente transformada ao longo das visitas que fiz à instituição. Começou a ser reconstruída ao entender que não se tratava de uma escola de dança e música. Foi necessário desconstruir essa ideia para ter a compreensão de que se trata de um espaço que educa as pessoas para ser um agente maior no mundo. Confesso que foi um longo processo que me exigiu novas formas de buscar respostas para perguntas que ainda não haviam sido formuladas. Entendi, por fim, que o meu verdadeiro tesouro, estava nos relatos de vida dos sujeitos pesquisados.

O processo de pesquisa assemelha-se a um labor artesanal, no qual não existe uma fórmula mágica que revele o caminho. A forma como percebemos e percorremos as etapas do ciclo da pesquisa, constitui o que entendemos por metodologia. Esta por sua vez, tem um papel central nas teorias, sendo definida por Minayo (2001, p. 16) como “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Assim, compreendo que, a pesquisa em artes, emoções e afetos, proporciona uma imersão que oportuniza métodos de investigação e ações que acolham e respondam às emergências que possam surgir.

Optei por uma abordagem de pesquisa qualitativa, fundamentada na metodologia emergente pós-moderna de Somerville (2007, 2012). Tal abordagem permitiu uma imersão criativa no processo investigatório buscando uma imersão sensorial no Moinho. Ter a oportunidade de não apenas estar no espaço, mas sentir seus cheiros e texturas, vivenciar suas experiências, observar sua plenitude, assim como meus sentimentos. Nesta etapa, as três

dimensões do processo da emergência concebidas pela autora são consideradas: *wondering*, *becoming* e *generating*.

Na dimensão do *wondering*, que propõe ir além de ideias preconcebidas e questionar o que ainda não foi considerado no processo da pesquisa, iniciei uma imersão física e mental naquele espaço. Buscando responder à pergunta da autora “onde você está nesta pesquisa?”, comecei um processo de questionamento do próprio ato de pesquisa e meu lugar nele. Compreendi que, no contexto do Moinho, minha investigação sobre o conceito de translinguagem, exigia uma ressignificação das minhas concepções, até então enraizadas em experiências de ensino regular.

Meu lugar na pesquisa tornou-se o de uma observadora de um espaço desconhecido, um contexto que desafiava as teorias presentes em meus trabalhos e leituras anteriores. Assim, ao longo desse processo, permaneci aberta para questionar e construir novos sentidos que justificassem as propostas teóricas em desenvolvimento. Portanto, para elaborar as definições da translinguagem e afeto em um espaço sem uma sala de aula convencional, e cujo objetivo não era o ensino de línguas, foi fundamental analisar como eu mesma era afetada pela minha própria pesquisa.

Na etapa do *becoming*, ao atravessar um processo de desconstrução, busquei me libertar de pensamentos lineares e ideologias pré-concebidas. Esse percurso me abriu para uma construção de conhecimento não linear, permitindo-me compreender fenômenos mais complexos e emergentes. Abandonei o papel de pesquisadora com ideias preconcebidas e adentrei em um processo liminar, um processo de transformação entre um estado de ser e o devir. Fui desafiada a viver em um mundo imprevisível e instável, onde o processo de desconstruir revelou-se essencial para poder construir novos sentidos para o mundo e minhas interações nele.

Na interação com os integrantes do Moinho, houve um processo de mútua afetação. Ao buscar desconstruir abordagens translíngues ao propor a investigação em um lócus diferente, utilizei como lente a teoria do afeto de Spinoza. Busquei compreender de que modo as percepções sensoriais e a potência dos afetos se configuram a partir da interação entre os corpos humanos e não humanos (línguas, textos, artefatos materiais etc.) nos mais variados contextos de comunicação.

Na fase do *generating*, tornei-me parte da pesquisa à medida que os sentidos eram produzidos. Adotei uma postura de gerar conhecimento a partir do inesperado, valorizando o que emergiu e que pudesse contribuir para a geração de novos sentidos. Como destaca

Somerville (2007, p. 235) “eu escolho gerar ao invés de saber”. A construção de sentidos ocorreu a partir da assemblagem das múltiplas representações e reflexões daquele dinâmico processo. Entre o planejamento inicial e o devir, estava um espaço aberto. No meu planejamento inicial abordaria conceitos translíngues entre os integrantes do Moinho que falavam espanhol e português, minha abertura a esse processo de surgimento que moldou a minha pesquisa.

Ao longo deste trabalho, compreendi que as abordagens translíngue e afetiva são, por natureza, fluidas e incompletas. O estágio de *generating* de Somerville (2007, p. 239) não representa a resolução entre *wondering e becoming*, mas um espaço “contínuo de emergência [...], um vir a ser fluído e que muda de forma”. Concordo com a autora ao afirmar que estamos sempre em um estágio intermediário, abertos às emergências, onde os encontros em que afetamos e somos afetados nos mantém abertos a novos questionamentos.

Neste espaço contínuo de emergências, busco construir e dar visibilidade a novos conhecimentos. Por meio da interação entre teoria, reflexão, dados gerados e minhas experiências no Moinho como pesquisadora, gero novos entendimentos e perspectivas. Esse foi um processo criativo e dinâmico que me conduziu a descobertas que não havia imaginado e que agora podem ser compartilhadas.

Ao me apegar a um dos aspectos centrais da translinguagem, o deixar fluir relatos de si, relatos de vida, defini o objeto desta pesquisa. Busquei observar como esse processo se delineia e quais os elementos o constituem, ampliando as possibilidades de ser, estar, dizer, sentir no mundo.

A análise da entrevista de Márcia, proporcionou uma catarse reveladora, encontrando as brechas que buscava nas teorias deste trabalho. Inicialmente, tracei um paralelo entre a trajetória de Márcia e a do Moinho: uma existência de luta e sobrevivência, movida pelo amor e pela arte, na busca por justiça social. Sua trajetória evidencia uma jornada de bons e maus encontros, porém, ressalta uma forte vontade de sobreviver. Ela criou um espaço que promove experiências formativas potentes, envolvendo o corpo em sua plena capacidade de sentir e ser afetada pelo mundo. Através desta análise, compreendi como podemos exercer a possibilidade de ser um agente maior nesse mundo, participando no processo de afetar e ser afetado.

A análise da trajetória de Kelven revela uma potente experiência formativa, marcada pela capacidade de afetar e ser afetado. Sua trajetória, permeada por bons e maus encontros, demonstra um notável esforço de autoconservação, seu *conatus*, manifestando esperança e coragem. Como se refere Massumi (2015), trata-se de uma jornada formadora e cheia de vida, compreendida aqui pelo conceito de “pensar através”, como um ato de criação de si.

A busca de Kelven que “só queria balé” culmina no palco, onde ele afirma: “Quando e... (pausa) eu estou no palco sinto a sensação de liberdade, né. Onde eu posso ser quem eu quiser.” Sob uma ótica espinosista, essa experiência dialoga com Silva (2018, p. 135) que vê a dança como uma “ocasião para que a máxima potência produtiva do corpo possa se manifestar. Produção artística, produção de corporeidades, mas também de espacialidades e temporalidades”. O sentimento de liberdade de Kelven no palco, é a prova de sua capacidade de agir em busca da liberdade, onde o corpo dançando, amplia sua capacidade de afetar e ser afetado.

A apresentação do Moinho *in Concert* de 2024, O Fazedor de Amanhecer, despertou em mim questionamentos que me impulsionaram a explorar o desconhecido. Os recortes que analisei revelaram uma complexidade comunicativa, na qual ferramentas multimodais são empregadas para explorar as múltiplas camadas de significado. A perspectiva translíngua, que valoriza o conjunto dos recursos semióticos, oferece um alicerce teórico fundamental para esta análise. Para tanto, recorri às categorias interligadas de entextualização e indexicalidade propostas por Canagarajah (2021). Os textos, ao serem extraídos de seus contextos originais e reinseridos na performance, interagiram e ativaram referências indexicais, confirmando o conceito de translinguagem que abordei no capítulo teórico desta tese.

A análise dos recortes da apresentação permitiu abordar a translinguagem a partir de uma perspectiva espacial mais ampla. Essa perspectiva, direcionada a uma capacidade de extração e deslocamento, mostrou como os textos circularam por diversos cenários e foram ressignificados em cada nova entextualização. A concepção de que os textos "viajam" não lhes atribui uma existência autônoma, pelo contrário, essa "viagem" textual está sempre enraizada em contextos socioculturais e históricos específicos.

Durante a apresentação, a exibição simultânea de textos nos telões e da performance no palco, nos convidaram a uma experiência imersiva. Fomos convidados a uma busca perspicaz por significados, ressignificando as imagens, sons e vozes do ambiente. A articulação de elementos performáticos como movimento e som evocaram realidades introduzidas pelos textos projetados nos telões. Ao analisar essa interação, fui tomada por um processo de “brainstorm”, uma análise profunda da trajetória pluridirecional dos textos. Ao transitarem por diferentes contextos e públicos, os vídeos evidenciaram como um texto pode ser constantemente recontextualizado e ressignificado.

A potência dos afetos também se revelou de forma marcante. O espetáculo de música e dança, promovido por uma instituição não governamental em uma cidade de fronteira, trouxe à

tona sentimentos que afetaram famílias e vidas em todo o mundo. Os telões abordaram a temática da imigração transcendendo as fronteiras entre a realidade e a arte, levando ao questionamento: onde estavam os imigrantes? Nas imagens projetadas ou no palco?

Retomo a ideia do Moinho que gira com os ventos de fronteira, com o fluxo de pessoas e encontros. Intenciono aqui, reafirmar que esta pesquisa somente encerra um ciclo, indicando que é um campo de pesquisa em aberto. Exemplo disso está nas imagens expostas que não da imigração, quando os telões apresentaram também as enchentes do Rio Grande do Sul e as queimadas no Pantanal. Reveja o vídeo do pequeno bailarino que é afetado por um encontro com a sala de dança e outras emergências que estão nesta pesquisa.

Acredite leitor, o Moinho é um campo de pesquisa em diversas frentes que está lá em Corumbá de braços abertos. É uma benção ter conhecido o Moinho em toda sua essência e ter o privilégio de levar a você leitor um pouquinho dos ventos desse moinho e dos bons encontros que elevaram minha potência de ser neste mundo.

Minha relação com o Moinho Cultural iniciou-se em 2022, como espectadora e, no ano seguinte, passei a acompanhar a Instituição enquanto pesquisadora do Doutorado em Linguística da UNEMAT. No entanto, a Lorene que começou a pesquisa, não é a mesma que a conclui; fui sendo afetada junto ao processo de construção das práticas do Moinho na medida que me aprofundi ao fazer as gravações, vídeos, anotações, dialogando com as leituras teóricas.

A assemblagem de elementos multissemióticos e afetivos, a partir de práticas translíngues, promoveram a minha imersão no mundo das linguagens artísticas, conduzindo-me a um universo que me modificou em definitivo. A dança e a música deixaram fluir uma magia, que me levou ao ápice de minha experiência: minha participação no *Moinho in Concert 2024*. Naquele momento, deixei de ser espectadora ou pesquisadora para me sentir, verdadeiramente parte integrante do Moinho

Com o coração apertado, concluo este ciclo, já sentindo a ausência do convívio diário com o Moinho Cultural em toda sua acepção. Uma pesquisa como esta nos envolve todos os segundos dos dias. Sinto falta de percorrer aquele espaço, assim, sem destino nem pressa. De ampliar minhas possibilidades de ser, estar, dizer, sentir naquele mundo mágico e real ao mesmo tempo. Sinto falta de parar meu carro do outro lado da rua e ficar observando o vai e vem de crianças, mães, colaboradores e amigos. Sinto falta de sentar-se em um canto qualquer das salas, ficar ouvindo os músicos tocando seus instrumentos ou os movimentos dos bailarinos. Sinto falta de estar na sala de práticas linguísticas e observar as crianças translinguando. Sinto

falta de poder sentar-se no camarim onde os bailarinos se preparavam para o espetáculo, vivenciar toda aquela efervescência de sentimentos. Quero ter o privilégio de poder estar com vocês no fim deste ano no Moinho *in Concert* 2024 e nos próximos também.

Assim como Márcia e Kelven, também fui afetada pelo meu encontro com o Moinho. Encerro este ciclo da pesquisa como uma outra Lorene; não mais a de antes, nem mais a observadora no processo de *becoming*, mas uma versão mais madura e consciente da importância desta tese.

E as trajetórias de vidas continuam a fluir como nas palavras de Beto:

Então... eu acho isso, dizendo isso, eu já digo o que o Moinho Cultural representa para mim, representa para a cidade, representa para as famílias, para as crianças. É um lugar que realiza sonhos, e desperta sonhos também. Então é um lugar que hoje, eu particularmente gostaria de ter tido um Moinho na minha vida. Tenho certeza de que teria aflorado várias veias artísticas minhas, que eu tenho retraída. Mas estar no Moinho já me fez uma pessoa melhor. Com certeza. Então eu desejo que a gente consiga romper cada vez mais barreiras de fronteiras e levar, senão o Moinho como um todo, esse sentimento que nós temos dessa instituição e por essa instituição a vários outros lugares.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DIGITAIS

ADAMI, E. Multimodality. In: GARCIA, O.; FLORES, N.; SPOTTI, M. (org.). **The handbook of language and society**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

AHMED, A.; MORGAN, B.; MACIEL, R. **Feeling our way: a trioethnography on critical affective literacy for applied linguistics**. 2021.

ALBARES, R. S. S. **Processo de construção de sentidos, afetividade e multissensorialidade na formação inicial de estudantes de letras**. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2022.

ANWARUDDIN, S. M. Why critical literacy should turn to ‘the affective turn’: making a case for critical affective literacy. **Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education**, Toronto, v. 37, n. 3, p. 381-396, abr. 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01596306.2015.1042429>. Acesso em: 14 mar. 2020.

ATHANASIOU, A; HANTZAROULA, P; YANNAKOPOULUS, K. Towards a new epistemology: The "Affective Turn". **Historein**, v. 8, p. 5-16, 2008.

BAKHTIN, M. (VOLÓCHINOV, Valentin). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michél Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini [et al.]. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. (Coleção Linguagem e Cultura).

BARBOSA, D. A.; MACIEL, R. F. Clampeando o cordão: a maternidade como um espaço multissemiótico de (des)construção de sentidos. **Revista Letras & Letras**, Uberlândia, UFU, v. 36, 2019.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. L. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. **Annual Review of Anthropology**, v. 19, p. 59-88, 1990.

BARROS, M de. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.

BECKER, A. L. **Beyond translation: essays toward a modern philology**. Michigan: University of Michigan Press, 1995.

BENNET, J. **Vibrant matter: a political ecology of things**. Durham: Duke University Press, 2010a.

BIAGGI, E. L. de C. Cinema e vídeo na obra de Guimarães Rosa: o percurso das adaptações dos textos rosianos e análise transemiótica da narrativa “Cara-de-Bronze”. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 163-172, 2013. Disponível em: <http://www.usp.br/bibliografia/obra.php?cod=22817&s=grosa>. Acesso em: 15 jan. 2025.

BLACKLEDGE, A.; CREESE, A. Translanguaging in mobility. In: CANAGARAJAH, S. (org.). **The Routledge handbook of migration and language**. Oxon; Nova Iorque: Routledge, 2017.

BLOMMAERT, J. **Ethnography, superdiversity and linguistic landscapes: chronicles of complexity**. Bristol: Multilingual Matters, 2013.

BLOMMAERT, J.; BACKUS, A. Superdiverse repertoires and the individual. In: SAINT-GEORGES, I.; WEBER, J. (orgs.). **Multilingualism and multimodality: current challenges for educational studies**. Roterdã: Sense, 2013. cap. 2, p. 11-32.

BLOMMAERT, J.; RAMPTON, B. Language and superdiversity. **Diversities**, v. 13, n. 2, p. 1-22, 2011.

BRAZÃO, José Carlos Chaves. Afecção e Afeto em Spinoza e Daniel Stern: Considerações Clínicas. *Ayvú, Revista de Psicologia*, v. 4, n. 2, p. 77-95, 2018.

CAMPOS, E. R. S. S. **Olhares situados de uma professora formadora acerca do afeto, a partir dos relatórios dos alunos do estágio supervisionado de língua inglesa, no curso de Letras da UNEMAT, sob a perspectiva da imanência do corpo em relação à mente**. 2023. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2023.

CANAGARAJAH, S. Materialising semiotic repertoires: challenges in the interactional analysis of multilingual communication. **International Journal of Multilingualism**, 2021.

CANAGARAJAH, S. Translingual practice as spatial repertoires: expanding the paradigm beyond structuralist orientations. **Applied Linguistics**, Londres, v. 39, n. 1, p. 31-54, 13 nov. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323720408_Translingual_Practice_as_Spatial_Repertoires_Expanding_the_Paradigm_beyond_Structuralist_Orientations. Acesso em: 10 jan. 2024.

CANAGARAJAH, S. Transnational work, translingual practices, and interactional sociolinguistics. **Journal of Sociolinguistics**, v. 24, n. 4, set. 2020. DOI: 10.1111/josl.12440. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/345413047_Transnational_work_translingual_practices_and_interactional_sociolinguistics. Acesso em: 10 jan. 2024.

CANAGARAJAH, S. **Translingual practice: global Englishes and cosmopolitan relations**. Londres: Routledge, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Espinosa: uma filosofia da liberdade**. São Paulo: Moderna, 2005.

CLOUGH, P. Introduction. In: CLOUGH, P.; HALLEY, J. (eds.). **The affective turn: theorizing the social**. Durham, NC: Duke University Press, 2007. p. 1-33.

CRESWELL, J. W. **Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2007.

DAMASIO, A. **Spinoza avait raison: joie et tristesse, le cerveau des émotions**. Paris: Odile Jacob, 2003.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. Tradução de Daniel Soares Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G. **Lecture transcripts on Spinoza's concept of affect**, 1978.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. D. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1985.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **A thousand plateaus**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.

DURANTI, Alessandro; GOODWIN, Charles (Eds.). *Rethinking Context: Language as an Interactive Phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

FERREIRA, A. J. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. **Revista da ABPN**, v. 6, n. 14, p. 236-263, 2014.

GARCÍA, O. Foreword: co-labor and re-performances. In: MORE, E.; BRADELY, J.; SIMPSON, J. **Translanguaging as transformation: the collaborative construction of new linguistic realities**. Bristol: Multilingual Matters, 2020a. p. xvii-xxii.

GARCÍA, O. The curvas of translanguaging. **Translation and Translanguaging in Multilingual Contexts**, v. 5, n. 1, 2019. John Benjamins Publishing Company.

GARCÍA, O.; KLEYN, T. Translanguaging theory in education. In: GARCÍA, O.; KLEYN, T. (orgs.). **Translanguaging with multilingual students: learning from classroom moments**. Nova York; Londres: Routledge, 2016.

GARCÍA, O.; SELTZER, K. The translanguaging current in language education. **Symposium**, 2015. (Documento técnico, código 47-12207-3-00).

GARCÍA, O.; WEI, L. **Translanguaging: language, bilingualism, and education**. Londres: Palgrave Macmillan, 2014. DOI: <http://doi.org/10.1057/9781137385765>.

GARCÍA, O.; WONG, N. Translanguaging: uncovering networks for unspeakable significance. In: LI, W.; PHYAK, P.; LEE, J. W.; GARCÍA, O. (eds.). **The handbook of translanguaging**. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, forthcoming.

GLEIZER, M. A. **Espinosa e a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GOODWIN, Charles. Action and Embodiment within Situated Interaction. *Journal of Pragmatics*, v. 32, n. 10, p. 1489-1522, 2000.

GRUBERT, R. P. **Se eu pudesse mudar algo apenas diria para ter mais aulas assim: multimodalidade, translinguagem e letramento crítico afetivo em um curso de graduação em Letras**. 2023. 129 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2023.

GUIMARÃES, T. F.; LOPES, L. P. M. Trajetória de um texto viral em diferentes eventos comunicativos: entextualização, indexicalidade, performances identitárias e etnografia. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 61, n. 1, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1704-1>. Acesso em: 14 jun. 2023.

HALLIDAY, M. A. K. Languages, and language, in today's changing world. Research seminar given at the University of Hong Kong, October 23, 2013.

HANKS, William F. Language and context. In: DURANTI, Alessandro (Ed.). *A Companion to Linguistic Anthropology*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2006. p. 160-181.

JESUS, P. B. M. Considerações acerca da noção de afeto em Espinosa. **Cadernos Espinosianos**, n. 33, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9012.espinosa.2015.105572>. Acesso em: 14 jun. 2023.

JEWITT, C. An introduction to multimodality. In: JEWITT, C. (ed.). **The Routledge handbook of multimodal analysis**. 2. ed. Nova York: Routledge, 2011. p. 28-39.

KALAM, Riasat. Translanguaging as multiplying and intensifying semiotic interactions. In: LI, Wei; ZHU, Hua (Eds.). *The Routledge Handbook of Translanguaging*. Abingdon: Routledge, 2022. p. 111-122.

KAWASHI, G. J.; ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. Letramento crítico e afeto na educação linguística contemporânea: reflexões sobre propostas educativas na universidade. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 25, n. 2, p. 36-52, 2023. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/46099>. Acesso em: 18 dez. 2023.

KELL, Catherine. Literacy, dialogue and assemblage. In: Pahl, K.; Rowsell, J. (Eds.). *Artifactual literacies: Every object tells a story*. New York: Teachers College Press, 2010. p. 162-176.

LENOIR, F. **O milagre Espinosa: uma filosofia para iluminar nossa vida**. Tradução: Marcos Ferreira de Paula. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

LI, W. A translanguagem como teoria prática da linguagem. **Linguística Aplicada**, v. 39, n. 1, p. 3-9, 2018.

LI, W. Moment analysis and translanguaging space: discursive construction of identities by multilingual Chinese youth in Britain. **Journal of Pragmatics**, n. 43, p. 1222-1235, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/1171773/Moment_analysis_and_translanguaging_space. Acesso em: 14 jun. 2023.

LI, W.; GARCÍA, O. Not a first language but one repertoire: translanguaging as a decolonizing project. **RELC Journal**, v. 53, n. 2, p. 313-324, 2022.

LIN, A. M. Y. Egalitarian bi/multilingualism and trans-semiotizing in a global world. In: WRIGHT, W. E.; BOUN, S.; GARCÍA, O. (eds.). **The handbook of bilingual and multilingual education**. West Sussex, UK: Wiley-Blackwell, 2015a. p. 19-37.

LIN, A. M. Y. Theories of trans/languageing and trans-semiotizing: implications for content-based education classrooms. **International Journal of Bilingual Education and Bilingualism**, v. 22, n. 1, p. 5-16, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13670050.2018.1515175>. Acesso em: 10 fev. 2025.

MACEDO, D. A. Fronteira Brasil-Bolívia em Mato Grosso: segurança pública, desenvolvimento social e a construção da identidade nacional. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, v. 4, n. 2, p. 219-239, jul./dez. 2017.

MACIEL, R. F. Por outras epistemologias de pesquisa em formação de professores. In: MARQUES, N. (org.). **Da formação continuada aos momentos de tensão em sala de aula: rizoma, emergência e letramentos**. Campinas: Pontes, 2016.

MACIEL, R. F.; FERRARI, L. F. D. N. Miradas situadas sobre translenguaje en una escuela en la frontera Brasil-Bolívia. **Raído (Online)**, v. 13, p. 102-122, 2019.

MACIEL, R.; PEREIRA, F. As dinâmicas das linguagens para além das fronteiras linguísticas e semióticas: diálogos entre multimodalidades e translinguagens em contextos médicos. In: GOMES, N.; MACIEL, R.; BARBOSA, V. (orgs.). **Olhares sobre os textos: verbal e não-verbal**. Jornada 4. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020.

MACIEL, R.; ROCHA, C. Dialogues on translingual research and practice: weaving threads with Suresh Canagarajah's views. **Revista X**, v. 15, n. 1, p. 7-31, 2020. Universidade Federal do Paraná.

MANCILLA-BARREDA, S. V. **Interculturalidades no contexto Puerto Quijarro (Bolívia)-Corumbá (Brasil): português língua de fronteiras: ensino, aprendizagem e formação de professores**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MARSTON, Sallie A.; JONES III, John Paul; WOODWARD, Keith. Human geography without scale. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 30, n. 4, p. 416-432, 2005.

MASSUMI, B. **Política de afeto**. Cambridge: Polity Press, 2015. Edição Kindle.

MAY, S. **The multilingual turn: implications for SLA, TESOL and bilingual education**. Londres: Routledge, 2014.

MIGNOLO, W. D. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

MIGNOLO, W. D.; WALSH, C. E. (eds.). **On decoloniality: concepts, analytics, praxis**. Durham, NC: Duke University Press, 2018. p. 57-80.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MOREIRA, Alexandre. O que pode o corpo? Afetos, encontros e produção da existência em Espinosa. In: LINS, Daniel; SILVA, Cleber Daniel da (Orgs.). **Afetos, um modo de usar**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 11-30.

MORGAN, B.; ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. Literacies in times of crisis: a trioethnography on affective and transgressive practices. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 21, n. 2, p. 333-369, 2021.

OTT, B. L. Affect in Critical Studies. **Oxford Research Encyclopedia of Communication**, Oxford, p. 1-26, ago. 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/34096680/Affect_in_Critical_Studies. Acesso em: 22 jun. 2023.

PENNYCOOK, A. Translanguaging and semiotic assemblage. **International Journal of Multilingualism**, Londres, v. 14, n. 3, p. 269-282, abr. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/316265797_Translanguaging_and_semiotic_assemblages. Acesso em: 12 jan. 2024.

PENNYCOOK, A.; OTSUJI, E.. **Metrolingualism: Language in the City**. London: Routledge, 2015.

PEREIRA, F. G.; MACIEL, R. F. Processos de construção de sentidos para além da dicotomia verbal e não verbal em contextos médicos. **Revista Philologus**, v. 25, p. 2674-2681, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2019.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. 12. reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

ROCHA, C. H. “Escute com seu corpo”: o potencial subversivo do afeto em tempos sombrios. **Revista X**, v. 15, n. 4, p. 115-125, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/76202/41649>. Acesso em: 12 nov. 2023.

ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. Affect and an enactive-performative approach to translanguaging. (No prelo).

ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. Ensino de língua estrangeira para prática translingue: articulações com teorização bakhtinianas. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 411-445, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/yxKXNQqJPQ3tLPVH9fFyFg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2024.

ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. Translinguagem, letramentos dinâmicos e multissensorialidade na educação linguística crítica. Live – Grupo de Pesquisa Multiletramentos, Permídia e Ensino, IEL/UNICAMP, 88 min., 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iviYCUh3FTU>.

ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. Radical social transformation, translanguaging, and decolonial language education for sustainability. **Revista Leia Escola**, v. 24, n. 2, p. 36-50, nov. 2024. DOI: 10.5281/zenodo.14052525.

ROCHA, C. H.; MEGALE, A. H. Translinguagem e seus atravessamentos: dos entendimentos conceituais e das possibilidades para decolonizar a educação linguística contemporânea. **D.E.L.T.A. Preprint**, 2021. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/2733/4794>. Acesso em: 11 abr. 2022.

ROLON, M. R. **A escola Moinho Cultural Sul-Americano no contexto fronteiriço Brasil-Bolívia**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2010.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SHOHAMY, E. LL research as expanding language and language policy. **Linguistic Landscape**, v. 1, n. 1/2, p. 152-171, 2015.

SHOHAMY, E.; BEN RAFAEL, E. Introduction: Linguistic landscape: a new journal. **Linguistic Landscape**, v. 1, n. 1/2, p. 1-5, 2015.

SILVA, C. V. Corpo e individuação: percursos espinosistas pela dança. **Doispontos**, Curitiba, São Carlos, v. 15, n. 2, p. 135-143, set. 2018.

SILVA, M. R. **Processo de construção de sentidos nas aulas de língua portuguesa no ensino médio sob a perspectiva translingue, multissensorial e afetiva**. 177f. 2024. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, Cáceres, 2024.

SILVERSTEIN, Michael. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language & Communication*, v. 23, n. 3-4, p. 193-229, 2003.

SILVERSTEIN, Michael. The functional stratification of language and ontogenesis. In: WERTCSH, James V. (Ed.). *Culture, communication, and cognition: Vygotskian perspectives*.

New York: Cambridge University Press, 1985. p. 205-235.

SOMERVILLE, M. Postmodern emergence. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, v. 20, n. 2, p. 225-243, 2007. DOI: 10.1080/09518390601159750.

SOMERVILLE, Margaret. *Water in a dry land: a journey into postmodern creative practice*. Tarragindi, QLD: Post Pressed, 2012.

SOUZA, L. M. T. M. de; HASHIGUTI, S. Decolonialidade e(m) Linguística Aplicada: uma entrevista com Lynn Mario Trindade Menezes de Souza. **Polifonia**, Cuiabá-MT, col. 29, n. 53, p. 1-262, jan.-mar. 2022.

SPINOSA, B. **Ética**: demonstrada à maneira dos geômetras. Trad. Joaquim de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes e Antônio Simões. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Os Pensadores).

SPINOZA, B. **Ética**. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2009.

TAKAKI, N. H. Da metodologia de pesquisa em letramentos e sociedade para a ética: implicações na formação continuada da comunidade científica. **Polifonia**, Cuiabá-MT, v. 19, n. 25, p. 87-110, jan./jul. 2012.

THIBAULT, P. J. The reflexivity of human languaging and Nigel Love's two orders of language. **Language Sciences**, v. 61, p. 74-85, 2017.

TOMKINS, S. S. Affect theory. In: EKMAN, P.; FRIESEN, W. V.; ELLSWORTH, P. (eds.). **Emotion in the human face**. 2nd ed. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 1982. p. 353-395.

VINCIGUERRA, L. Arte como ética: por uma estética da produção. Breve reflexão spinozista. **Viso: Cadernos de Estética Aplicada**, n. 8, p. 1-8, jan./jun. 2010.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WALSH, C. E. Interculturality and decoloniality. In: MIGNOLO, W. D.; WALSH, C. E. (eds.). **On decoloniality**: concepts, analytics, praxis. Durham, NC: Duke University Press, 2018. p. 57-80.

WONG, N.; GARCIA, O. Expandability and temporality in translanguaging spaces: a space-centred systematic observation of Kongish Saily. **Applied Linguistics Review**, 2025.